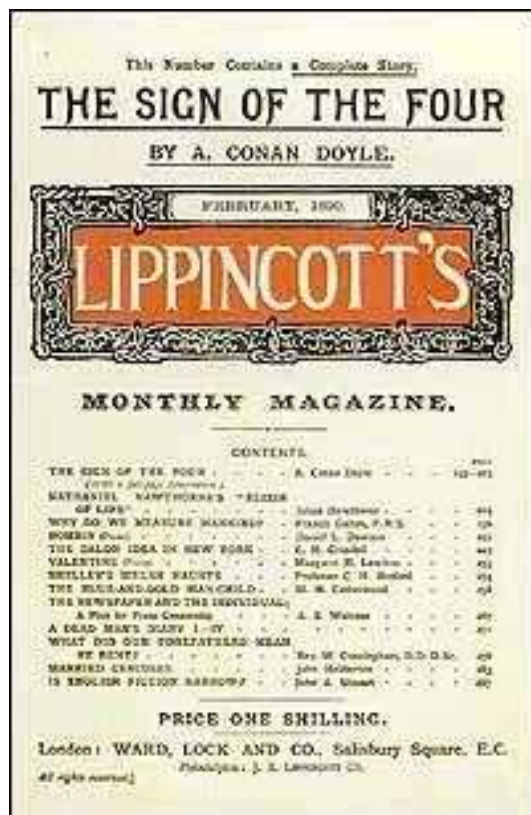
Arthur Conan Doyle

O signo dos quatro

Título original: The Sign of Four
Publicado em Lippincott’s Magazine, Fev., 1890.

Sobre o texto em português:
Este texto digital reproduz a
tradução de *The Sign of Four* publicado em
As Aventuras de Sherlock Holmes, Volume I,
editado pelo Círculo do Livro
e com tradução de Hamílcar de Garcia.

Primeira edição da Lippincott’s Magazine, 1890

SUMÁRIO

Capítulo primeiro: A ciência da dedução

— O meu cérebro — disse Sherlock Holmes — se revolta contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o mais abstruso criptograma, ou a mais intrincada análise, e estarei no meu elemento. Detesto a rotina monótona da existência. Preciso ter a mente em efervescência. E por isso que escolhi a minha profissão especial, ou melhor, criei-a, porque sou o único no mundo a exercê-la.

— O único detetive particular? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.

— O único detetive particular consultivo — redargüiu ele. — Sou o mais alto tribunal de apelação em matéria de pesquisa criminal. Quando Gregson, ou Lestrade, ou Athelney Jones se vêem em maus lençóis, como aliás é o seu estado normal, o assunto é apresentado a mim. Examino os dados como um técnico e dou um parecer de especialista. Não procuro honras nesses meus trabalhos, O meu nome não aparece nos jornais. O trabalho em si, o prazer de encontrar um campo para as minhas faculdades específicas, é a única recompensa que pretendo. De mais a mais, você já teve algum contato com os meus métodos de trabalho no caso de Jefferson Hope.

— É verdade — confirmei com entusiasmo. — E me impressionaram de tal modo, que até condensei o assunto numa pequena brochura com o título meio fantástico de Um estudo em vermelho.
Holmes abanou a cabeça tristemente.

— Passei os olhos por ela — disse ele. — Sinceramente, não posso felicitá-lo. A investigação é, ou devia ser, uma ciência exata e, como tal, tratada de maneira fria e sem a menor emoção. Você procurou lhe dar certo colorido romântico, o que produz o mesmo efeito de uma história de amor ou de um rapto transformados na quinta proposição da geometria euclidiana.

— Mas havia algo de novelesco — repliquei. — Eu não podia alterar os fatos.

— Deviam ter sido suprimidos alguns fatos, ou, pelo menos, tratados com um justo senso de proporção. Em todo esse caso, o único ponto que merecia referência é o curioso raciocínio analítico dos efeitos até as causas, por meio do qual eu consegui desvendá-lo.

Essa crítica a um trabalho feito especialmente para lhe agradar me aborrecia muito. Confesso também que me irritava aquele seu egoísmo, que parecia exigir que todas as linhas do meu livro fossem dedicadas exclusivamente às suas proczas. Mais de uma vez, durante os anos vividos com Holmes na Baker Street, tive ocasião de observar que uma pequena vaidade se escondia sob as suas maneiras discretas e didáticas. Não fiz, todavia, qualquer comentário, e continuei calado na minha cadeira, ocupado em tratar da minha perna ferida. Havia algum tempo que a bala de um mosquete afegão a tinha atravessado de lado a lado, e, embora eu pudesse caminhar, ela me doía bastante sempre que o tempo mudava.

— A minha clientela está se estendendo pela Europa — disse Holmes, após alguns momentos, enchendo o seu velho cachimbo de raiz de roseira. — Fui consultado na semana passada por François le Villard, que ultimamente, conforme você talvez saiba, tem adquirido algum renome no serviço francês de investigações. Ele possui a rápida intuição dos celtas, mas falta-lhe a grande bagagem de conhecimentos exatos, essencial para um maior desenvolvimento da sua arte, O caso relacionava-se com um testamento e tinha alguns aspectos interessantes. Tive oportunidade de relacioná-lo com dois casos paralelos, um em Riga, em 1857, e outro em St. Louis, em 1871, os quais lhe sugeriram a solução exata. Aqui está a carta que recebi esta manhã, agradecendo o meu auxílio.

Ao dizer isso, atirou-me uma folha amarrotada de papel de carta estrangeiro. Passei os olhos por ela, notando os abundantes pontos de exclamação e os “magni/iques”, “coa p5 de maitre” e “tours de /orce” que a pontilhavam, tudo denotando a ardente admiração do francês.

— Fala como de aluno para mestre — observei.

— Oh!, ele valoriza demasiado a minha assistência — disse Sherlock Holmes com indiferença. — Também ele tem um apreciável talento. Possui duas das três qualidades necessárias para um detetive ideal. Tem a capacidade de observação e a de dedução. Só lhe faltam os conhecimentos, que poderá adquirir com o tempo. Está traduzindo para o francês os meus pequenos trabalhos.

— Os seus trabalhos?

— Oh! você não sabia? — perguntou Holmes, rindo. — Sim, sou culpado de várias monografias. Todas versam sobre assuntos técnicos. Esta, por exemplo, intitula-se: “Da diferença entre as cinzas de vários tabacos”. Nela enumero cento e quarenta tipos de tabaco usados em charutos, cigarros e cachimbos, com lâminas coloridas que ilustram a diferença entre as cinzas. E um ponto que vem constantemente à baila nos processos criminais e que às vezes é de suprema importância como indício. Se você puder dizer positivamente, por exemplo, que determinado crime de morte foi praticado por um homem que estava fumando um charuto de tabaco indiano, é óbvio que isso reduz o campo das pesquisas. Para um olho experimentado, há tanta diferença entre as cinzas pretas de um Trichinopoly e as brancas de um Caporal como entre uma couve e um tomate.

— Você tem um gênio extraordinário para as minúcias — observei.

— Apenas avalio a sua importância. Eis aqui a minha monografia sobre o levantamento de pegadas, com algumas notas sobre as impressões. Este, por exemplo, é um curioso trabalhinho sobre a influência do ofício na forma da mão, com litografias das mãos de ardosieiros, marujos, corticeiros, compositores, tecelões e lapidadores de diamantes. E um assunto de grande interesse prático para o detetive científico. . . principalmente nos casos de corpos não-identificados, ou para descobrir os antecedentes dos criminosos. Mas estou aborrecendo-o com a minha mania.

— De modo algum — contestei sinceramente. — Isso é do maior interesse para mim, principalmente depois que tive a oportunidade de lhe observar a aplicação prática. Mas

você falava há pouco de observação e dedução. Até certo ponto uma implica a outra, não é verdade?

— Não, senhor. Só raramente — respondeu ele, recostando-se voluptuosamente na sua cadeira, e tirando do cachimbo finos anéis de fumaça azulada. — Por exemplo, a observação me mostra que você esteve esta manhã na agência postal da Wigmore Street, mas a dedução me faz saber que, ao chegar lá, expediu um telegrama.

— Correto — exclamei. — Correto em ambos os pontos! Mas confesso não perceber como possa ter chegado a isso. Foi uma coisa que de repente me deu na telha, e não a mencionei a ninguém.

— Pois é a própria simplicidade — afirmou ele, rindo da minha surpresa. Tão absurdamente simples que torna supérflua qualquer explicação. Contudo, pode servir para definir os limites da observação e da dedução. A observação me diz que você tem um pequeno torrão avermelhado preso à sola do sapato. Exatamente em frente à agência postal da Wigmore Street, abriram a calçada, deixando um pouco de terra no caminho, de forma que é difícil não pisá-la ao entrar. A terra é de um vermelho típico, que, até onde sei, não se encontra em qualquer outro lugar das redondezas. Tudo isso é observação. O resto é dedução.

— Como deduziu, então, que mandei um telegrama?

— Ora, evidentemente, eu sabia que não tinha escrito uma carta, uma vez que passei toda a manhã sentado à sua frente. Vejo, além disso, que há uma folha de selos na sua escrivaninha e um grosso maço de postais. Para que iria, então, à agência postal, senão para mandar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e o que restar deve ser a verdade.

— Nesse caso, não há dúvida de que é assim — repliquei, depois de meditar um instante. — Trata-se, como diz, de uma coisa muito simples. Seria impertinência minha se submetesse as suas teorias a uma prova mais rigorosa?

— Pelo contrário — respondeu ele. — Isso me impediria de ficar entediado algum tempo. Terei o maior prazer em examinar qualquer problema que me apresente.

— Já ouvi dizer que é difícil um homem ter consigo um objeto de uso diário sem deixar nele a marca da sua individualidade, de tal modo que um observador experimentado é capaz de interpretá-la. Pois tenho aqui um relógio que veio recentemente parar às minhas mãos. Quer ter a bondade de me dar a sua opinião sobre o caráter e os hábitos do último proprietário?

Entreguei-lhe o relógio não sem uma certa malícia, pois julgava impossível semelhante prova, e pretendia que isso lhe servisse de lição contra o tom um tanto dogmático que ele às vezes assumia. Holmes avaliou o peso do relógio com a mão, olhou atentamente o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou o mecanismo, primeiro a olho nu e depois com uma poderosa lente convexa. Mal pude reprimir um sorriso diante do seu rosto descoroçoado quando finalmente o devolveu a mim.

— Quase não há elementos — observou ele. — O relógio foi limpo recentemente, o que me roubou os fatos mais sugestivos.

— Tem razão — disse eu. — Fizeram uma limpeza geral antes de o enviarem a mim.

No íntimo, eu acusava o meu companheiro de esconder o seu fracasso sob a mais comum das desculpas. Que elementos poderia ele encontrar num relógio sujo?

— Apesar de pouco satisfatória, a minha pesquisa não foi de todo infrutífera observou ele, fitando o teto com os olhos sonhadores e sem brilho. — Se não me disser o contrário, julgo que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

— Deduziu-o, sem dúvida, do "H. W.' gravado nas costas?

— Exatamente. O W. sugere o seu nome. A data do relógio é de cinqüenta anos atrás, e as iniciais são quase tão antigas como o relógio: logo, foi usado pela última geração. As jóias geralmente passam para o filho mais velho, e é muito provável que este tenha o mesmo nome do pai. Seu pai, se bem me lembro, faleceu há muitos anos. Por conseguinte, o relógio estava nas mãos do seu irmão mais velho.

— Até aqui, tudo certo — disse eu. — Alguma coisa mais?

— Ele era um homem de hábitos desordenados... muito desordenados e descuidados. Iniciou a vida com boas perspectivas, mas desperdiçou as oportunidades, viveu algum tempo na pobreza, com intervalos ocasionais de prosperidade, e por fim, entregando-se à bebida, faleceu. Isto é tudo o que posso deduzir.

Pulei da minha cadeira e pus-me a coxear impacientemente pela sala. Aquilo me fazia doer o coração.

— Isso não é digno de você, Holmes — disse eu. — Nunca o teria imaginado capaz de descer tanto. Decerto andou fazendo indagações sobre a história do meu infeliz irmão, e agora finge ter deduzido de um modo abstruso aquilo que já sabia. Você não pode esperar que eu acredite nas suas palavras quando me diz que leu tudo isso nesse velho relógio! E cruel e, para falar com toda a franqueza, raia ao charlatanismo.

— Meu caro doutor — disse ele afavelmente —, queira aceitar o meu pedido de desculpas. Encarando o assunto como um problema abstrato, esqueci que era uma coisa íntima e dolorosa. Asseguro-lhe, todavia, que nem ao menos sabia da existência do seu irmão até o momento em que examinei o relógio.

— Mas então, em nome de tudo quanto é fantástico, como obteve esses fatos? São absolutamente corretos em todos os pormenores.

— Ah! Isso foi sorte. Só expus o saldo das probabilidades. Não esperava tamanha precisão.

— Mas não foi apenas pura adivinhação?

— Não, não. Jamais arrisco um palpite. Isso é um hábito chocante... fatal para a capacidade de raciocinar logicamente. O que lhe parece estranho o é apenas porque você não acompanhou a linha do meu pensamento nem observou pequenos fatos dos quais se podem tirar grandes deduções. Por exemplo, comecei por certificar-me de que seu irmão era descuidado. Observando a parte inferior da caixa desse relógio, notará que ela não está gasta apenas em dois lugares, mas está toda amassada e arranhada: conseqüência do hábito de guardar objetos duros, tais como chaves ou moedas, no mesmo bolso. Decerto, não é grande façanha supor que um homem que trata tão desdenhosamente um relógio de cinqüenta guinéus seja um homem descuidado. Também não é muito rebuscada a dedução de que uma pessoa que herda um objeto de tamanho valor não esteja bem provida noutros sentidos.

Inclinei a cabeça para mostrar que acompanhava o seu raciocínio.

— Nas casas de penhor da Inglaterra é muito comum gravarem o número da caução, com um alfinete, na parte interna da tampa. É mais prático do que uma etiqueta, e não há perigo de que o número seja trocado ou perdido. Há pelo menos quatro desses números visíveis para a minha lente, no interior dessa tampa. Dedução principal: seu irmão via-se freqüentemente em apuros financeiros. Dedução secundária: ocasionalmente melhorava de vida, pois, do contrário, não poderia resgatar o penhor. Finalmente, peço-lhe que olhe para a tampa interna, onde fica o buraco da chave. Veja os milhares de arranhões em torno dele... são marcas deixadas pela chave, ao escorregar. A mão firme de um homem sóbrio nunca teria feito esses sulcos. Mas podem-se vê-los sempre no relógio de um bêbado. Quando lhe dá corda, à noite, tem a mão insegura. Onde está o mistério disso tudo?

— É claro como o dia — respondi. — Lamento a injustiça que lhe fiz. Devia ter tido mais fé nas suas maravilhosas faculdades. Posso perguntar-lhe se atualmente tem alguma pesquisa em mãos?

— Nenhuma. Não posso viver sem trabalho mental. Haverá outra coisa pela qual valha a pena viver? Olhe para a janela. Já houve um mundo tão vazio, tão cinzento e deprimente? Veja como o nevoeiro rola pelas ruas, entremostrando as casas desbotadas. Haverá algo mais irremediavelmente prosaico e material? De que me vale ter essas faculdades, doutor, quando não há onde exercê-las? O crime é banal, a existência é banal, e as outras qualidades, exceto as que sejam banais, não têm função na face da terra.

Abri a boca para contestar essa tirada, quando, após uma decidida pancada na porta, a nossa senhoria entrou com um cartão de visita numa salva de bronze.

— Uma jovem deseja vê-lo — disse ela, dirigindo-se ao meu companheiro.

— Srta. Mary Morstan — leu ele. — Hum! Não me lembro desse nome. Diga à jovem que entre, sra. Hudson. Não se retire, doutor. Prefiro que fique aqui.

Capítulo segundo: Exposição do caso

A srta, Morstan entrou na sala com um passo firme e a maior compostura na aparência. Era uma jovem loira, pequena, elegante, de mãos enluvadas, e vestida com muito gosto e apuro. Havia, contudo, certa simplicidade no seu traje que denotava limitados recursos financeiros. Ele era de fazenda escura, mais cinza do que bege, sem guarnições nem enfeites. Ela usava também um pequeno turbante do mesmo tecido baço, alegrado apenas por uma pena branca de um dos lados. Seu rosto não tinha nem feições regulares nem beleza de traços, mas a expressão era doce e amável, e os grandes olhos azuis irradiavam simpatia e espiritualidade. Com toda a minha experiência em mulheres, que se estende por vários países e abrange três continentes, eu jamais vira uma face que tão eloqüentemente sugerisse uma natureza sensível e requintada. Não pude deixar de observar que, ao se sentar na cadeira indicada por Holmes, suas mãos e seus lábios tremiam, e que dava toda a aparência de grande perturbação íntima.

— Venho procurá-lo, sr. Holmes — disse —, porque uma vez o senhor auxiliou minha patroa, a sra. Cecil Forrester, a solucionar uma pequena complicação doméstica. Ela ficou muito impressionada com a sua gentileza e habilidade.

— Sra. Cecil Forrester repetiu ele, pensativamente. — Parece-me que tive a oportunidade de lhe prestar um ligeiro serviço. Mas, ao que me lembro, foi um caso muito simples.

— Ela pensa de maneira diferente. Seja como for, o senhor não poderá dizer o mesmo quanto ao meu caso. Não posso imaginar coisa mais estranha, mais inteiramente inexplicável, do que a situação em que me encontro.

Holmes esfregou as mãos, e os seus olhos brilharam. Inclinou-se para a frente da cadeira, com uma expressão de extraordinária concentração nas feições nítidas e aquilinas.

— Exponha o seu caso — disse ele, num tom ríspido de profissional.

Senti-me em posição deveras embaraçosa.

— Queiram desculpar-me — disse eu, levantando-me.

Para minha surpresa, a jovem ergueu a mão enluvada a fim de me deter.

— Se o seu amigo — disse ela — tiver a bondade de ficar aqui, talvez possa me prestar um inestimável serviço.

Voltei para a minha cadeira.

— Em resumo — disse ela —, os fatos são estes: meu pai, que era oficial de um regimento indiano, mandou-me para a Inglaterra quando eu ainda era criança. Minha mãe morrera, e eu não tinha qualquer parente aqui. Fui, contudo, para um excelente colégio de Edimburgo, onde permaneci como interna até os dezessete anos. Em 1878, meu pai, que então era capitão do regimento, obteve uma licença de um ano e veio à Inglaterra. De Londres, telegrafou-me dizendo que tinha chegado muito bem e que eu fosse procurá-lo imediatamente no Langham Hotel, onde estava hospedado. Era, lembro-me bem, uma mensagem cheia de bondade e carinho. Ao chegar a Londres, dirigi-me para o Langham e fui informada de que o capitão Morstan estava realmente hospedado ali, mas havia saído na noite anterior e não tinha voltado. Esperei todo o dia sem ter notícias dele. A noite, a conselho do gerente do hotel, comuniquei-me com a polícia, e, na manhã seguinte, pusemos anúncios em todos os jornais. As nossas indagações não trouxeram qualquer resultado; e desde aquele dia até hoje nada mais se soube a respeito do meu desventurado pai. Ele voltava à pátria com o coração cheio de esperança, procurando encontrar paz e conforto, e em vez disso.

Levou a mão à garganta, e um soluço sufocante interrompeu-lhe a frase.

— A data? — pediu Holmes, abrindo o seu caderno de anotações.

— Ele desapareceu a 3 de dezembro de 1878... há quase dez anos.

— A bagagem?

— Ficou no hotel. Nada havia nela que contivesse qualquer indicação: roupas, alguns livros e um grande número de curiosidades das ilhas de Adaman. Ele fora um dos oficiais da guarnição do presídio que existe lá.

— Tinha muitos amigos aqui em Londres?

— Sabemos apenas de um... o major Sholto, que era do mesmo regimento, o 34.° de Infantaria de Bombaim. Q major tinha se aposentado havia pouco tempo e morava em Upper Norwood. Nós o procuramos, naturalmente, mas ele nem sequer sabia que o seu colega de regimento se encontrava na Inglaterra.

— Um caso singular — observou Holmes.

— Ainda não lhe expus a parte mais singular — disse a srta. Morstan. — Há cerca de seis anos. . . no dia 4 de maio de 1882, para sermos exatos. . . apareceu um anúncio no Times pedindo o endereço da srta. Morstan e dizendo que seria do seu interesse apresentar-se. Não dizia onde nem a quem. Nessa época eu começara a trabalhar para a família da sra. Cecil Forrester na qualidade de governanta. A conselho dela, publiquei o meu endereço na coluna dos pequenos anúncios. No mesmo dia, chegou pelo correio uma caixinha de papelão, dirigida a mim, na qual encontrei uma grande pérola de fino oriente. Não havia qualquer palavra escrita. Desde então, todos os anos, na mesma data, aparece uma caixa idêntica, com uma pérola idêntica, sem qualquer referência quanto ao remetente. Segundo o perito que as examinou, são pérolas de um tipo raro e têm grande valor, O senhor pode verificar como são belas.

Abriu uma caixinha chata, enquanto falava, e me mostrou seis pérolas das mais lindas que já vi.

— Sua declaração é muito interessante — disse Sherlock Holmes. Aconteceu-lhe mais alguma coisa?

— Sim, e justamente hoje. É por isso que vim aqui. Hoje de manhã recebi esta carta, que talvez o senhor queira ler.

— Muito obrigado — disse Holmes. — O envelope também, por favor. Carimbo: Londres S. W. Datado de 7 de julho. Hum! Marca de um polegar masculino no canto... provavelmente do carteiro. Papel da melhor qualidade. Envelope de seis pence o maço. Pessoa exigente em matéria de papelaria. Nenhum endereço. “Esteja na terceira coluna da esquerda diante do Lyceum Theatre, esta noite, às sete horas. Se desconfiar, venha com dois amigos. Sofreu um dano, e será feita justiça. Não traga a polícia. Se o fizer, tudo será em vão. Um amigo desconhecido.” Não há dúvida, isto é realmente um pequeno mistério! Que pretende fazer, srta. Morstan?

— É precisamente o que lhe desejo perguntar.

— Então iremos sem falta... a senhora, eu e... ah!, sim, o dr. Watson é o homem indicado. O seu correspondente diz dois amigos. O doutor e eu já temos trabalhado juntos.

— Mas será que ele quer ir? — perguntou a jovem, com certo tom de súplica na voz e na expressão.

— Será uma honra e uma satisfação — disse eu com veemência —, se puder prestar-lhe um serviço.

— Ambos são muito bondosos — volveu ela. — Tenho levado uma vida retirada, e não tenho amigos a quem apelar. Se eu voltar aqui às seis, está bem?

— Não deve vir mais tarde — disse Holmes. — Mas ainda há um outro ponto. Essa letra é a mesma do endereço que vinha nas caixinhas com as pérolas?

— Tenho-as aqui — respondeu ela, apresentando meia dúzia de pedaços de papel.

— A senhora é sem dúvida uma cliente modelo. Tem a intuição devida. Vejamos, então.

Holmes espalhou os papéis sobre a mesa e começou a olhar rapidamente de um para outro.

— São letras disfarçadas, exceto a da carta — disse ele pouco depois. — Mas não há dúvida quanto à autoria. Veja como o irrepreensível i é interrompido, e o floreio final do s. Foram indubitavelmente escritos pela mesma pessoa. Não quero insinuar falsas esperanças, srta. Morstan, mas não há nenhuma semelhança entre esta letra e a de seu pai?

— Nada poderia ser mais diferente.

— Esperava que me dissesse isso. Muito bem. Vamos esperá-la às seis. Permita-me, por favor, que fique com estes papéis. Talvez eu tenha tempo de examiná-los mais a fundo. São apenas três e meia. *Au revoir*, então.

— *Au revoir* — respondeu a nossa visitante; e, com um olhar vivo e afável para cada um de nós, repôs no seio a caixinha com as pérolas, retirando-se a passos rápidos.

Em pé junto à janela, vi-a descer desembaraçadamente a rua, até que o turbante cinzento e a sua pena branca se tornaram apenas um pontinho claro na multidão incolor.

— Que mulher atraente! — exclamei, voltando-me para o meu companheiro.

Ele reacendeu o cachimbo e recostou-se novamente na sua poltrona, com as pálpebras semicerradas.

— É? — disse ele, languidamente. — Não notei.

— Você é realmente um autômato... uma máquina de calcular — bradei-lhe. —— As vezes, tem qualquer coisa de positivamente inumano.

Holmes sorriu ligeiramente.

— É de capital importância — disse ele — não permitir que o nosso julgamento seja distorcido por qualidades pessoais. Para mim, um cliente é uma simples unidade, um dado num problema. As qualidades emotivas não se coadunam com um raciocínio claro. Afirmo-lhe que a mulher mais encantadora que já vi foi enforcada por ter envenenado três criancinhas para ficar com o dinheiro do seguro, e que o homem mais repulsivo que conheço é um filantropo que já gastou quase um quarto de milhão com os pobres de Londres.

— Neste caso, entretanto.

— Nunca faço exceções. Uma exceção anula a regra. Já teve ocasião de estudar grafologia? Que me diz da letra desse sujeito?

— E legível e regular — respondi. — Talvez um homem de hábitos comerciais e com certa força de caráter.

Holmes abanou a cabeça.

— Veja as letras ascendentes — disse ele. — Mal sobressaem das outras. Este d poderia ser um á, e este 1, um e. Os homens de caráter diferenciam sempre as letras compridas, por ilegível que seja a sua escrita. Há uma certa indecisão nos seus kk e amor-próprio nas maiúsculas. Agora vou sair. Preciso de algumas referências. Permita-me que lhe recomende este livro... um dos mais notáveis que já se escreveram. É o Martírio do homem, de Winwood Reade. Voltarei dentro de uma hora.

Sentei-me junto da janela com o livro na mão, mas os meus pensamentos estavam longe das ousadas especulações do escritor. Revia mentalmente a nossa visitante... os seus sorrisos, o timbre sonoro de sua voz, o estranho mistério que pairava sobre a sua

vida. Se ela contava dezessete anos quando o pai desaparecera, devia ter agora vinte e sete... uma doce idade, na qual a juventude já perdeu o embaraço que lhe é próprio e se tornou um pouco reservada pela experiência. Assim, continuei a meditar, até me virem à cabeça pensamentos tão perigosos que corri para a minha escrivaninha e mergulhei furiosamente no último tratado de patologia. Quem era eu, um médico militar, com uma perna fraca e situação financeira ainda mais débil, para me atrever a pensar em tais coisas? Ela era uma unidade, um dado... nada mais. Se o meu futuro era negro, certamente era melhor enfrentá-lo como homem do que procurar abrilhantá-lo com as vespas da imaginação.

Capítulo terceiro: À procura de uma solução

Já eram cinco e meia quando Holmes voltou. Estava alegre, animado, e com excelente disposição de espírito, um estado que nele se alternava com crises da mais profunda depressão.

— Não há grande mistério neste assunto — disse ele, pegando a xícara de chá que eu acabava de lhe servir. — Os fatos parecem admitir somente uma explicação.

— O quê? Você já o solucionou?

— Bem, isso seria dizer demais. Descobri um fato sugestivo, e é tudo. É, todavia, muito sugestivo. Acabo de verificar, ao consultar a coleção do Times, que o major Sholto, de Upper Norwood, pertencente ao 34.° Regimento de Infantaria de Bombaim, faleceu a 28 de abril de 1882.

— Talvez eu seja muito obtuso, Holmes, mas não vejo o que isso possa sugerir.

— Não? Você me surpreende. Encare-o, então, desta maneira: o capitão Morstan desaparece. A única pessoa em Londres a quem ele pode ter visitado é o major Sholto. O major Sholto afirma não saber que o seu amigo estava em Londres. Uma semana após a sua morte, a filha do capitão Morstan recebe um valioso presente, que é repetido a cada ano e agora culmina com uma carta que diz que ela sofreu um dano. A que dano poderá referir-se, exceto ao de a terem privado do pai? E por que motivo os presentes começariam logo após a morte de Sholto, a menos que o herdeiro de Sholto, sabendo do mistério, desejasse oferecer uma compensação? Sugere alguma outra hipótese que apresente o mesmo dilema e enquadre os fatos?

— Mas que compensação mais estranha! E oferecida de maneira igualmente estranha! Por que motivo, também, escreveria ele uma carta agora, e não há seis anos? Além disso, a carta fala em fazer-lhe justiça. Que justiça lhe podem fazer? É demais supor que o pai ainda esteja vivo. E, ao que se sabe, não há outra injustiça no caso dela.

— Há algumas dificuldades... certamente há — disse Holmes, pensativo. — Mas a nossa expedição desta noite vai resolvê-las todas. Olhe, lá está o carro com a srta. Morstan. Está pronto? Então é melhor irmos descendo, pois já passa um pouco da hora.

Peguei o chapéu e a minha bengala mais grossa, mas observei que Holmes tirava o seu revólver da gaveta e o enfiava no bolso. Pensava, evidentemente, que o nosso trabalho noturno talvez fosse sério.

A srta. Morstan estava abrigada numa capa escura, e o seu rosto delicado mostrava-se sereno mas pálido. Ela não seria mulher se não sentisse certo desassossego perante a estranha empresa em que nos íamos meter, mas mesmo assim estava perfeitamente senhora de si, e respondeu com presteza a algumas perguntas adicionais que Sherlock Holmes lhe fez.

— O major Sholto era amigo íntimo de meu pai — disse ela. — Suas cartas estão cheias de referências ao major. Ele e meu pai comandavam a guarnição das ilhas Andaman, de forma que estavam em freqüente contato. A propósito, na escrivaninha de meu pai foi encontrado um papel curioso, que ninguém pôde entender. Não me parece que tenha a menor importância, mas pensei que talvez o senhor quisesse vê-lo, de modo que o trouxe comigo. Ei-lo.

Holmes desdobrou o papel cuidadosamente e alisou-o sobre um dos joelhos. Depois, muito metodicamente, examinou-lhe toda a superfície com a sua lente dupla.

— Foi fabricado na Índia — observou. — Esteve algum tempo pregado numa prancha. O diagrama nele traçado parece ser parte da planta de uma grande construção, com inúmeros saguões, corredores e passagens. Num determinado ponto, há uma pequena cruz feita com tinta vermelha, e acima dela: “3.37 vindo da esquerda”, escrito a lápis, quase apagado. No canto esquerdo, há uma espécie de hieróglifo formado por quatro cruzes em linha, com os braços ligados. Ao lado está escrito, em caracteres muito grosseiros: “O signo dos quatro: Jonathan Small, Muhammed Singh, Abdullah Khan, Dost Akbar”. Não, confesso que não vejo qual a relação disto com o assunto. Contudo, é evidentemente um documento importante. Estava cuidadosamente guardado dentro de uma agenda de bolso, porque uma face está tão limpa como a outra.

— Foi na agenda de bolso dele que o encontramos.

— Guarde-o cuidadosamente então, srta. Morstan, pois talvez esse papel nos seja útil. Começo a suspeitar que este assunto talvez seja mais profundo e sutil do que a princípio supus. Devo reconsiderar as minhas idéias.

Holmes recostou-se no assento do carro, e logo os olhos vagos e a expressão sombria do seu rosto me indicaram que se embrenhara em seus pensamentos. A srta. Morstan e eu tagarelávamos a meia voz sobre a nossa presente expedição e os seus possíveis resultados, mas o nosso companheiro manteve a sua impenetrável reserva até o final da viagem.

Era uma noite de setembro, e, apesar de ainda não serem sete horas, já estava bastante escuro devido ao denso nevoeiro que, após um dia sombrio, envolvia agora a grande cidade. Nuvens cor de barro desciam melancolicamente sobre as ruas enlameadas. No Strand, os lampiões eram apenas manchas nevoentas de luz difusa, lançando uma fraca reverberação circular no pavimento viscoso. O clarão amarelado das vitrines refletia-se no ar vaporoso, projetando uma luz lôbrega e inconstante sobre as calçadas apinhadas. Para mim, havia qualquer coisa de espectral e amedrontador na interminável procissão

de rostos que assomavam e desapareciam naqueles estreitos fachos de luz: rostos tristes e alegres, abatidos e risonhos. Como todo o gênero humano, passavam da sombra para a luz e voltavam novamente para a sombra. Não me impressiono facilmente, mas a noite fosca e melancólica, aliada à estranha missão que nos levava, combinavam-se para me tornar nervoso e deprimido. As maneiras da srta. Morstan davam-me a entender que ela também experimentava o mesmo sentimento. Somente Holmes podia pairar acima das influências comezinhas. Tinha o seu caderno de apontamentos aberto sobre os joelhos, e de quando em quando garatujava cifras e notas à luz da sua lanterna de bolso.

No Lyceum Theatre, o público já se apinhava diante das entradas laterais. Pela fachada principal, rumorejava um contínuo desfile de carruagens, que ali deixavam a sua carga de homens de peito engomado e mulheres com capas e diamantes. Logo após termos chegado à terceira coluna, que era o nosso ponto de encontro, um homem baixo, moreno, empertigado, vestido de cocheiro, aproximou-se de nós.

— São as pessoas que vêm com a srta. Morstan? perguntou ele.

— Sou a srta. Morstan, e estes dois cavalheiros são meus amigos — disse ela.

O recém-chegado observou-nos com olhos admiravelmente penetrantes.

— Desculpe-me, senhorita — disse ele, de modo um tanto rude —, mas preciso que me dê sua palavra de que nenhum dos seus companheiros é agente da polícia.

— Dou-lhe a minha palavra de honra a esse respeito — respondeu ela.

O homem soltou um assobio agudo e, ato contínuo, um rapazinho maltrapilho encostou um cupê à nossa frente e abriu a porta. O homem subiu para a boléia, e nós fomos para os nossos lugares. Mal acabávamos de nos sentar, o cocheiro fustigou o cavalo, e arrancamos numa vertiginosa corrida através das ruas nevoentas.

A situação era curiosa. Dirigíamo-nos para um lugar ignorado, em missão igualmente ignorada. Contudo, ou aquele convite não passava de uma burla — o que era uma hipótese inconcebível —, ou então tínhamos bons motivos para pensar que a nossa viagem teria conseqüências importantes. A atitude da srta. Morstan continuava tão resoluta e composta como antes. Tentei alegrá-la e diverti-la com reminiscências das minhas aventuras no Afeganistão; mas, para dizer a verdade, eu próprio estava tão excitado com a nossa situação, e tão curioso quanto ao nosso destino, que as minhas histórias sofreram certa confusão. Ainda hoje ela afirma que eu lhe contei um emocionante caso de um mosquete que olhou para a minha barraca altas horas da noite e no qual dei um tiro com um filhote de tigre de dois canos. A princípio, tinha uma certa noção do rumo que tomávamos, mas, em seguida, com aquela correria, o nevoeiro e o meu escasso conhecimento de Londres, perdi a orientação e não sabia mais nada, exceto que o caminho parecia muito longo. Sherlock Holmes, entretanto, ia perfeitamente à vontade, sussurrando os nomes enquanto o cupê atravessava praças e entrava e saía por tortuosas travessas.

— Rochester Row disse ele. — Agora é a Vincent Square. Sairemos na Vauxhall Bridge Road. Aparentemente, vamos para os lados de Surrey. Sim, era o que eu pensava. Estamos sobre a ponte. Entrevê-se o rio de quando em quando.

Com efeito, vimos ligeiramente uma nesga do Tmisa, com os lampiões refletindo-se na água escura e silenciosa; mas o nosso carro seguiu adiante, e logo se embrenhou no labirinto das ruas da margem oposta.

— Wandsworth Road — disse o meu companheiro. Priory Road. Lakhall Lane. Stockwell Place. Robert Street. Coldharbour Lane. A nossa investigação não parece nos levar a zonas muito elegantes.

Tínhamos, realmente, alcançado um bairro duvidoso e mal-afamado. Longos conjuntos de casas sombrias, com fachadas de tijolos, eram apenas aliviados pelo clarão incerto das tavernas nas esquinas. Seguiram-se depois ruas e ruas de casas com um jardinzinho à frente, e novamente os intermináveis conjuntos de construções novas com suas gritantes fachadas de tijolo. . . tentáculos monstruosos que a cidade gigantesca ia lançando para o campo. Por fim, o cupê se deteve diante da terceira casa de uma rua recém-aberta. Nenhuma das outras casas estava habitada, e a que tínhamos à frente estava tão escura como as vizinhas, exceto por um bruxulear na janela da cozinha. Ao batermos, porém, a porta foi imediatamente aberta por um criado indiano, de turbante amarelo, roupas brancas e folgadas, e uma faixa também amarela. Havia algo de estranhamente incoerente naquela figura oriental enquadrada na porta comum de uma residência suburbana de terceira categoria.

— O *sahib* os espera — disse ele, mas simultaneamente ouviu-se uma voz alta e aguda que vinha de alguma sala interior.

— Traga-os aqui, *khitmutgar* [1] — gritou ele. — Traga-os imediatamente à minha presença.

[1] “Criado”, em hindi. (N. do T.)

Capítulo quarto: A história do homem calvo

Acompanhamos o indiano através de um corredor sórdido e vulgar, mal-iluminado e ainda mais mal-mobiliado, até uma porta à direita, que ele abriu. Um jato de luz amarelada inundou-nos, e no centro desse fulgor deparamos com um homenzinho de cabeça pontuda, orlada por uma linha eriçada de cabelos ruivos que lhe acentuavam o cocuruto calvo e reluzente, como um pico montanhoso emergindo entre abetos.

Estava de pé, esfregando as mãos, com as feições em contínuo movimento, ora sorrindo, ora enrugando a testa, sem um instante de repouso sequer. A natureza tinha lhe dado um lábio pendente e uma linha demasiado visível de dentes amarelos e irregulares, que ele em vão procurava esconder, passando continuamente a mão na parte inferior do

rosto. A despeito da calvície conspícua, parecia jovem. Aliás, acabava de entrar na casa dos trinta.

— Um criado seu, srta. Morstan — repetia ele, numa voz estridente. — Um criado seu, cavalheiros. Queiram entrar no meu refúgio. Ë uma salinha pequena, senhorita, mas mobiliada de acordo com o meu gosto. Um oásis de arte no áspero deserto de South End.

Ficamos atônitos ante o aspecto do aposento em que ele nos introduziu. Naquela casa desolada, parecia tão fora de lugar como um diamante de primeira água num engaste de latão. As mais ricas e soberbas cortinas e tapeçarias revestiam as paredes, arrepanhadas aqui e ali para mostrar um quadro finamente emoldurado ou um vaso oriental, O tapete era negro e âmbar, tão macio e espesso que os pés se afundavam agradavelmente nele como num leito de musgo. Duas grandes peles de tigre, em cima dele, aumentavam a impressão de iuxo oriental, bem como um enorme narguilé, a um canto, sobre uma esteira. Um candeeiro de prata, lavrado em forma de pomba e preso a um fio de ouro quase invisível, pendia no centro da sala. Ardia nele uma substância aromática que impregnava docemente o ar.

— Sr. Thaddeus Sholto — disse o homenzinho, com os seus trejeitos e sorrisos. — É o meu nome. É a srta. Morstan, sem dúvida. E esses cavalheiros.

— Sr. Sherlock Holmes e dr. Watson.

— Um médico, bem? — exclamou ele, muito alvoroçado. — Trouxe o seu estetoscópio? Posso pedir-lhe que...teria o senhor a bondade? Tenho graves dúvidas quanto à minha válvula mitral, se quiser me fazer o favor. A aorta não me preocupa, mas gostaria muito de ouvir a sua opinião sobre a válvula mitral.

Auscultei-lhe o coração, como me pedia, mas não pude encontrar nada de estranho, exceto, realmente, que o homem estava num transe de medo, pois tremia da cabeça aos pés.

— Parece normal — disse-lhe eu. — O senhor não tem motivos para se preocupar.

— A senhorita desculpe a minha ansiedade — acrescentou ele, negligentemente, para a srta. Morstan. — Sou um homem muito doente, e há tempos que tinha as minhas suspeitas sobre essa válvula. Estou encantado por saber que eram infundadas. Se o seu pai, srta. Morstan, não abusasse do coração como abusou, talvez ainda estivesse vivo.

Tive vontade de esbofeteá-lo, tão indignado fiquei ante essa referência grosseira e intempestiva a um assunto tão delicado. A srta. Morstan sentou-se sem uma gota de sangue no rosto.

— Eu tinha a íntima certeza de que ele estava morto — disse ela.

— Posso dar-lhe todas as informações — acrescentou ele —, e mais, posso fazer-lhe justiça. E certamente a farei, diga o que disser meu irmão Bartholomew. Tenho muito prazer em ver os seus amigos aqui, não apenas como seus acompanhantes, mas também como testemunhas do que vou fazer e dizer. Poderemos comparecer os três de cabeça

erguida perante meu irmão Bartholomew. Mas nada de estranhos... de policiais ou autoridades. Podemos resolver tudo satisfatoriamente entre nós, sem qualquer interferência. Nada aborreceria tanto o irmão Bartholomew como a publicidade.

Dito isso, sentou-se num canapé baixo e pousou inquisidoramente em nós os seus olhos azuis, piscos e lacrimejantes.

— Da minha parte — disse Holmes —, tudo o que o senhor possa dizer não sairá daqui.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Excelente! Excelente! — disse ele. — Posso oferecer-lhe um copo de chianti, srta. Morstan? Ou de tócai? Não tenho outros vinhos. Abro uma garrafa? Não? Muito bem, então espero que não se oponha ao fumo, ao balsâmico odor do tabaco oriental. Estou um pouco nervoso, e o meu narguilé é um precioso sedativo.

Aproximou a chama de uma vela do recipiente bojudo, e a fumaça começou a borbulhar alegremente através da água de rosas. Sentamo-nos os três em semicírculo, com a cabeça inclinada para a frente e o queixo nas mãos; e o estranho homenzinho dos trejeitos, de crânio pontudo e reluzente, ficou no centro, tirando baforadas inquietas.

— Logo que resolvi fazer-lhe essa comunicação — prosseguiu ele —, podia ter enviado o meu endereço, mas receei que a senhorita não ligasse ao meu pedido e trouxesse pessoas desagradáveis. Tomei a liberdade, por conseguinte, de marcar o encontro de tal maneira que o meu criado Williams pudesse vê-los primeiro. Tenho inteira confiança na discrição dele, e recomendei-lhe que não fizesse nada se a companhia não lhe agradasse. Espero que me perdoem essas precauções, mas sou um homem de gostos um tanto discretos, e até poderia dizer requintados, de forma que para mim não há nada mais antiestético do que um policial. Tenho uma aversão natural a todas as formas de materialismo grosseiro. Raramente entro em contato com o populacho. Moro, como vêem, cercado por um ambiente de certa elegância. Posso me chamar de padroeiro das artes. E a minha fraqueza. Essa paisagem é um Corot legítimo, e, embora um conhecedor tenha algumas dúvidas quanto a esse Salvador Rosa, não poderá haver nenhuma questão quanto ao Bouguereau. Inclino-me bastante pela moderna escola francesa.

— O senhor há de me desculpar, sr. Sholto — disse a srta. Morstan —, mas estou aqui a seu pedido para ouvir uma coisa que deseja me dizer. E muito tarde, e eu gostaria que esta conversa fosse a mais breve possível.

— De qualquer modo, levará algum tempo respondeu ele —, pois com certeza teremos de ir a Norwood para ver meu irmão Bartholomew. Iremos todos, e tentaremos acalmar meu irmão. Ele está furioso comigo por eu ter tomado a atitude que me pareceu correta. Tivemos uma acalorada troca de palavras ontem à noite. Os senhores não imaginam como ele é terrível quando se enfurece.

— Se vamos a Norwood, talvez fosse conveniente partirmos imediatamente — aventurei-me a observar.

Ele riu até ficar com as orelhas vermelhas.

— Isso não adiantaria nada — disse. — Não sei o que ele seria capaz de dizer se eu os levasse assim de repente. Não, preciso prepará-los primeiro, definindo a situação em que estamos. Inicialmente, devo dizer-lhes que há diversos pontos da história que eu próprio ignoro. Posso apenas expor-lhes os fatos até onde os sei.

“Meu pai”, prosseguiu o homenzinho, “como já devem ter adivinhado, era o major John Sholto, do exército indiano. Ele se aposentou há uns onze anos, e foi morar na Pondicherry Lodge, em Upper Norwood. Como tinha prosperado na índia, trouxe consigo uma considerável soma de dinheiro, uma grande coleção de curiosidades valiosas e um séquito de criados nativos. Com essas vantagens, comprou uma casa para si e começou a viver em grande luxo. Meu irmão gêmeo, Bartholomew, e eu éramos os únicos filhos.

“Lembro-me muito bem da sensação causada pelo desaparecimento do capitão Morstan. Lemos os pormenores nos jornais e, sabendo que ele fora grande amigo de nosso pai, discutimos livremente o caso na sua presença. Ele se unia às nossas especulações quanto ao que teria acontecido. Nunca, sequer por um instante, suspeitamos que ele tivesse todo o segredo guardado no peito, e que, de todos, era o único a saber do destino de Arthur Morstan.

“Sabíamos, no entanto, que algum mistério, que algum perigo positivo pairava sobre o nosso pai. Ele tinha muito medo de sair sozinho, e sempre teve ao seu serviço dois guarda-costas disfarçados de porteiros da Pondicherry Lodge. Williams, que os trouxe aqui esta noite, era um deles. Já foi campeão de boxe, na Inglaterra, entre os lutadores de peso leve. Nosso pai nunca nos revelou o que temia, mas demonstrava enorme aversão por homens com perna de pau. Uma ocasião, chegou a disparar o revólver contra um homem sem uma perna, para depois verificar que o homem não passava de um inofensivo vendedor exercendo o seu trabalho. Tivemos de pagar uma grande quantia para abafar o assunto. Meu irmão e eu costumávamos pensar que aquilo era apenas um capricho de nosso pai, mas posteriormente os acontecimentos nos levaram a mudar de opinião.

“Em princípio de 1882, meu pai recebeu uma carta da India que lhe causou grande abalo. Quase desmaiou à mesa do almoço quando a abriu, e desde esse dia foi sempre piorando até que morreu. Nunca pudemos descobrir o que continha a carta, mas, enquanto ele a segurou na mão, vi que era breve e garatujada em péssima letra. Havia muitos anos que ele sofria de dilatação do baço, mas piorou rapidamente, e em fins de abril fomos informados de que não havia mais esperanças e que ele desejava falar conosco pela última vez.

“Quando entramos no quarto, ele estava soerguido nos travesseiros e respirava com dificuldade. Suplicou-nos que fechássemos a porta e nos aproximássemos do leito, um de cada lado. Depois, agarrando-nos as mãos, fez-nos uma singular declaração, em voz entrecortada pela dor e pela comoção. Procurarei reproduzi-la nas suas próprias palavras:

“‘Tenho somente uma coisa me pesando na consciência, neste momento supremo. E a maneira como tenho tratado a órfã do pobre Morstan. Esta maldita ambição, que foi o meu constante pecado através da existência, tem roubado o tesouro cuja metade, pelo menos, devia ser dela. Contudo, ainda não toquei nele, tão cega e insensata é a avareza,

O simples sentimento de posse tem sido tão caro a mim, que nunca pude suportar a idéia de dividi-lo com alguém. Vêem essa grinalda de pérolas ao lado do frasco de quinino? Pois até disso não pude me separar, embora a tenha tirado com a intenção de mandar a ela. Vocês, meus filhos, lhe darão uma justa parte do tesouro de Agra. Mas não lhe mandem nada. . . nem mesmo a grinalda. . . antes de eu falecer. Afinal de contas, muitos homens têm estado tão mal como eu e conseguiram escapar.

"'Vou lhes dizer como morreu Morstan', continuou meu pai. 'Havia muitos anos que ele sofria do coração, mas não dizia isso a ninguém. Só eu sabia. Quando estávamos na Índia, ele e eu, por um singular conjunto de circunstâncias, entramos na posse de um considerável tesouro. Eu o trouxe comigo para a Inglaterra, e, na noite em que Morstan chegou, veio imediatamente aqui a fim de levar a sua parte. Veio da estação a pé e foi recebido pelo meu fiel e velho Lal Chowdar, que já faleceu. Morstan e eu tivemos opiniões opostas quanto à divisão do tesouro, e trocamos palavras acaloradas. Ele acabava de saltar da cadeira, num ímpeto de cólera, quando levou subitamente a mão ao peito, com o rosto arroxeado, e caiu para trás, batendo a cabeça na quina da arca onde estava o tesouro. Inclinando-me sobre ele, vi, horrorizado, que estava morto.

"'Durante longo tempo, fiquei atordoado na minha cadeira, sem saber o que fazer, O meu primeiro impulso, naturalmente, foi pedir auxílio; mas não podia deixar de reconhecer que, segundo todas as probabilidades, seria acusado de tê-lo assassinado. A sua morte, ocorrida num momento de discussão, e aquele ferimento na cabeça, seriam provas irremovíveis. Além disso, um inquérito oficial não deixaria de evidenciar certos fatos acerca do tesouro, fatos que eu ansiosamente desejava manter em segredo. Morstan dissera- me que ninguém no mundo sabia aonde ele tinha ido. E não me parecia haver necessidade de que o soubessem agora.

"'Estava ainda pensando no assunto, quando, erguendo os olhos, vi meu criado, Lal Chowdar, no limiar da porta. Esgueirou-se para dentro e trancou-a.

'— Não tema, sahib — disse ele; — ninguém precisa saber que o senhor o matou. Vamos escondê-lo e ver quem pode mais!

"'Repliquei-lhe que não o tinha matado, mas Lal Chowdar meneou a cabeça e sorriu.

"'Ouvi tudo, sahib — disse ele; — ouvi a discussão e o golpe. Mas os meus lábios estão fechados. Todos estão dormindo. Podemos tirá-lo daqui.

"'Aquilo foi o bastante para me decidir. Se o meu próprio criado não podia acreditar na minha inocência, como esperar que ela ficasse provada perante doze comerciantes idiotas num tribunal? Lal Chowdar e eu demos sumiço no corpo nessa mesma noite, e poucos dias depois os jornais londrinos noticiavam o misterioso desaparecimento do capitão Morstan. Vocês verão, pelo que lhes digo, que não tenho a menor culpa. A minha única falta está no fato de que escondemos não apenas o corpo, como também o tesouro, e que tenho-me aferrado ao quinhão de Morstan como se fosse meu. Desejo, por isso, que façam a restituição. Aproximem- se para ouvir-me. O tesouro está escondido em... '

“Nesse instante”, prosseguiu o homenzinho da calva reluzente, “uma horrível transformação ocorreu na fisionomia de meu pai. Seus olhos se arregalaram, seu queixo caiu, e ele gritou numa voz que nunca poderei esquecer:

“‘Não o deixem entrar! Pelo amor de Deus, não o deixem entrar!’

“Voltamo-nos para a janela, onde ele tinha os olhos pregados. Um rosto olhava da escuridão. Distinguíamos perfeitamente o branco do nariz achatado contra a vidraça. Era um rosto barbudo, cabeludo, com olhos selvagens, cruéis, e uma expressão de concentrada malevolência. Meu irmão e eu corremos para a janela, mas o homem já havia desaparecido. Quando voltamos para junto de meu pai, sua cabeça tinha tombado e o coração cessara de bater.

“Esquadrinhamos o jardim, nessa noite, mas não encontramos nenhum sinal do intruso, exceto a marca de um só pé, deixada no canteiro, junto à janela. Se não fosse esse único traço, bem podíamos ter pensado que a nossa imaginação é que conjecturara aquele rosto selvagem e cruel. Todavia, tivemos em seguida uma prova ainda mais forte de que forças secretas trabalhavam em torno de nós. Na manhã seguinte, a janela do quarto de meu pai foi encontrada aberta, e os seus armários e malas, na mais completa desordem. Na cômoda, estava afixado um pedaço de papel, e nele se viam garatujadas as palavras: ‘O signo dos quatro’. Nunca soubemos o que essa frase significava, nem quem pudesse ter sido o nosso visitante. Até onde posso julgar, nenhum objeto de meu pai fora roubado, mas tudo tinha sido remexido. Meu irmão e eu, naturalmente, ligamos esse singular incidente ao medo que acossava meu pai durante a sua existência; mas ainda é um completo mistério para nós.”

O homenzinho interrompeu-se para reacender o seu narguilé e ficou alguns instantes fumando pensativamente. Sentados nos nossos lugares, absortos, tínhamos ouvido a sua extraordinária narrativa. Durante o breve relato da morte do pai da srta. Morstan, ela ficara mortalmente pálida, e por um instante receei que fosse desmaiar. Refez-se, contudo, bebendo o copo de água que discretamente lhe servi de uma garrafa veneziana que estava sobre uma mesinha a meu lado. Sherlock Holmes continuava recostado na sua cadeira com uma expressão abstrata, de pálpebras meio descidas sobre os olhos cintilantes. Ao observá-lo, não pude deixar de recordar o quanto, nesse mesmo dia, ele se queixara da banalidade da vida. Ali, ao menos, estava um problema que exigiria o máximo da sua sagacidade. O sr. Thaddeus Sholto olhava de um para outro de nós com evidente orgulho pelo efeito causado pela sua história, e então prosseguiu, entre baforadas do seu desmesurado cachimbo:

— Meu irmão e eu ficamos, como podem imaginar, muito alvoroçados com o tesouro de que meu pai havia f a- lado. Durante semanas e meses, cavamos e revolvemos todos os recantos do jardim sem descobrir seu paradeiro. Era de enlouquecer pensar que o esconderijo estava nos seus lábios no momento em que morreu. Podíamos avaliar o esplendor das riquezas desaparecidas pela grinalda que ele tirara. Quanto a essa grinálda, meu irmão e eu tivemos uma pequena discussão. As pérolas eram evidentemente de grande valor, e ele não aceitava a idéia de se separar delas, pois, aqui entre amigos, também ele tinha certa tendência para o defeito de meu pai. Pensava, além disso, que, se nos desfizéssemos da grinalda, talvez pudéssemos nos meter em apuros. Tudo o que pude fazer foi persuadi-lo a que me deixasse descobrir o endereço da srta.

Morstan e mandar-lhe uma pérola a intervalos determinados, a fim de que pelo menos ela nunca passasse necessidades.

— Foi uma idéia comovente — disse a nossa companheira gravemente. — Foi grande bondade da sua parte.

O homenzinho ondulou a mão num gesto depreciativo.

— Nós lhe éramos devedores — disse ele. — Pelo menos, era essa a minha maneira de ver, embora meu irmão Bartholomew não tivesse a mesma opinião. Ambos tínhamos dinheiro bastante. Eu não desejava mais. Além disso, era de muito mau gosto tratar uma jovem de modo tão mesquinho. Le mauvais goüt mène au crime [1]. Os franceses têm uma maneira incisiva de dizer essas coisas. Nossa diferença de opiniões foi tão longe que achei melhor morar separado, e deixei o Pondicherry Lodge, trazendo comigo Williams e o velho kbitmutgar. Ontem, porém, soube que tinha ocorrido um fato de extrema importância. O tesouro fora descoberto. Comuniquei-me imediatamente com a srta. Morstan, e agora só nos resta ir a Norwood e solicitar a nossa parte. Ontem à noite, expliquei o meu ponto de vista a meu irmão Bartholomew, de forma que pelo menos seremos visitantes esperados, se não bem-vindos.

O sr. Thaddeus Sholto cessou de falar, mas não de se remexer no seu luxuoso canapé. Todos ficamos em silêncio, pensando no novo aspecto que o misterioso assunto havia tomado. Holmes foi o primeiro a se levantar.

— O senhor procedeu muito bem do princípio ao fim disse ele. — É possível que possamos lhe conceder uma pequena retribuição por ter trazido alguma luz sobre o que para o senhor continua obscuro. Mas, como a srta. Morstan ainda há pouco observou, já é tarde e convém irmos adiante sem demora.

O nosso novo amigo enrolou meticulosamente o tubo do seu narguilé e tirou de trás de uma cortina um comprido sobretudo com gola e punho de astracã, abotoado com alamares. Fechou-o até em cima, a despeito da noite abafada, e deu um toque final na sua indumentária com um boné de pele de coelho cujas abas lhe cobriam as orelhas, de forma que nada se via dele além do rosto móvel e comprido.

— Minha saúde é um pouco frágil — observou ele, ao conduzir-nos pelo corredor. — Sou obrigado a proceder como um enfermo.

A nossa carruagem estava à porta, e era evidente que o programa fora traçado de antemão, pois o cocheiro não nos fez esperar e logo colocou o cavalo a trote largo. Thaddeus Sholto conversava incessantemente, numa voz que dominava o matraquear das rodas.

— Bartholomew é um sujeito esperto — dizia ele. — Como pensam que descobriu onde o tesouro estava? Ele tinha chegado à conclusão de que devia estar dentro de casa e não no jardim. Estabeleceu, então, toda a área da casa em metros cúbicos, procedeu a rigorosas medições, de modo que não ficou por considerar um centímetro sequer. Entre outras coisas, verificou que a altura do edifício era de vinte e três metros, mas, ao somar o pé-direito de todas as divisões, inclusive o espaço que havia entre elas, do qual se certificou por meio de perfurações, não pôde encontrar mais que vinte e um e oitenta.

Havia, por conseguinte, um metro e vinte que não aparecia. Só poderia estar no teto da casa. Abriu então um buraco no teto, de estuque e sarrafos, da sala mais alta, e lá, como previa, topou com novo sótão, que tinha sido isolado e era ignorado por todos. No meio dele, sobre duas vigas, encontrava-se a arca do tesouro. Tirou-a pelo buraco, e ela lá está. Bartholomew calcula o valor das jóias em não menos que meio milhão de esterlinos.

Ao ouvir essa soma gigantesca, nós três nos fitamos de olhos arregalados. A srta. Morstan, se conseguíssemos assegurar os seus direitos, iria se transformar de necessitada governanta na mais rica herdeira da Inglaterra. Decerto que era o momento de um amigo leal exultar com semelhante notícia; envergonho-me, no entanto, de dizer que, assenhoreandose de mim o egoísmo, senti um enorme peso no peito. Balbuciei algumas frouxas palavras de congratulação, e depois recostei-me abatido, com a cabeça pendida, surdo à tagarelice do nosso novo conhecido. Ele era, sem dúvida alguma, um hipocondríaco, pois eu notava, como em sonhos, que ele despejava uma série interminável de sintomas e implorava informações quanto à composição e ao efeito de inúmeras panacéias de curandeiros, algumas das quais trazia no bolso, dentro de um estojo de couro. Espero que não se lembre de nenhuma das respostas que lhe dei nessa noite. Holmes afirma que eu o preveni contra o grande perigo de tomar mais de duas gotas de óleo de rícino, ao passo que lhe recomendei a estricnina em grandes doses, como sedativo. Fosse como fosse, senti realmente um grande alívio quando o cupê se deteve com um solavanco e o cocheiro saltou para abrir a porta.

— Eis-nos em Pondicherry Lodge, srta. Morstan — disse o sr. Thaddeus Sholto, ajudando-a a descer.

[1] “O mau gosto leva ao crime.” (N. do T.)

Capítulo quinto: A tragédia de Pondicherry Lodge

Eram quase onze horas quando chegamos a essa fase final da nossa aventura noturna. Tínhamos deixado para trás o úmido nevoeiro da grande cidade, e a noite não estava má. Uma brisa quente soprava de oeste, e pesadas nuvens atravessavam lentamente o céu, deixando nesgas por onde espiava a lua minguante. Estava claro o suficiente para que pudéssemos enxergar, mas Thaddeus Sholto, tirando um dos lampiões da carruagem, iluminou melhor nosso caminho.

Pondicherry Lodge erguia-se no centro de um vasto terreno e era cercada por um altíssimo muro de pedra encimado por cacos de vidro. Uma porta estreita, guarnecida de ferro, era a única entrada. O nosso guia bateu da forma característica dos carteiros.

— Quem é? — gritou de dentro uma voz mal-humorada.

— Sou eu, MacMurdo. Já devia conhecer a minha maneira de bater.

Ouviu-se um resmungo e um tinir de chaves. A porta girou pesadamente nos gonzos, e um homem baixo, de peito encovado, assomou à luz amarelada de um lampião, que brilhava à altura do seu rosto saliente e dos olhos estremunhados e desconfiados.

— Ë o sr. Thaddeus? Mas quem são os outros? Não tenho ordens do patrão para mandá-los entrar.

— Não, MacMurdo? Você me surpreende. Ontem à noite eu disse ao meu irmão que traria alguns amigos.

— Ele hoje não saiu de sua sala, sr. Thaddeus, e eu não recebi qualquer ordem. O senhor sabe muito bem que não posso deixar entrar ninguém sem ordem O senhor pode entrar, mas os seus amigos que fiquem onde estão.

Aquilo era um obstáculo inesperado. Thaddeus Sholto olhou em volta de si, perplexo, sem saber o que fazer.

— Está procedendo muito mal, MacMurdo! — disse ele. — Eu respondo por eles, e é quanto lhe basta. Há uma senhorita conosco. Ela não pode ficar esperando na rua a esta hora da noite.

— Sinto muito, sr. Thaddeus — disse o porteiro, inexoravelmente. — Eles podem ser seus amigos, mas não amigos do patrão. Ele me paga muito bem para eu cumprir a minha obrigação, e a minha obrigação é esta. Não conheço nenhum dos seus amigos.

— Conhece, sim, MacMurdo — exclamou Sherlock Holmes jovialmente. — Creio que você ainda não me esqueceu. Não se lembra do amador que disputou três rounds com você no Alison, à noite, em seu benefício, há quatro anos?

— Será o sr. Sherlock Holmes? — trovejou o boxeador. — Deus do céu! Como é que não o reconheci? Se, em vez de ficar aí quieto, o senhor tivesse avançado com um daqueles seus golpes de raspão no meu queixo, eu o teria reconhecido imediatamente. Ah! O senhor é um dos que desperdiçaram uma grande capacidade! Se tivesse ficado no boxe, hoje quem sabe onde já não estaria.

— Está vendo, Watson, se tudo o mais me falhar, ainda me resta uma das profissões científicas — disse Holmes, rindo. — O nosso amigo não vai nos deixar ao relento, estou certo.

— Entre, como não?... O senhor e os seus amigos também — respondeu ele. — Sinto muito, sr. Thaddeus, mas as ordens são muito severas. Eu precisava saber quem eram os seus amigos antes de os deixar entrar.

Lá dentro, uma vereda de saibro serpenteava através do terreno desolado até uma vasta construção maciça, quadrada e prosaica, toda imersa na sombra, exceto uma janela do sótão, a um canto, que refletia palidamente um raio de luar. As enormes proporções do edifício, a escuridão e o silêncio mortal faziam gelar o coração. Até Thaddeus Sholto não parecia muito à vontade, e a lanterna tremia em sua mão.

— Não posso compreender — disse ele. — Deve haver algum engano. Eu disse claramente a Bartholomew que viríamos aqui, e apesar disso não vejo luz na sua janela. Não sei o que pensar disso.

— Ele mantém sempre a casa vigiada dessa maneira? — perguntou Sherlock Holmes.

— Sim, adotou o costume de meu pai. Era o filho predileto, e às vezes penso que talvez meu pai lhe tenha dito muito mais coisas do que a mim. Aquela janela, onde bate o luar, é a de Bartholomew. Está bastante clara, mas não me parece que haja luz lá dentro.

— Nenhuma — disse Holmes. — Mas vejo o reflexo de uma luz naquela janelinha ao lado da porta.

— Ah! Esse é o quarto da governanta. É onde está a sra. Bernstone. Ela deve poder nos dizer alguma coisa. Mas talvez seja melhor esperarem aqui um momento, porque, se formos todos juntos e ela não souber da nossa vinda, é capaz de se assustar. Psiu! Escutem! Que é isso?

Ergueu a lanterna, e sua mão tremia de tal modo que o círculo de luz oscilava em torno de nós. A srta. Morstan aferrou-se ao meu pulso, e todos ficamos quietos, com o coração aos pulos, apurando o ouvido. Do casarão escuro, vinha, através do silêncio da noite, o mais triste e lastimoso dos sons: o choro entrecortado e agudo de uma mulher amedrontada.

— É a sra. Bernstone — disse Sholto. — É a única mulher da casa. Esperem aqui. Voltarei num instante.

Correu até a porta e bateu da sua maneira característica. Vimos que uma velha alta lhe abriu a porta, quase pulando de contentamento ao dar com ele.

— Oh!, sr. Thaddeus, que bom que o senhor veio! Ah! É um alívio vê-lo aqui, sr. Thaddeus!

Nós a ouvimos repetir sua satisfação até que a porta se fechou e a sua voz se perdeu num, tom abafado e uniforme. O nosso guia nos deixara a lanterna. Holmes, movendo-a lentamente em torno, olhou atentamente para a casa e para os grandes montes de lixo que atravancavam o terreno. A srta. Morstan e eu ficamos juntos, e sua mão continuava na minha. Coisa maravilhosa e sutil é o amor, pois ali estávamos os dois, sem que nunca nos tivéssemos visto até aquele dia, e sem que tivéssemos trocado sequer uma palavra ou um olhar afetuoso, e agora, num momento de perigo, as nossas mãos se buscavam instintivamente. Mais tarde, espantei- me com isso, mas naquele instante me parecia a coisa mais natural do mundo ficar a seu lado; e, como ela tantas vezes me disse depois, também o seu instinto era se voltar para mim à procura de consolo e proteção. Ficamos, pois, de mãos dadas, como duas crianças, e, apesar de todas as coisas tenebrosas que nos cercavam, sentíamos uma grande paz no coração.

— Que lugar estranho! — disse ela, olhando em torno.

— Parece que soltaram aqui todas as toupeiras da Inglaterra. Já vi uma coisa parecida no flanco de uma colina, perto de Ballarat, onde os mineiros tinham feito escavações.

— E à procura da mesma coisa — disse Holmes. — O que vemos aqui são os vestígios das buscas do tesouro. Lembre-se de que andaram seis anos procurando-o. Não admira, pois, que o terreno esteja todo revolvido.

Nesse momento, abriu-se a porta, e Thaddeus Sholto saiu correndo na nossa direção, com as mãos erguidas, de olhos esgazeados.

— Aconteceu qualquer coisa a Bartholomew! — gritou ele. — Estou apavorado! Meus nervos não resistem a isso.

Estava, com efeito, quase chorando de medo, e seu rosto débil e cheio de trejeitos, sobressaindo da enorme gola de astracã, tinha a expressão suplicante e desamparada de uma criança assustada.

— Entremos na casa! — disse Holmes, no seu tom firme e incisivo.

— Sim, venham, por favor! — suplicou Thaddeus Sholto. — Não estou em condições de tomar nenhuma deliberação.

Seguimo-lo até o quarto da governanta, que ficava à esquerda do corredor. A velha andava de um lado para outro, com um olhar assustado, inquieta, torcendo as mãos, mas a presença da srta. Morstan pareceu sossegá-la um pouco.

— Deus abençoe o seu rosto calmo e bonito! — exclamou ela, com um soluço nervoso. — Faz-me muito bem. Oh! As coisas por que hoje passei!

A nossa companheira bateu-lhe de mansinho na mão magra e maltratada pelo trabalho, murmurando-lhe algumas palavras de bondoso e feminino consolo, que logo a fizeram recuperar as cores do rosto, até então pálido e descomposto.

— O patrão fechou-se na sua sala e não responde quando eu bato — explicou ela. — Muitas vezes ele gosta de ficar só, mas hoje esperei o dia todo e ele não apareceu. Há cerca de uma hora, porém, receei que tivesse acontecido qualquer coisa, e por isso subi e espreitei pelo buraco da fechadura. Suba lá, sr. Thaddeus, suba e veja o senhor mesmo. Já tenho visto o sr. Bartholomew Sholto triste e alegre, durante dez longos anos, mas nunca o vi com uma cara daquelas.

Sherlock Holmes pegou o candeeiro e saiu à frente, porque os dentes de Thaddeus Sholto batiam com força. Tão abalado se achava, que tive de lhe pegar o braço ao subirmos a escada. Duas vezes, enquanto subíamos, Sherlock Holmes tirou a sua lente do bolso e examinou cuidadosamente umas marcas que para mim não passavam de informes manchas de pó na esteira de palma que servia de passadeira. Ele avançava lentamente, passo a passo, abaixando o candeeiro e dardejando olhares rápidos à esquerda e à direita. A srta. Morstan ficara embaixo com a governanta.

O terceiro lanço da escada terminava num estreito corredor de certa extensão, com uma grande tapeçaria indiana na parede à direita e três portas à esquerda. Holmes avançou da mesma maneira lenta e metódica, e nós o seguimos de perto, projetando compridas sombras. A terceira porta era a que buscávamos. Holmes bateu sem receber resposta, e depois girou o trinco e empurrou-a. Mas a porta estava trancada por dentro, e

com um forte trinco, conforme verificamos ao erguer o candeeiro. Todavia, como tinham girado a chave na fechadura, o buraco não estava de todo fechado. Sherlock Holmes curvou-se para olhar e quase imediatamente se ergueu com uma exclamação de pasmo.

— Isso é diabólico, Watson! — disse ele, no tom mais emocionado que eu jamais lhe ouvira. — Que pensa disso?

Curvando-me, espiei pelo buraco e recuei aterrorizado. O luar entrava no aposento, iluminando-o de modo vago e cambiante. Olhando diretamente para mim, e como se estivesse suspenso no ar, porque tudo embaixo era sombra, flutuava um rosto. . . o mesmo rosto do nosso companheiro Thaddeus. Era a mesma cabeça pontuda e reluzente, a mesma orla de cabelos ruivos e eriçados, a mesma tez pálida. As feições, porém, estavam fixas num sorriso horrível, um sorriso estranhamente imóvel, que naquela peça silenciosa e banhada de luar era mais horripilante do que qualquer esgar ou careta. Aquele rosto era de tal modo idêntico ao do nosso amigo, que me voltei para ele a fim de verificar se realmente estava conosco. Lembrei-me então de que ele nos dissera ser irmão gêmeo de Bartholomew.

— Isso é terrível! — disse eu a Holmes. — Que faremos?

— Vamos derrubar a porta — respondeu ele, e, atirando-se a ela, descarregou todo o peso do corpo contra a fechadura.

A porta estalou mas não cedeu. Juntos, lançamo-nos novamente a ela, que dessa vez se escancarou com estrondo, e achamo-nos no aposento de Bartholomew Sholto.

A sala parecia ter sido equipada como um laboratório químico. Uma dupla fileira de frascos com tampas de vidro corria ao longo da parede oposta à porta, e a mesa estava cheia de bicos de Bunsen, tubos de ensaio e retortas. Nos cantos viam-se garrafões de ácido metidos em cestos de vime. Um deles parecia estar quebrado, pois dali corria um fio de líquido escuro, e o ar estava impregnado de um cheiro particularmente acre, como o do alcatrão. A um lado da sala, havia um estrado com degraus, no meio de um entulho de estuque e sarrafos; e por cima dele via-se uma abertura no teto, suficientemente grande para deixar passar um homem. Do lado do estrado, uma comprida corda fora atirada descuidadamente.

Junto à mesa, numa poltrona, o dono da casa estava mal sentado, com a cabeça pendente para o ombro esquerdo e aquele sorriso espectral e indecifrável no rosto. Estava rígido e frio, e evidentemente havia muitas horas que morrera. Pareceu-me que não só as feições como também os seus membros estavam contorcidos de um modo estranho. Sobre a mesa, ao lado da sua mão, via-se um instrumento estranho. . . um pedaço de pau marrom, de veias cerradas, rematado numa cabeça de pedra, semelhante à de um martelo, toscamente amarrada com uma corda grossa. Junto dele, estava uma folha de papel, rasgada de um bloco de anotações, na qual se viam umas garatujas. Holmes relanceou os olhos por ela, passando-a a mim em seguida.

— Veja — disse ele, erguendo significativamente as sobrancelhas.

À luz do candeeiro, li com um arrepio de terror: “O signo dos quatro”.

— Em nome de Deus, que significa tudo isso? — perguntei.

— Significa assassinato — respondeu ele, curvando-se sobre o morto. — Ah! Eu esperava por isto. Olhe aqui!

Dizendo isso, apontou para alguma coisa que parecia um espinho comprido e escuro cravado na pele do morto, pouco acima da orelha.

— Parece um espinho — disse eu.

— E é mesmo. Pode tirá-lo. Mas tenha cuidado porque está envenenado.

Apanhei-o entre o polegar e o indicador. Saiu tão facilmente da pele que quase não deixou marca. Um simples pontinho de sangue indicava o lugar da picada.

— Isso é um mistério insolúvel para mim — disse eu. — Torna-se cada vez mais obscuro em vez de se esclarecer.

— Pelo contrário — respondeu Holmes —, a cada instante mais se esclarece. Preciso apenas de alguns elos para ter todo o caso perfeitamente concatenado.

Quase nos tínhamos esquecido da presença do nosso companheiro desde que entráramos no aposento. Ele ainda se encontrava no limiar da porta, e era a própria imagem do terror, torcendo as mãos e gemendo baixo. Subitamente, porém, lançou um grito agudo e queixoso.

— O tesouro desapareceu! — exclamou. — Roubaram o tesouro! Ali está o buraco por onde o havíamos tirado! Eu próprio o ajudei. Fui a última pessoa que o vi! Deixei-o aqui a noite passada e ouvi-o trancar a porta enquanto descia as escadas.

— A que horas?

— Às dez. E agora ele está morto, e a polícia virá aqui, e eu serei suspeito de ter participado nisso. Oh! Sim, estou convencido. Mas os senhores não pensam assim, não, cavalheiros? Com toda a certeza não pensam que fui eu! Se fosse eu, por que haveria de trazê-los aqui? Oh!, meu Deus, meu Deus! Sei que vou enlouquecer!

Pôs-se a agitar os braços e a bater os pés numa espécie de frenesi convulsivo.

— O senhor nada tem a recear, sr. Sholto — disse Holmes bondosamente, pondo-lhe a mão no ombro. — Aceite o meu conselho: tome o seu cupê, vá até o posto policial e comunique o fato às autoridades. Ofereça-se para ajudá-los em tudo. Nós esperaremos aqui até que volte.

O homenzinho obedeceu, meio estupefato, e logo começamos a ouvir os seus passos incertos na escada às escuras.

Capítulo sexto: Sherlock Holmes faz uma demonstração

— Agora, Watson — disse Holmes, esfregando as mãos —, temos meia hora para nós. Vamos aproveitá-la bem. O caso, conforme já lhe disse, está quase completo, mas não devemos pecar por excesso de confiança. Por simples que pareça agora, pode contudo esconder alguma coisa.

— Simples! — exclamei.

— Perfeitamente — disse ele, com o ar de um catedrático expondo um caso clínico aos seus alunos. — Mas sente-se ali naquele canto para que as suas pegadas não compliquem o assunto. E agora ao trabalho! Em primeiro lugar, como entraram aqui e como saíram? A porta estava fechada desde ontem à noite. Seria pela janela?

Aproximou-se dela com o candeeiro na mão, fazendo as suas observações em voz alta, mas dirigindo-se mais a si próprio do que a mim.

— A janela está aferrolhada por dentro. O caixilho é sólido. Sem dobradiças laterais. Nenhum encanamento aqui por perto. Telhado inteiramente fora de alcance. Contudo, um homem subiu pela janela. Choveu um pouco a noite passada. Aqui está a marca de um pé no peitoril. E aqui se vê urna mancha circular, meio enlameada, outra aqui no soalho, e mais outra perto da mesa. Repare, Watson. Isto é uma excelente prova.

Olhei para os círculos barrentos e bem-definidos.

— Isso não é a marca de um pé — observei.

— É coisa muito mais importante para nós. É a impressão de um coto de pau. Você pode ver aqui, no peitoril, a marca do sapato, um sapatão pesado com salto de metal, e ao lado está a marca redonda da madeira.

— É o homem da perna de pau.

— Exatamente. Mas aqui esteve mais alguém... um aliado muito hábil e eficiente. Você seria capaz de escalar essa parede, Watson?

Espiei para fora, pela janela. A lua ainda brilhava daquele lado da casa. Estávamos a quase vinte metros do chão, e, olhando-se de onde eu me encontrava, não havia onde pôr o pé, nem ao menos uma fenda nos tijolos.

— É absolutamente impossível — respondi.

— Sem auxílio, é. Mas suponha que tem um amigo aqui e que ele lhe estende aquela ótima corda que vejo naquele canto, e fixa uma ponta neste grande gancho aqui na parede. Nessas condições, creio que você, sendo um homem ativo, subiria, com perna de pau e tudo. Como é natural, sairia da mesma maneira, e o seu cúmplice puxaria a corda, retirando-a do gancho, fecharia a janela e sairia por onde tinha entrado. Como circunstância adicional, ainda há a notar — continuou ele, passando os dedos pela corda

— que o nosso amigo da perna de pau, embora tenha agilidade para subir, não é marinheiro profissional. Suas mãos estão longe de ser calosas. A minha lente revela mais de uma marca de sangue, especialmente sobre a extremidade da corda, e disso depreendo que ele se deixou escorregar com tal velocidade que arrancou a pele das mãos.

— Isso está muito bem — disse eu. — Mas a coisa começa a ficar mais ininteligível do que antes. E esse cúmplice misterioso? Como entrou aqui?

— Sim, o cúmplice — repetiu Holmes pensativamente. — Há algo de interessante a respeito dele. É quem tira o caso da banalidade. Imagino que esse cúmplice pise um novo terreno nos anais do crime, na Inglaterra... embora casos paralelos tragam a Índia à lembrança, e mais particularmente a Senegâmbia, se não me falha a memória.

— Como entrou, então? — repeti. — A porta está fechada. A janela é inacessível. Seria pela chaminé?

— A abertura é muito pequena — respondeu ele. — Eu já tinha considerado essa possibilidade.

— E em que ficamos? — insisti.

— Você não está pondo em prática o meu preceito — disse ele, abanando a cabeça. — Quantas vezes já lhe disse que, tendo eliminado o impossível, o que lhe restar, por improvável que seja, deve ser a verdade? Sabemos que ele não veio pela porta, nem pela janela, nem pela chaminé. Também sabemos que não podia estar escondido nesta sala, pois aqui não há esconderijo possível. Logo, por onde entrou ele?

— Pelo buraco do teto? — exclamei.

— Exatamente. Deve ter entrado por aí. Se quiser ter a bondade de segurar o candeeiro, estenderemos agora as nossas pesquisas às águas-furtadas... ao quarto secreto no qual foi encontrado o tesouro.

Ao dizer isso, subiu os degraus do estrado e, com ambas as mãos presas num barrote, içou-se para a mansarda. Depois, deitando-se de bruços, apanhou o candeeiro e ajudou-me a subir.

A sala na qual agora nos encontrávamos teria cerca de três metros por dois. O soalho era formado por barrotes intercalados de leves sarrafos cobertos de estuque, de modo que para se andar ali era preciso pôr o pé de viga em viga. O teto, muito inclinado, era evidentemente o forro do telhado da casa. Não havia mobília de espécie alguma, e o pó acumulado durante anos formava uma espessa camada no chão.

— Aqui está — disse Sherlock Holmes, pondo a mão contra a parede oblíqua. — Isto é um alçapão que dá para o telhado. Posso empurrá-lo para trás... e aí está o telhado, num

ângulo não muito agudo. Logo, foi por aqui que o Número Um entrou. E agora, poderemos encontrar outros sinais da sua individualidade?

Holmes baixou a luz para o chão, e nesse momento, pela segunda vez naquela noite, vi no seu rosto uma viva expressão de espanto. Quanto a mim, ao seguir-lhe o olhar, meu sangue gelou-se nas veias, O chão estava cheio de marcas de pés descalços... pegadas nítidas, bem definidas, mas que mal teriam a metade do tamanho dos pés de um homem comum.

— Holmes — disse eu, num sussurro —, foi uma criança que praticou este crime horrível.

Ele recuperou num instante o domínio de si mesmo.

— Fiquei surpreso por um momento — disse ele —, mas a coisa é perfeitamente natural. A minha memória falhou, pois eu bem podia tê-lo previsto. Não há mais nada para ver aqui. Desçamos.

— Qual é a sua hipótese, então, a respeito dessas pegadas? — perguntei-lhe ansiosamente, quando nos encontramos mais uma vez no aposento de Bartholomew.

— Meu caro Watson, tente um pouco de análise. Você conhece os meus métodos. Aplique-os, e será instrutivo compararmos os resultados.

— Não posso conceber coisa alguma que enquadre os fatos — respondi-lhe.

O meu amigo tirou do bolso a sua lente e uma fita métrica e, de joelhos, foi pelo quarto, medindo, comparando, examinando, com o nariz comprido e fino a poucos centímetros do soalho, e os olhos penetrantes brilhando, fundos como os de uma ave de rapina. Tão rápidos, silenciosos e furtivos eram os seus movimentos, semelhantes aos de um cão de fila farejando um rastro, que não pude deixar de pensar que terrível criminoso não teria sido ele se houvesse aplicado a sua energia e sagacidade contra a lei e não em defesa dela. Entregue à sua caçada, ia resmungando consigo mesmo, aqui e ali, até que por fim soltou um grunhido de satisfação.

— Não há dúvida de que estamos com sorte — disse ele. — Daqui por diante teremos muito pouco trabalho, O Número Um teve a infelicidade de pisar no creosoto. Veja o contorno do seu pezinho aqui, ao lado desse líquido malcheiroso. O garrafão sofreu uma pancada, e o conteúdo começou a vazar.

— E daí? — perguntei.

— Ora, já o temos na mão, e mais nada — disse ele. Sei de um cão que seria capaz de seguir esse cheiro até o fim do mundo. Se uma matilha pode rastrear através de um condado um arenque arrastado na ponta de uma corda, que fará um cão especialmente treinado como esse, quando atrás de um cheiro tão penetrante? Isto começa a parecer

um simples problema de regra de três. A solução deve nos indicar o... Mas, veja! Aí vêm os representantes autorizados da lei.

Passos pesados e um ruído de vozes sonoras ressoaram no andar térreo. A porta do saguão bateu com estrondo.

— Antes de eles chegarem — disse Holmes —, ponha a mão aqui no braço e na perna desse pobre sujeito. Que sente?

— Os músculos estão duros como pedra — respondi.

— Exatamente. Acham-se num estado de extrema contração, muito além da rigidez cadavérica comum. Isso e mais essa contorção do rosto, esse sorriso sarcástico, ou risas sardonicus, como diziam os autores antigos, que conclusão lhe sugerem?

— Morte em conseqüência de um poderoso alcalóide vegetal — respondi —, alguma substância semelhante à estricnina que produz o tétano.

— Foi essa a idéia que me ocorreu no momento em que vi a tensão dos músculos da face. Ao entrar aqui, imediatamente procurei verificar de que maneira o veneno fora inoculado, Como viu, descobri um espinho fincado ou arremessado sem grande força no couro cabeludo. Observe que a parte atingida é exatamente a que ficaria na direção do buraco do teto, se o homem estivesse de pé junto à sua cadeira. Agora examine este espinho.

Peguei-o cautelosamente e aproximei-o da luz. Era negro, fino e comprido, com a ponta meio envernizada, como se ali tivesse secado uma substância pegajosa. A base tinha sido aparada e arredondada.

— Será que esse espinho proveio de um espinheiro inglês? — perguntou ele.

— Não, de modo algum.

— Com todos esses dados, você podia tirar uma conclusão correta. Mas chegaram as forças regulares, de forma que as auxiliares devem se retirar.

Enquanto ele falava, os passos vinham se aproximando pelo corredor, e então um homem gordo e de grande porte, metido num terno cinzento, entrou no aposento fazendo ranger o soalho. Tinha o rosto vermelho, grande, pletórico, com olhos piscos e muito pequenos, que olhavam perscrutadoramente dentre as pálpebras empapuçadas. Vinha acompanhado por um inspetor de uniforme e pelo ainda palpitante Thaddeus Sholto.

— Que serviço! — exclamou ele, numa voz rouca e abafada. — Que belo serviço! Mas quem são esses aí? Pelo que vejo, a casa está mais cheia que um viveiro de coelhos.

— Creio que deve lembrar-se de mim, sr. Athelney Jones — disse Holmes, calmamente.

— Ah! É verdade. É o sr. Sherlock Holmes, o teórico. Lembro-me, sim. Nunca esquecerei a conferência que nos fez sobre causas e efeitos no caso das jóias de

Bishopgate. É verdade que nos pôs na pista certa, mas agora deve reconhecer que aquilo foi mais sorte do que outra coisa.

— Foi apenas questão de um raciocínio muito singelo.

— Ora, deixe de histórias. Não se envergonhe de dar a mão à palmatória. Mas o que é isto? Rum! Coisa séria! Muito séria! Vamos aos fatos. . . e não às teorias. Por sorte eu me encontrava em Norwood, tratando de outro caso! Estava no posto quando chegou a informação. De que supõe que o homem morreu?

— Oh! Esse não é bem um caso sobre o qual eu possa emitir teorias.

— Não é, não. Contudo, você às vezes acerta em cheio. Deus do céu! Porta fechada, informaram-me. Jóias desaparecidas no valor de meio milhão. Como estava a janela?

— Fechada por dentro, mas há pegadas no peitoril.

— Ora, ora, se estava fechada, as pegadas não têm nada que ver com o assunto. É puro bom senso. O homem poderia ter morrido de um ataque; mas as jóias foram-se. Ah! Tenho uma hipótese! Às vezes ocorrem-me desses lampejos. Sargento, saia um pouco para o corredor; e o senhor também, sr. Sholto. O seu amigo pode ficar. Que pensa disso, Holmes? Sholto, segundo ele próprio confessa, estava com o irmão ontem à noite. O irmão morre de um ataque, e então Sholto some com o tesouro! Que tal?

— E depois o morto, muito gentilmente, levanta-se e fecha a porta por dentro.

— Hum! Há uma falha nisso. Encaremos o assunto com simples bom senso. Esse Thaddeus Sholto estava com o irmão a noite passada e houve uma altercação entre ambos. Isso é o que realmente sabemos. O irmão está morto, e as jóias desapareceram. Isso também sabemos. Ninguém viu o irmão depois que Thaddeus o deixou. A cama dele está intacta. Thaddeus encontra-se evidentemente num estado de grande perturbação. A cara dele. . . bem, não é lá muito simpática. Veja que estou fechando o cerco em torno de Thaddeus. A rede começa a envolvê-lo.

— O senhor ainda não está de posse dos fatos — disse Holmes. — Esta lasca de madeira, que tenho todos os motivos para julgar envenenada, estava cravada na cabeça do homem, aqui onde ainda se vê a marca. Este papel, garatujado como vê, estava em cima da mesa, e ao lado dele achava-se este curioso instrumento, rematado por uma cabeça de pedra. Como se enquadra tudo isso na sua hipótese?

— De maneira perfeita, confirmando-a sob todos os aspectos — respondeu pomposamente o gordo detetive. — A casa está cheia de curiosidades indianas. Thaddeus trouxe consigo o instrumento, e, se essa lasca de madeira é venenosa, ele bem podia, como qualquer outro homem, tê-la empregado no crime. O papel é uma mistificação. . . um falso indício, com toda a certeza. O único problema é saber por onde ele saiu. E, naturalmente, ali está aquele buraco no teto.
Com grande energia, tendo-se em conta a sua corpulência, o investigador galgou as escadas e enfiou-se para a mansarda. Imediatamente ouvimos a sua voz exultante, proclamando que tinha descoberto o alçapão.

— Ele sempre descobre alguma coisa — observou Holmes, encolhendo os ombros. — Às vezes, tem uns certos momentos de lucidez. Il n'y a pás de sots si incommodes que ceux ont de l'esprit [1]
.
— Está vendo? — disse Athelney Jones, descendo as escadas do estrado. — Os fatos são melhores do que as teorias, afinal de contas. A minha opinião sobre o caso está confirmada. Há um alçapão que dá para o telhado, e encontra-se meio aberto.
— Fui eu que o abri.

— Ah! Você viu-o, então? — disse ele, parecendo um pouco desanimado ante a sua descoberta. — Bem, seja quem for que o tenha visto primeiro, o alçapão mostra como o nosso homem escapou. Inspetor!

— Pronto — respondeu uma voz no corredor.

— Peça para o sr. Sholto entrar aqui. — E ao ser obedecido: — Sr. Sholto, tenho a obrigação de informá-lo de que qualquer coisa que diga poderá ser usada contra o senhor. Prendo-o, em nome da rainha, como implicado na morte de seu irmão.

— Aí está! Eu não lhes disse? — exclamou o pobre homenzinho, erguendo as mãos, e olhando para um e outro de nós.

— Não se preocupe com isso, sr. Sholto — disse Holmes. — Creio que posso livrá-lo de semelhante acusação.

— Não prometa demasiado, sr. "Teórico", não prometa demasiado! — retorquiu o detetive. — Talvez encontre maior dificuldade do que pensa.

— Não apenas o livrarei disso, sr. Jones, como ainda lhe oferecerei o nome e sinais característicos de uma das duas pessoas que estiveram nesta sala ontem à noite. O nome dele, segundo todos os motivos que tenho para acreditar, é Jonathan Small. É um homem de pouca instrução, baixo, ativo, com a perna direita amputada e, no lugar dela, um coto de madeira que está gasto do lado interno. O sapato esquerdo tem uma sola grosseira, é quadrado na ponta e traz um reforço de metal no salto. É um homem de certa idade, queimado de sol, e já foi sentenciado. Estas poucas indicações podem servir-lhe para alguma coisa, juntamente com o fato de que falta um bom pedaço de pele na mão dele. O outro homem...

— Ah! E o outro homem? — perguntou Athelney Jones, numa voz desdenhosa, mas ainda assim impressionado, como facilmente se via, pela precisão com que Holmes falava.

— É uma pessoa um tanto curiosa — respondeu o meu amigo, girando nos calcanhares. — Espero apresentá-los a ambos dentro de pouco tempo. Dá-me uma palavra, Watson?

"Esta ocorrência inesperada", disse-me ele quando chegamos ao patamar da escada, "quase nos levou a esquecer o propósito original da nossa viagem."

— Eu estava justamente pensando nisso — respondi.

— Não convém que a srta. Morstan permaneça nesta maldita casa.

— Não. Você deve acompanhá-la a casa. Ela mora com a sra. Cecil Forrester, em Lower Camberwell, de maneira que não é muito longe. Espero-o aqui, se quiser voltar. Ou quem sabe está muito cansado?

— De modo algum. Acho que não poderei descansar sem saber qualquer coisa mais a respeito deste assunto fantástico. Já tenho visto muito do lado violento da vida, mas dou-lhe a minha palavra de que essa rápida sucessão de estranhas surpresas, hoje à noite, abalou-me completamente os nervos. Mesmo assim, gostaria de acompanhá-lo até o fim, já que fui tão longe.

— A sua presença será muito útil para mim — disse ele. — Trabalharemos no caso independentemente, e deixaremos Jones exultando com as suas fanfarronadas. Depois de deixar a srta. Morstan em casa quero que vá ao número 3 da Pinchin Lane, em Lambeth, perto do rio. E a terceira casa à direita, onde mora um empalhador de pássaros chamado Sherman. Você vai ver uma doninha com um coelho nos dentes, na vitrina. Acorde o velho Sherman e diga-lhe, com os meus cumprimentos, que preciso de Toby imediatamente. Traga Toby com você na carruagem.

— É um cão, suponho?

— Sim, um mastim curioso, dotado de um faro simplesmente incrível. Prefiro o auxílio de Toby ao de todo o corpo de detetives de Londres.

— Trago-o comigo então. É uma hora. Devo estar de volta antes das três, se conseguir um cavalo descansado.

— E eu — disse Holmes — verei o que posso saber da sra. Bernstone e do criado indiano, que, segundo o sr. Thaddeus, dorme na mansarda contígua. Depois estudarei os métodos do grande Jones e ouvirei os seus sarcasmos não muito delicados. "*Wir sind gewohnt dass die Menschen verhöhnen was sie nicht verstehen.*" Goethe é sempre sentencioso [2].

[1] “Não há tolos mais incômodos do que os que têm espírito.” (N. do T.)
[2] “É comum vermos os homens zombarem do que não podem compreender.” (N. do T.)

Capítulo sétimo: O episódio do barril

A polícia tinha trazido um carro, e nele acompanhei a srta. Morstan a casa. Como é hábito do feitio angélico das mulheres, ela enfrentara os acontecimentos com serenidade enquanto havia alguém mais fraco para consolar, de forma que a encontrei plácida e bem-disposta ao lado da governanta assustada. No carro, porém, teve um ligeiro desmaio e depois rompeu em soluços... tanto a tinham abalado as aventuras da noite. Disse-me ela, mais tarde, que nessa viagem eu lhe parecera frio e distante. Mal

suspeitava a luta que me ia no peito, ou o esforço que fazia para me conter. Meus sentimentos de simpatia e amor buscavam-na instintivamente, assim como, no jardim, a minha mão buscou a sua. Muitos anos de convenções sociais não poderiam me ensinar a conhecer melhor a sua doce e corajosa natureza do que naquele único dia de estranhas ocorrências. Todavia, dois pensamentos selavam nos meus lábios as palavras afetuosas. Ela estava fraca e desamparada, com o espírito e os nervos abalados. Seria desleal aproveitar-me disso para lhe impor cálidos sentimentos. Pior ainda, ela era rica. Se as pesquisas de Holmes fossem bem-sucedidas, viria a ser uma herdeira. Era justo, era honroso que um cirurgião a meio soldo tirasse partido de uma intimidade provocada pelo acaso? Não me olharia ela como a um vulgar caçador de dotes? Não queria sequer pensar no risco de que semelhante idéia lhe passasse pela mente. Aquele tesouro de Agra erguia-se entre nós como uma barreira intransponível.

Eram quase duas horas quando chegamos à residência da sra. Cecil Forrester. Os criados já tinham se recolhido havia muitas horas, mas a sra. Forrester ficara tão interessada na estranha mensagem recebida pela srta. Morstan que ainda aguardava o seu regresso. Ela própria abriu a porta. Era uma mulher de meia-idade, graciosa, e tive a satisfação de ver com que carinho o seu braço enlaçou a cintura da minha companheira, e como era maternal a voz com que a saudou. A srta. Morstan, evidentemente, não era tida como uma simples empregada, mas estimada como uma amiga. Fui apresentado, e a sra. Forrester me suplicou que entrasse para lhe contar as nossas aventuras. Expliquei-lhe, todavia, a importância da minha missão, e prometi-lhe que sem falta voltaria para relatar qualquer progresso que fizéssemos no caso. Ao me retirar, olhei furtivamente para trás, e ainda me lembro do que vi na escada: as duas graciosas figuras enlaçadas, a porta entreaberta, a luz do saguão filtrando-se pelos vitrais, o barômetro e os reluzentes varões da passadeira. Fazia bem ao espírito ver, ainda que de relance, aquele tranqüilo lar inglês num intervalo do tenebroso assunto que nos tinha absorvido.

E quanto mais eu pensava no que tinha acontecido, mais tenebroso me parecia. Passei em revista toda aquela extraordinária série de fatos enquanto o cupê corria pelas ruas silenciosas e iluminadas pelos lampiões a gás. Havia o problema original: esse, pelo menos, agora estava bem claro. A morte do capitão Morstan, a remessa das pérolas, o anúncio, a carta. . . tínhamos feito luz sobre todos esses acontecimentos. Contudo, eles nos haviam conduzido a um mistério mais profundo e ainda mais trágico. O tesouro indiano, a curiosa planta encontrada na bagagem do capitão Morstan, a estranha cena da morte do major Sholto, a redescoberta do tesouro imediatamente seguida pelo assassinato do descobridor, as singularíssimas circunstâncias desse crime, as pegadas, as armas impressionantes, as palavras garatujadas no pedaço de papel, idênticas às que se liam na planta do capitão Morstan. . . eis um verdadeiro labirinto no qual um homem menos excepcionalmente dotado que o meu companheiro de apartamento talvez desesperasse de encontrar uma pista.

A Pinchin Lane era um conjunto de casas velhas, com fachadas de tijolos, na parte baixa de Lambeth. Tive de bater repetidas vezes no número 3 antes que aparecesse alguém. Por fim, uma vela bruxuleou atrás da vidraça e um rosto assomou a uma janela de cima.

— Vá andando, seu beberrão — disse o rosto. — Se continuar com essa barulheira, abro os canis e solto quarenta e três cachorros nas suas pernas.

— Se soltar um só, é precisamente o que eu desejo — respondi.

— Suma! — gritou a voz. — Senão, jogo-lhe este raspador na cabeça!

— Mas eu quero um cachorro — gritei.

— Não quero saber de conversas! — berrou o sr. Sherman. — Saia daí, porque, quando eu disser "três", lá vai o raspador.

— O sr. Sherlock Holmes... — comecei a dizer.

Essas palavras tiveram um efeito aparentemente mágico, porque a janela imediatamente se fechou com estrondo e num minuto a porta estava destrancada e aberta. O sr. Sherman era um velho alto e magro, de ombros caídos, pescoço descarnado e óculos azuis.

— Um amigo do sr. Sherlock é sempre bem-vindo — disse ele. — Entre, por favor. Cuidado com o texugo, porque ele morde. Seu malcriado! Pretende tirar um pedaço deste cavalheiro?

Essas ultimas palavras foram dirigidas a um arminho que metera o focinho perverso por entre as grades da sua jaula.

— Não se importe com ele, cavalheiro — continuou o velho. — É inofensivo, pois já não tem as presas. Deixo-o solto porque come os escaravelhos. Não fique ressentido por eu ter sido um pouco rude. É que a garotada me importuna. As vezes eles vêm a esta rua só para me acordar. Que é que o sr. Sherlock Holmes deseja?

— Ele mandou pedir um dos seus cães.

— Ah! Então deve ser o Toby.

— Sim, foi Toby o nome que ele me deu.

— Toby mora no número , à esquerda daqui.

O velho avançou lentamente com a sua vela por entre uma curiosa família de animais que reunira em torno de si. A luz incerta e fraca, eu distinguia os pares de olhos reluzentes que nos espiavam de todos os cantos. Até os barrotes que ficavam acima das nossas cabeças eram ocupados por aves solenes, que preguiçosamente mudavam de pé quando as nossas vozes as tiravam da modorra.

Finalmente, apareceu Toby: um animal feio, peludo, de orelhas caídas, metade sabujo, metade perdigueiro, entre baio e branco, de andar feio e pesado. Aceitou, depois de alguma hesitação, o torrão de açúcar que o velho me pusera na mão, e, selando desse modo a nossa aliança, seguiu-me até o carro e não opôs dificuldade em fazer-me companhia. Acabava de bater três horas no carrilhão do Palace quando cheguei novamente a Pondicherry Lodge. O ex-pugilista MacMurdo, ao que eu soube, fora preso como cúmplice, e tanto ele como o sr. Sholto já tinham sido conduzidos para a

chefatura. Dois agentes guardavam a estreita entrada, mas deixaram-me passar com o cão quando mencionei o nome do detetive.

Holmes estava na soleira da porta, com as mãos nos bolsos, fumando o seu cachimbo.

— Ah!, trouxe-o! — disse ele. — Otimo cão! Athelney Jones já foi embora. Tivemos uma vasta demonstração de energia depois que você saiu. Ele prendeu não apenas o nosso amigo Thaddeus, como o porteiro, a governanta e o criado indiano. Estamos sozinhos na casa, exceto pelo sargento lá em cima. Deixe aqui o cão e venha comigo.

Amarramos Toby à mesa do saguão e subimos mais uma vez as escadas, O aposento estava como o havíamos deixado, à exceção do lençol, que agora cobria a figura central. Um sargento da polícia, de aspecto cansado, estava sentado a um canto da sala.

— Empreste-me a sua lanterna, sargento — disse o meu companheiro. — Watson, amarre-me este pedaço de papel no pescoço, de modo que fique pendurado à minha frente. Assim. Obrigado. Agora tenho de tirar os sapatos e as meias. Quer levá-los para baixo, Watson? Vou fazer uma pequena escalada. E mergulhe o meu lenço no creosoto. Pronto. Agora suba comigo à mansarda.

Passamos pelo buraco do teto. Holmes virou mais uma vez a sua lanterna para as pegadas no pó.

— Insisto em que você observe cuidadosamente estas marcas — disse ele. — Vê nelas alguma coisa digna de nota?

— Pertencem — respondi — a uma criança ou a uma mulher.

— Mas, além do tamanho, não há mais nada?

— Parecem pegadas como outras quaisquer.

— Nada disso. Olhe aqui! Esta é a marca de um pé direito no pó. Agora vou deixar ao lado dela a marca do meu pé descalço. Qual é a diferença mais evidente?

— Os seus dedos são juntos. Os outros aparecem nitidamente separados.

— Exatamente. É esse o ponto. Guarde-o na memória. Agora, quer me fazer o favor de ir até aquela abertura e cheirar o quadro de madeira?

Fiz o que ele me pedia e imediatamente senti um cheiro forte, semelhante ao do alcatrão.

— Foi aí que ele pousou o pé ao sair. Se você pode senti-lo, creio que Toby não terá a menor dificuldade. Agora desça ao andar térreo, solte o cão, e espere pela chegada do Ruivo.

Quando cheguei ao jardim, Sherlock Holmes já estava no telhado, parecendo-me um enorme vaga-lume rastejando muito lentamente pela cumeeira. Perdi-o de vista atrás de um conjunto de chaminés, mas dali a pouco reapareceu, e depois sumiu mais uma vez

do lado oposto. Quando dei volta à casa, encontrei-o sentado numa das calhas do telhado.

— É você, Watson? — gritou ele.

— Sou.

— É aqui o lugar. O que é isso preto aí embaixo?

— Um barril.

— Tem tampa?

— Tem.

— Não há nenhum sinal de escada?

— Não.

— Diabo de sujeito! É um lugar para quebrar o pescoço. Se ele pôde subir por aqui, eu também posso descer. Os canos de água parecem firmes. Seja como for, lá vou eu.

Houve um arranhar de pés, e a lanterna começou a descer pela parede num movimento uniforme. Depois, com um pequeno salto, Holmes caiu sobre o barril e em seguida pisava o chão.

— Foi fácil segui-lo — disse ele, calçando as meias e os sapatos. — As telhas estavam frouxas durante toda a pista, e ele, com a pressa, deixou cair isto. É uma coisa que confirma o meu diagnóstico, como dizem vocês, médicos.

O objeto que ele me entregou era uma pequena bolsa tecida com palhas de diversas cores e cercada de contas vistosas. Em forma e tamanho, não era muito diferente de uma cigarreira. Dentro havia meia dúzia de espinhos pretos, agudos numa ponta e arredondados na outra, como o que tínhamos encontrado em Bartholomew Sholto.

— São armas infernais! — disse ele. — Cuidado, não se pique. Estou muito satisfeito por tê-los encontrado, pois é muito provável que sejam todos os que ele possuía. Dessa forma não precisamos recear que de um momento para outro nos espetem um na pele. Quanto a mim, prefiro enfrentar a bala de um “Martini”. Você será capaz de agüentar uma esticada de uns seis quilômetros, Watson?

— Decerto — respondi.

— A sua perna resistirá?

— Sem dúvida.

— Ah! Olhe o meu cachorrinho! Aqui, Toby! Toby, Toby! Cheire isto, Toby, cheire!

Ao dizer isso, Holmes esfregou o lenço embebido em creosoto no focinho do cão, enquanto o animal abria as patas, inclinando comicamente a cabeça, como um conhecedor cheirando o bouqaet do vinho de uma colheita famosa. Holmes arremessou o lenço para longe, amarrou uma grossa corda à coleira do sabujo e conduziu-o até o barril de água. O animal imediatamente rompeu numa série de latidos agudos e trêmulos, e, com o focinho no chão, o rabo espetado no ar, atirou-se ao rastro com uma rapidez que esticava a corda e nos fazia andar o mais depressa que podíamos.

O nascente fora clareando aos poucos, e agora podia-se enxergar até certa distância à luz cinzenta da madrugada. O casarão maciço e quadrado, com suas janelas negras e vazias, seus muros altos e nus, erguia-se triste e soturno atrás de nós. O nosso caminho seguia reto pelo terreno, acima e abaixo dos poços e trincheiras que o desfiguravam. Tudo aquilo, com os montes de lixo aqui e ali, os arbustos raquíticos, tinha um aspecto sinistro e agourento que se casava perfeitamente com a negra tragédia que sobre ele pairava.

Ao atingir o muro que delimitava a propriedade, Toby pôs-se a correr ao longo dele, ganindo ansiosamente, e por fim deteve-se num canto encoberto por uma pequena faia. No ângulo em que os dois muros se encontravam, vários tijolos tinham sido quebrados, e os buracos feitos estavam desgastados na parte inferior, como se freqüentemente servissem de escada. Holmes subiu por eles e, tirando-me o cão das mãos, passou-o para o outro lado.

— Aqui está a marca da mão do perna-de-pau — observou ele quando eu subia o muro por minha vez. — Há uma ligeira mancha de sangue no reboco branco. Que sorte não ter chovido! O rastro está bastante fresco, apesar das oitenta e quatro horas que eles nos levam de vantagem.

Confesso que tive as minhas dúvidas quando pensei no intenso tráfego londrino verificado naquele intervalo. Mas em breve os meus receios desapareciam. Toby não hesitava um instante sequer e continuava a avançar no passo ondulante que lhe era peculiar. Evidentemente, o cheiro acre do creosoto destacava-se entre os demais que houvesse.

— Não imagine — disse Holmes — que o meu êxito neste caso possa depender do fato de que um daqueles sujeitos tenha pisado casualmente no creosoto. Já tenho elementos para segui-los de muitas maneiras diferentes. Esta, porém, é a mais fácil, e, desde que a sorte colocou-a em nossas mãos, seria estúpido não utilizá-la. Além disso, evitou que o caso se transformasse no pequeno problema intelectual que a princípio parecia ser. Se não fosse esta pista demasiado palpável, devia haver certo mérito em desvendá-lo.

— Mas há mérito para dar e vender — disse eu. — Afirmo-lhe, Holmes, que estou maravilhado com os meios pelos quais você está obtendo seus resultados neste caio, mais ainda do que no crime de Jefferson Hope. Este caso me parece ainda mais difícil e inexplicável.

— Ora, meu caro! E a própria simplicidade. Não quero assumir ares teatrais. Tudo é claro e evidente por si mesmo. Dois oficiais que comandam a guarnição de um presídio vêm a descobrir um importante segredo a respeito de um tesouro enterrado. Um inglês chamado Jonathan Small desenha-lhes um mapa. Lembre-se de que vimos esse nome na

planta que estava em poder do capitão Morstan. Jonathan assinou-o por si e pelos seus sócios... o signo dos quatro, como ele o chaniou com certa dramaticidade. Com o auxílio dessa planta, os oficiais... ou um deles... apanha o tesouro e o traz para a Inglaterra, deixando de cumprir, suponhamos, qualquer condição sob a qual o recebeu. Mas, então, por que não apanhou o próprio Jonathan o tesouro? A resposta é óbvia. A planta tem a data da época em que Morstan entrou em contato com os sentenciados. Jonathan Small não apanhou o tesouro porque ele e os seus sócios também eram sentenciados e não podiam sair de onde estavam.

— Mas isso é mera conjectura — observei.

— É muito mais do que isso. E a única hipótese que explica os fatos. Vejamos como ela se enquadra na seqüência dos mesmos. O major Sholto passa tranqüilamente alguns anos, feliz por estar de posse do tesouro. Depois recebe uma carta da India que lhe causa um grande susto. Que seria?

— Uma carta informando que os homens a quem ele ludibriara tinham sido soltos.

— Ou fugido. Isso é muito mais provável, pois ele devia saber qual era a duração da pena. Do contrário, não se surpreenderia. Que faz ele então? Acautela-se contra um homem de perna de pau... um homem branco, note bem, porque o confunde com um vendedor branco a ponto de lhe dar um tiro de pistola. Ora, na planta figura o nome de um único homem branco. Os outros são hindus ou muçulmanos. Não há outro homem branco. Por conseguinte, podemos dizer com certeza que o homem da perna de pau e Jonathan SmaIl são a mesma pessoa. Esse raciocínio lhe parece falso?

— Não; é claro e conciso.

— Pois bem. Agora coloquemo-nos no lugar de Jonathan Small. Encaremos a coisa pelo seu ponto de vista. Ele vem à Inglaterra com a dupla intenção de reaver o que julgava de seu direito e de se vingar do homem que o tinha ludibriado. Descobriu onde Sholto morava e, muito possivelmente, estabeleceu ligações com alguém da casa. Há aquele mordomo, Lal Rao, que não vimos. A sra. Bernstone está longe de descrevê-lo como uma boa pessoa. Small não pôde, contudo, descobrir onde estava escondido o tesouro, pois ninguém jamais o soube, exceto o major e um fiel criado que tinha morrido. Subitamente, Small é informado de que o major está moribundo. Em pânico, cheio de medo de que o segredo do tesouro morra com o major, desafia os guardas e consegue chegar até a janela do agonizante, e só não entra porque a presença de seus dois filhos o impede. Mas nessa mesma noite, doido de raiva contra o morto, entra no seu quarto e remexe seus papéis particulares na esperança de descobrir algum memorando referente ao tesouro, e finalmente deixa um sinal da sua visita num breve escrito. Sem dúvida, planeara-o de antemão; se tivesse matado o major, também teria deixado um escrito semelhante sobre o corpo, como sinal de que aquilo não era um assassinato comum, mas, sob o ponto de vista dos quatro associados, algo parecido com um ato de justiça. Conceitos estranhos e caprichosos dessa espécie são comuns nos anais do crime, e geralmente fornecem valiosas indicações quanto ao criminoso. Está me acompanhando?

— Perfeitamente.

— Então, o que poderia fazer Jonathan Small? Simplesmente vigiar em segredo os esforços para descobrirem o tesouro. Talvez ele saia da Inglaterra e só volte a intervalos certos. Segue-se, depois, a descoberta do tesouro na mansarda, e ele é imediatamente informado. Novamente sentimos a presença de um cúmplice na casa. Jonathan, com sua perna de pau, é absolutamente incapaz de galgar o altíssimo aposento de Bartholomew Sholto. Todavia, leva consigo um cúmplice muito curioso, que afasta essa dificuldade, mas mergulha o pé no creosoto, e daí resulta Toby e uma esticada de seis quilômetros para um oficial a meio soldo com um tendão de Aquiles avariado.

— Mas foi o cúmplice, e não Jonathan, que cometeu o crime.

— Não há dúvida. E com grande desagrado para Jonathan, a julgar pela maneira como pisou o soalho quando entrou no aposento. Ele não guardava nenhum rancor contra Bartholomew Sholto, e teria preferido simplesmente amarrá-lo e amordaçá-lo. Não queria expor o pescoço à forca. Mas não havia mais remédio: os instintos selvagens do seu companheiro tinham se manifestado. Jonathan deixou o seu escrito, pegou o tesouro e desapareceu com ele. Foi essa a seqüência dos acontecimentos, até onde posso decifrá-la. Quanto à sua aparência pessoal, está claro que deve ser um homem de meia-idade e queimado pelo sol, depois de tantos anos no forno que são as ilhas Andaman. A sua estatura é facilmente calculável pelo tamanho dos passos, e sabemos que era barbudo. Aliás, esse pormenor foi o único ponto que impressionou Thaddeus Sholto quando o viu à janela. Não sei se há mais alguma coisa.

— E o cúmplice?

— Ah! Não há grande mistério nisso. Mas em breve saberá bastante a esse respeito. Como está agradável o ar da manhã! Veja aquela nuvenzinha que flutua como uma pena rosada caída de um gigantesco flamingo. Agora o disco vermelho do sol atira-se contra a massa nevoenta de Londres. Brilha sobre muita gente, mas, ouso apostar, não sobre quem ande em missão mais estranha do que a nossa. Como nos sentimos pequenos, com as nossas mesquinhas lutas e ambições, na presença de grandes forças elementares da natureza! Está bem a par do seu Jean-Paul [1]?

— Sofrivelmente. Li-o pelas referências de Carlyle.

— Isso equivale a acompanhar o regato até o lago de onde brota. Ele faz uma observação curiosa mas profunda. É que a verdadeira grandeza do homem reside na percepção da sua própria pequenez. Alega, como vê, uma capacidade de comparação e apreciação que é em si mesma uma prova de nobreza. Em Richter há muita coisa que faz pensar. Trouxe o seu revólver?

— Tenho a minha bengala.

— É possível que precisemos de alguma coisa parecida, se chegarmos ao covil deles. Quanto a Jonathan, deixo-o com você, mas, se o outro vier com as suas, meto-lhe uma bala na cabeça.

Ao dizer isso, tirou o revólver, pôs duas balas no tambor e guardou-o no bolso direito do casaco.

Durante esse tempo, tínhamos seguido a orientação de Toby através de uma área meio rural, com ruas ladeadas por vivendas, que conduziam à cidade. Agora, entretanto, começávamos a passar por ruas contínuas, onde trabalhadores e homens das docas já iam para o trabalho e mulheres desalinhadas varriam os degraus das portas. Nas esquinas de sobrados quadrados, começava o movimento dos bares: homens mal-encarados apareciam esfregando as mangas nas barbas, após o seu gole matinal. Cães estranhos surgiam de súbito e ficavam nos olhando admirados, mas o nosso inimitável Toby não olhava nem para a direita nem para a esquerda, e continuava a trotar para a frente, com o focinho no chão, ocasionalmente ganindo um pouco mais alto, quando o rastro era mais forte.

Tínhamos atravessado Streatham, Brixton, Camberwell, e agora nos encontrávamos na Kennington Lane, dirigindo- nos para leste da cidade, que atingimos por ruas transversais. Os homens que seguíamos pareciam ter feito um curioso caminho em ziguezague, talvez com o intuito de não serem seguidos. Jamais passavam por uma rua principal, quando havia uma paralela que lhes servisse. Na entrada da Kennington Lane tinham virado à direita, passando pela Bond Street e pela Miles Street. No ponto em que esta última envereda para a Knight's Place, Toby cessou de avançar e começou a correr para a frente e para trás, com uma orelha em pé e a outra caída: a própria imagem da indecisão canina. Depois, começou a trotar em círculos, olhando de quando em quando para nós, como se pedisse desculpas pelo seu embaraço.

— Que diabo terá esse cachorro? resmungou Rolmes. — Eles com certeza não tomaram um carro nem subiram num balão.

— Talvez tivessem ficado um pouco por aqui — lembrei.

— Ah! Está tudo bem. Lá vai ele de novo — disse o meu companheiro em tom de alívio.

Lá ia ele, com efeito, pois, tendo fungado aqui e ali, tomou subitamente uma resolução e lançou-se para a frente, com uma energia e numa determinação que ainda não havia ostrado. O rastro parecia muito mais forte do que antes, porque ele nem sequer precisava pôr o focinho no chão, e esforçava-se por se livrar da corda para correr, O brilho nos olhos de Holmes dizia-me que ele supunha estarmos próximos do fim da nossa jornada.

Continuamos no mesmo rumo, descendo a Nine Elmes, até que chegamos a um grande depósito de madeira de Broderick e Nelson, pouco além da Taverna da Águia Branca. Em frenético alvoroço, o cão entrou por um portão lateral no recinto onde os serradores já estavam trabalhando. Por sobre aparas e lascas de madeira, depois por uma alameda, ao longo de um corredor, entre duplas pilhas de tábuas, lá foi ele quase correndo até que, finalmente, com um latido triunfante, saltou para cima de um tonel que ainda não haviam descarregado da zorra. Com a língua de fora, piscando os olhos, Toby continuou empoleirado no tonel, olhando- nos, à espera de algum sinal de apreciação. As bordas do tonel e as rodas da zorra estavam lambuzadas de um líquido preto, e tudo cheirava fortemente a creosoto.

Sherlock Holmes e eu nos fitávamos confusos, e depois, simultaneamente, desatamos num irreprimível ataque de riso.

[1] Johann Paul Friedrich Richter, dito Jean-Paul, escritor alemão (1763-1825), alia a sensibilidade ao humor e à ironia. (N. do T.)

Capítulo oitavo: Os irregulares da Baker Street

— E agora? — perguntei. — Toby perdeu a sua fama de infalível.

— Ele procedeu de acordo com o que tinha — disse Holmes, tirando-o de cima do tonel e dirigindo-se para a saída. — Se você pensar na quantidade de creosoto que é transportada em Londres num só dia, não admira que o nosso rastro tenha sido cortado por outro. Usa-se muito creosoto agora, principalmente para curar a madeira, O pobre Toby não tem culpa.

— Voltamos ao rastro principal, então?

— Sim. E felizmente não temos grande distância a percorrer. E evidente que o cão ficou embaraçado na esquina da Knight’s Place porque havia ali dois rastros correndo em direções opostas. Seguimos o falso, Só o que temos a fazer é seguir o outro.

Com efeito, não houve dificuldade a esse respeito. Reconduzido à praça onde tinha cometido aquele engano, Toby farejou um largo círculo e finalmente largou em nova direção.

— Devemos evitar que ele nos leve ao lugar de onde veio o tonel de creosoto — observei.

— Já tinha pensado nisso. Mas repare que ele se mantém no passeio, e que o tonel passou pelo meio da rua. Não, desta vez estamos no rastro certo.

O rumo era agora para os lados do rio, cortando a Belmont Place e a Prince’s Street. No fim da Broad Street, voltava-se diretamente para a beira da água, onde havia um pequeno armazém de madeira. Toby levou-nos até o final deste e ali ficou ganindo, olhando para a corrente turva embaixo.

— Estamos sem sorte — disse Holmes. — Eles tomaram um barco aqui.

Meia dúzia de pequenas chatas e caíques estavam amarrados às estacas do armazém. Levamos Toby a cada um deles, mas, apesar de farejar com veemência, não deu nenhum sinal de satisfação.

Perto do tosco embarcadouro, havia uma casinha de tijolos, com uma tabuleta pendurada na segunda janela. “Mordecai Smith”, lia-se nela em letras graúdas, e, mais abaixo: “Alugam-se barcos por dia ou por hora”. Um segundo letreiro, na porta,

informou-nos de que também havia uma lancha a vapor. . . anúncio que era confirmado por uma grande pilha de carvão sobre o armazém. Sherlock Holmes olhou vagarosamente em torno, e seu rosto assumiu uma expressão de desânimo.

— Mau, mau — disse ele. — Aqueles sujeitos são mais vivos do que eu esperava. Parece que tiveram o cuidado de não deixar rastro. Receio que aqui tenha havido alguma coisa preparada de antemão.

Aproximava-se ele da casa, quando a porta se abriu e um garotinho de uns seis anos saiu correndo, seguido de uma mulher gorda e vermelha, com uma enorme esponja na mão.

— Venha para o banho, Jack! — gritou ela. — Volte aqui, menino endiabrado. Quando o seu pai voltar a encontrá-lo assim, já sabe o que vai acontecer.

— Venha cá, rapazinho! — continuou Holmes, diplomaticamente. — Que garoto mais forte! Ouça, Jack, quer que eu lhe dê uma coisa?

O menino pensou um instante.

— Eu queria um xelim — disse ele.

— Não há nada de que goste mais?

— Gosto mais de dois xelins — respondeu o prodígio, depois de pensar um pouco.

— Aqui os tem, então! Tome! Que garoto esperto, sra. Smith!

— Chega a ser esperto demais, senhor. Quase não o agüento, principalmente quando o meu marido passa dias fora de casa.

— Está ausente? — disse Holmes, numa voz desapontada. — Que pena! Eu desejava falar com o sr. Smith.

— Ele saiu ontem de manhã. E, para lhe dizer a verdade, começo a ficar assustada. Mas, se desejava um barco, talvez eu possa servi-lo.

— Quero alugar a lancha a vapor.

— Ora veja! Foi justamente na lancha que ele saiu. Por isso é que não compreendo. A lancha só tinha carvão para ir quando muito até Woolwich e voltar. Se ele tivesse ido na chata, eu não me incomodava, porque muitas vezes já ficou em Gravesend, apesar da distância, e mais de um dia quando havia muito o que fazer. Mas de que serve uma lancha a vapor sem carvão?

— Talvez ele tenha comprado um pouco rio abaixo.

— Pode ser, mas não costuma fazer isso. Ele vive reclamando contra o preço que os depósitos de lá cobram por meia dúzia de saquinhos. Além disso, não me agrada a cara daquele perna-de-pau com fala esquisita. Ele não tem nada que andar sempre por aqui.

— Um homem com perna de pau? — disse Holmes, com ingênua surpresa.

— Sim, um tipo queimado de sol, com cara de macaco, que já andou muitas vezes atrás do meu marido. Foi ele que o acordou ontem à noite, mas o meu marido decerto estava à espera dele, porque a lancha já tinha pressão. Não, senhor, como lhe digo, isso não me cheira bem.

— Mas, minha cara sra. Smith — disse Holmes, encolhendo os ombros —, a senhora está se assustando por nada. Aliás, como sabe que foi um homem com perna de pau a pessoa que veio ontem à noite? Não compreendo como é que pode estar certa disso.

— Pela voz dele, senhor. Conheço aquela voz presa, encatarrada. Bateu na janela... mais ou menos às três. "Pule da cama, patrão", disse ele. "Está na hora do seu quarto." Meu marido acordou Jim, que é o meu filho mais velho, e lá se foram eles sem me dizer nada. Ouvi a perna de pau batendo nas pedras.

— E esse homem da perna de pau veio sozinho?

— Não sei, acho que sim. Não ouvi mais ninguém.

— É uma pena, sra. Smith, porque eu precisava de uma lancha a vapor, e deram-me boas informações sobre a... Como é o nome dela?

— Aurora, senhor.

— Ah! Sim. Não é uma lancha verde com uma lista amarela na linha-d'água, com a proa larga?

— Não, nada disso. É estreita como nenhuma outra no rio. Acaba mesmo de ser pintada. É preta, com duas listas vermelhas.

— Muito obrigado. Espero que o sr. Smith volte depressa. Vou descer o rio, e, se encontrar a Aurora, digo ao seu marido que a senhora está um pouco inquieta. Chaminé preta, não é?

— Não, senhor. Preta com uma listra branca.

— Isso mesmo, O costado é que é todo preto. Passe um bom dia, sra. Smith. Ali está um barqueiro, Watson. Vamos atravessar o rio com ele.

"O principal com gente dessa espécie", disse Holmes, quando nos sentamos nos bancos da catraia, "é dar-lhes a entender que não temos o menor interesse nas suas informações. Do contrário, fecham-se como ostras. Mas, se os ouvimos com uma espécie de má vontade, é muito provável virmos a saber o que desejamos."

— Nosso trabalho agora parece-me bastante claro — observei.

— Que faria você, então?

— Alugaria uma lancha e desceria o rio à procura da Aurora.

— Meu caro amigo, isso seria um nunca acabar. A lancha pode ter atracado em qualquer armazém, numa ou noutra margem, daqui até Greenwich. Depois da ponte, há um perfeito labirinto de embarcadouros que se estende por vários quilômetros. Levaria dias e dias a percorrê-los, se fosse sozinho.

— Empregue a polícia, então.

— Não. Provavelmente chamarei Athelney Jones no último instante. Ele não é mau sujeito, e eu de modo nenhum gostaria de prejudicá-lo profissionalmente. Mas creio que posso ir para a frente sozinho, agora que já chegamos até este ponto.

— Não poderíamos pôr um anúncio nos jornais, pedindo informações aos donos dos armazéns?

— Pior ainda! Os nossos homens saberiam que tinham alguém no encalço e logo deixariam o país. Aliás, é bem provável que o deixem, mas, enquanto se julgarem seguros, não terão muita pressa. A energia de Jones será útil para nós três, porque a sua maneira de ver o caso sem dúvida aparecerá na imprensa diária e os fugitivos pensarão que todos estão na pista falsa.

— Que faremos então? — perguntei, quando desembarcamos na outra margem, próximo da penitenciária de Miiibank.

— Vamos tomar esse carro, ir para casa comer alguma coisa e dormir algumas horas. É muito provável que esta noite tenhamos trabalho novamente. Pare numa agência telegráfica, cocheiro! Ficaremos com Toby, pois talvez ele ainda nos possa ser útil.

Paramos na agência da Great Peter Street, e Holmes despachou o seu telegrama.

— Para quem supõe que o enviei? — perguntou ele, ao reiniciarmos a viagem.

— Confesso que não faço a menor idéia.

— Lembra-se do meu destacamento policial irregular da Baker Street, o que empreguei no caso de Jefferson Hope?

— E daí? — disse eu rindo.

— Pois este é justamente um caso no qual aqueles garotos desocupados podem prestar um serviço inestimável. Se eles falharem, tenho outros recursos. O telegrama foi para o meu esfarrapado tenente Wiggins; tomara que ele e o seu bando nos esperem.

Eram agora cerca de nove horas, e eu começava a sentir os efeitos da noite passada em claro, em meio a tantos alvoroços. Estava cansado, com a perna doendo, o espírito entorpecido e o corpo fatigado. Não tinha o entusiasmo profissional que impelia o meu companheiro, nem podia olhar o assunto como um mero problema intelectual. No tocante à morte de Bartholomew Sholto, pouca coisa boa ouvira dizer dele, e não podia sentir uma intensa antipatia por seus assassinos. O tesouro, no entanto, era um assunto diferente. Pertencia, pelo menos em parte, à srta. Morstan. Enquanto houvesse uma possibilidade de recuperá-lo, estava disposto a devotar a minha vida a esse único

objetivo. Na verdade, se o encontrasse, ele provavelmente a poria fora do meu alcance. Contudo, seria mesquinhez e egoísmo deixar-me influenciar por semelhante idéia. Se Holmes podia trabalhar para encontrar os criminosos, eu tinha dez vezes mais razão em fazê-lo para descobrir o tesouro.

Um banho na Baker Street e roupas limpas deixaram- me em excelente disposição. Quando voltei à sala, encontrei a mesa servida e Holmes tomando o seu café.

— Aqui está — disse ele, rindo e apontando para um jornal aberto. — O enérgico Jones e o repórter ubíquo resolveram tudo. Mas você já está farto de saber como foi. É melhor tomar primeiro o seu café.

Peguei o jornal e li a breve notícia que se intitulava: “Fato misterioso em Upper Norwood”.

“Cerca da meia-noite de ontem”, dizia o Standard, “o sr. Bartholomew Sholto, da Pondicherry Lodge, em Upper Norwood, foi encontrado morto em seu aposento, em circunstâncias que indicam uma ação criminosa. Até onde sabemos, nenhum sinal de violência foi encontrado na pessoa do sr. Sholto, mas uma valiosa coleção de gemas indianas que o falecido cavalheiro havia herdado do seu progenitor tinha desaparecido. O fato foi inicialmente constatado pelo sr. Sherlock Holmes e pelo dr. Watson, que chegavam de visita em companhia do sr. Thaddeus Sholto, irmão do falecido. Por um feliz acaso, o sr. Athelney Jones, conhecido membro da corporação de detetives da cidade, encontrava-se no posto policial de Norwood, e compareceu no local meia hora depois de ser sido dado o alarme, O sr. Jones concentrou imediatamente a sua consumada habilidade e os seus dotes excepcionais no esclarecimento do fato, com o satisfatório resultado de que o irmão, Thaddeus Sholto, já foi detido, juntamente com a governanta, sra. Bernstone, um mordomo indiano chamado Lal Rao, e um porteiro, chamado MacMurdo. Ficou comprovado que o referido ladrão ou ladrões conheciam bem a casa, pois o sr. Jones, com os seus renomados conhecimentos técnicos e a sua faculdade de observação minuciosa, provou que os assaltantes não poderiam ter entrado pela porta ou pela janela, mas sim pelo telhado da casa, e daí por um alçapão que conduzia à sala onde foi encontrado o corpo. Essa circunstância, que ficou perfeitamente esclarecida, demonstra que o roubo não foi feito ao acaso. A ação pronta e enérgica das autoridades acentua a grande vantagem que é, em tais ocasiões, poderem contar com um espírito vigoroso e ágil. Parece-nos que este é mais um argumento em favor dos que desejam ver o nosso corpo de detetives menos centralizado, para que haja um contato mais íntimo e eficiente com os casos que é de seu dever investigar.”

— Não é magnífico? — disse Holmes, rindo por trás da sua xícara de café. — Que pensa disso?

— Penso que por pouco não fomos detidos como cúmplices do crime.

— Também eu. Não garanto muito pela nossa liberdade, se ele agora tiver outro dos seus acessos de energia.

Nesse momento, a campainha soou fortemente, e ouvi a sra. Hudson, a nossa senhoria, erguer a voz numa série de protestos.

— Meu Deus, Holmes! — disse eu. — Creio que já andam atrás de nós.

— Não, não é assim tão mau. Trata-se da corporação não oficial... dos irregulares da Baker Street.

Enquanto ele assim falava, o ruído de pés nus reboou na escada, seguido por uma algazarra de vozes agudas, e uma dúzia de garotos sujos e maltrapilhos invadiu a sala. Havia certa disciplina entre eles, a despeito da sua entrada tumultuosa, porque imediatamente se puseram em linha e ficaram nos olhando muito atentos. Um deles, mais alto e mais velho do que os outros, postava-se à frente com um ar de descuidada superioridade, irresistivelmente cômica naquele pequeno espantalho das ruas.

— Recebi o seu telegrama, chefe — disse ele —, e trouxe logo o grupo. Três xelins e seis pence de passagem.

— Aqui os tem — disse Holmes, dando-lhes umas moedas de prata. — No futuro, eles que se comuniquem com você, Wiggins, e você, diretamente comigo. Não quero a casa invadida dessa maneira. Mas, uma vez que já estão todos aqui, podem ouvir as instruções. Quero saber onde está uma lancha a vapor chamada Aurora, preta, com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma risca branca. Dono: Mordecai Smith. A lancha anda por aí, rio abaixo. Um dos garotos deve ficar no embarcadouro de Mordecai Smith, que fica em frente ao Millbank, para informar se a lancha voltou. Vocês podem se dividir em dois grupos, um de cada lado do rio. Avisem-me no momento em que tiverem notícias. Tudo claro?

— Perfeitamente, chefe — disse Wiggins.

— O pagamento é o mesmo, e há mais um guinéu para o garoto que encontrar a lancha. Aqui está um dia adiantado. Agora sumam!

Holmes deu um xelim a cada um, e lá se foram eles escada abaixo. Segundos depois, vi-os dispararem pela rua.

— Se a lancha estiver na água, eles a encontrarão — disse Holmes, levantando-se da mesa e acendendo o cachimbo. — Eles podem ir a toda parte, ver tudo, escutar o que diz qualquer pessoa. Entretanto, não podemos fazer nada a não ser esperar pelos resultados. E impossível retomar o rastro interrompido antes de encontrarmos a Aurora ou o sr. Mordecai Smith.

— Parece-me que Toby poderia comer estes restos, não? E você, Holmes, vai se deitar?

— Não. Não estou cansado. Tenho uma constituição curiosa. Não me lembro de jamais ter ficado cansado com o trabalho, mas a ociosidade me deixa completamente exausto. Vou fumar um pouco e pensar neste caso estranho que a minha bela cliente nos apresentou. Se já houve algum trabalho fácil, é este que temos em mãos. Homens com perna de pau não são muito comuns, mas o outro, penso eu, deve ser absolutamente único.

— Aí está você outra vez com ele!

— Afirmo-lhe que não desejo fazer mistério. Mas deve formar a sua própria opinião. Examine os dados. Pegadas diminutas, dedos jamais comprimidos por sapatos, pés nus, martelo de madeira com cabeça de pedra, grande agilidade, pequenos dardos envenenados. Que lhe sugere tudo isso?

— Um selvagem! — exclamei. — Talvez um daqueles indianos que estavam associados a Jonathan Small.

— Não, nenhum deles. Logo que vi as armas estranhas, também tive essa lembrança, mas as curiosas dimensões das pegadas levaram-me a pensar o contrário. Alguns habitantes da península indiana são homens pequenos, mas nenhum deles teria deixado aquelas marcas. Os indianos têm pés compridos e finos, Os muçulmanos, que usam sandálias, têm o polegar muito separado dos outros dedos, devido à correia que comumente passa entre eles. Os pequenos dardos, também, só podiam ser arremessados de uma maneira, isto é, por meio de uma zarabatana. De onde virá, então, o nosso selvagem?

— Da América do Sul — aventurei.

Holmes estendeu a mão e tirou um grosso volume da prateleira.

— Este é o primeiro volume de um dicionário geográfico que está sendo publicado atualmente. Pode ser considerado a mais recente autoridade no assunto. Que ternos aqui? “Ilhas Andaman, situadas a quinhentos e cinqüenta quilômetros ao norte de Sumatra, no golfo de Bengala.” Hum! hum! Que é isso? Clima úmido, recifes de coral, tubarões, Port Blair, penitenciária, ilha de Rutland, algodoais... Ah! Aqui está! “Os aborígines das ilhas Andaman serão talvez a menor raça do mundo, embora alguns antropólogos se inclinem pelos indígenas da África do Sul, pelos índios cavadores da América ou pelos naturais da Terra do Fogo. A sua estatura oscila por volta de um metro, não obstante existirem muitos indivíduos inteiramente adultos que são ainda mais baixos. São uma raça bronca, intratável e feroz, a despeito de se tornarem devotadíssirnos depois que se ganha a sua corfiança.” Note isso, Watson. Agora ouça mais isto: “São de feio aspecto, de cabeça muito grande e deformada, olhos pequenos e cruéis, feições grosseiras. Os pés e mãos, no entanto, são notavelmente pequenos. Esses aborígines mostram-se tão intratáveis e ferozes que os oficiais ingleses, malgrado todos os esforços, ainda não conseguiram conquistálos. Sempre têm sido um terror para as tripulações dos navios naufragados, pois atiram-se aos sobreviventes com os seus martelos de pedra ou os matam com as suas pequenas setas envenenadas. Esses massacres culminam invariavelmente num festim antropófago”. Gente boa e amável, Watson! Se se tivesse deixado o nosso indivíduo agir por conta própria, esse assunto talvez tivesse assumido um aspecto ainda mais horripilante, Tenho a impressão de que, embora as coisas não tenham chegado a este ponto, Jonathan Small daria muito para não tê-lo utilizado.

— E como teria ele arranjado um companheiro tão estranho?

— Ah! Isso é o que não sei. Mas, uma vez que, segundo já concluímos, Small veio das ilhas Andaman, não é de espantar que esse ilhéu tivesse vindo com ele. Não há dúvida de que saberemos tudo isso na devida hora. Ouça, Watson: você está exausto. Deite-se aqui no sofá que eu talvez o faça ferrar no sono.

Holmes retirou o seu violino de um canto e, enquanto eu me espreguiçava, começou a tocar algo lento, sonhador e melancólico... da sua lavra, sem dúvida, pois tinha notável talento para a improvisação. Lembro-me vagamente das suas mãos delgadas, do rosto grave, e do subir e descer do arco. Depois, pareceu-me flutuar tranqüilamente num doce mar de sons até chegar à terra dos sonhos, vendo o suave rosto de Mary Morstan, que me fitava.

Capítulo nono: Uma falha na seqüência

Acordei no meio da tarde, revigorado e bem-disposto. Holmes ainda estava exatamente como eu o havia deixado, com a única diferença de que tinha posto o violino de lado e mergulhara num livro. Olhou-me de esguelha quando eu me mexi, e notei-lhe uma expressão preocupada.

— Você dormiu profundamente — disse ele. — Receei que a nossa conversa o acordasse.

— Não ouvi nada — respondi. — Teve boas notícias?

— Infelizmente, não. Confesso que estou surpreso e desapontado. A esta hora eu já esperava ter alguma coisa de positivo. Wiggins acaba de sair daqui. Disse-me que não se descobre o menor sinal da lancha. E um obstáculo irritante, porque cada hora é de grande importância.

— Eu não poderei fazer alguma coisa? Estou absolutamente refeito e pronto para outra noite de atividade.

— Não, não podemos fazer nada. Só nos resta ficar à espera. Se sairmos, o recado talvez chegue na nossa ausência, e isso causará um atraso. Você pode ir aonde quiser, mas eu devo ficar de atalaia.

— Então darei um pulo a Camberwell para visitar a sra. Cecil Forrester. Ontem ela me pediu que o fizesse.

— A sra. Cecil Forrester? — perguntou Holmes com um brilho gaiato nos olhos.

— E a srta. Morstan também, é claro. Elas estão ansiosas por saber o que aconteceu.

— Eu não lhes diria muita coisa — observou Holmes. — Nunca se pode confiar demasiado nas mulheres.., nem mesmo nas melhores.

Não me detive para discutir aquele maldoso comentário.

— Estarei de volta dentro de uma ou duas horas — avisei.

— Muito bem. Felicidades! Já que vai atravessar o rio, podia levar Toby, porque daqui por diante creio que ele não nos servirá de nada.

Levei, pois, o nosso sabujo, e devolvi-o, juntamente com meia libra, ao velho naturalista da Pinchin Lane. Em Camberweli encontrei a srta. Morstan um pouco abatida pelas aventuras da noite anterior, mas muito ansiosa por notícias. A sra. Forrester também estava muito curiosa. Contei-lhes o que havíamos feito, omitindo, todavia, as partes mais chocantes da tragédia. Assim, embora tivesse falado sobre a morte do sr. Sholto, nada disse quanto à maneira e ao método de que se servira o assassino. Mas, apesar de todas as minhas omissões, isso foi suficiente para assustá-las e assombrá-las.

— E um verdadeiro romance! — exclamou a sra. Forrester. — Uma jovem ludibriada, um tesouro de meio milhão, um canibal preto e um vilão de perna de pau. Eles fazem as vezes do dragão ou do conde malvado.

— E não esqueça os dois cavaleiros andantes que correm para salvá-la — acrescentou a srta. Morstan, com um belo olhar para mim.

— Ah! Mary, sua fortuna depende dessa investigação. Mas você não me parece muito entusiasmada com isso. Imagine o que deve ser possuir tamanha fortuna e ter o mundo a seus pés!

Notei, com grande regozijo, que ela não mostrava nenhum sinal de alvoroço ante essa perspectiva. Pelo contrário, meneou orgulhosamente a cabeça, como se tivesse pouco interesse naquele assunto.

— E com o sr. Thaddeus Sholto que estou preocupada — disse ela. — Nada mais tem importância. Acho que ele procedeu honrada e bondosamente em todo este assunto. É nosso dever livrá-lo dessa terrível e injusta acusação.

Anoitecia quando voltei de Camberwell, e, ao chegar a casa, já era noite fechada. O livro e o cachimbo do meu companheiro estavam em cima da sua cadeira, mas ele tinha desaparecido. Olhei em torno, procurando um bilhete qualquer, mas nada encontrei.

— O sr. Sherlock Holmes deve ter saído, não? — perguntei à sra. Hudson, quando ela entrou para fechar os postigos.

— Não, senhor. Já está no quarto. Sabe — disse a nossa senhoria, reduzindo a voz a um cochicho — que estou um pouco preocupada com a saúde dele?

— Como assim, sra. Hudson?

— É que ele anda tão esquisito! Depois que o senhor saiu, começou a andar de cá para lá, sem parar um instante, a ponto de eu ficar cansada de lhe ouvir os passos. Depois notei que falava sozinho e resmungava, e, todas as vezes que tocavam a campainha, aparecia no patamar da escada perguntando-me quem era. E agora fechou-se no quarto, mas continua a passear de cá para lá como antes. Espero que não vá adoecer, senhor. Arrisquei-me a dizer-lhe qualquer coisa sobre um calmante, mas ele olhou-me de tal modo que nem sei como saí do quarto.

— Não há motivo para se preocupar, sra. Hudson — respondi-lhe. — já o vi assim muitas vezes. É que ele anda às voltas com certo assunto.

Procurei falar despreocupadamente com a nossa digna senhoria, mas eu próprio senti certa preocupação nessa noite, por ouvir o seu passeio monótono e interminável todas as vezes que acordava, e por sabê-lo irritado com aquela inação involuntária.

Na manhã seguinte, durante o café, achei-o pálido e abatido, com pequenas manchas de febre no rosto.

— Está se consumindo, meu velho — observei-lhe. — Ouvi-o passear durante toda a noite.

— Perdi o sono — respondeu ele. — Este problema infernal me preocupa. É absurdo ficar detido por um obstáculo tão ínfimo, quando tudo o mais já foi resolvido. Conheço os homens, a lancha, tudo; e apesar disso não tenho notícia deles. Já meti mais gente neste trabalho e empreguei todos os meios à minha disposição. Todo o rio foi esquadrinhado, em ambas as margens, e até agora nada! A sra. Smith também não recebeu notícias do marido. Dentro em pouco terei que concluir que eles afundaram a lancha. Mas há sérias objeções quanto a essa possibilidade.

— Não nos terá a sra. Smith posto numa pista falsa?

— Não, creio que isso está fora de dúvida. Mandei fazer indagações. Há realmente uma lancha como a que ela nos descreveu.

— Quem sabe então se não subiram o rio?

— Também já considerei essa possibilidade. Tenho um grupo que irá até Richmond. Se hoje não vier notícia nenhuma, eu próprio iniciarei as pesquisas amanhã, e irei atrás dos homens e não da lancha. Mas com toda a certeza saberemos hoje alguma coisa.

Nada soubemos, porém. Nenhuma palavra nos veio de Wiggins ou dos outros investigadores. A maioria dos jornais referia-se à tragédia de Norwood. Todos pareciam um tanto hostis ao desventurado Thaddeus Sholto. Todavia, nenhum deles trazia novos pormenores, excetuando-se um inquérito judicial que teria lugar no dia seguinte. À tarde, fui a pé até Camberwell a fim de informar as senhoras do nosso insucesso, e ao voltar encontrei Holmes deprimido e de mau humor. Mal respondeu às minhas perguntas, e dedicou-se toda a noite a uma abstrusa análise química que exigia o aquecimento de retortas e a destilação de vapores cujo cheiro quase me enxotou para a rua. Altas horas da noite, eu ainda ouvia o tinir dos seus tubos de ensaio, indicando-me que ele continuava empenhado na sua experiência malcheirosa.

De madrugada, acordei sobressaltado, vendo-o em pé ao lado da minha cama, vestido de marinheiro, com um jaquetão grosseiro e uma manta vermelha enrolada no pescoço.

— Vou para o Tâmisa, Watson — anunciou-me ele. — Estive examinando detidamente o assunto e só encontro uma saída. De qualquer maneira, vale a pena tentar.

— Posso, com certeza, acompanhá-lo, não é verdade?

— Não, será muito mais útil para mim se ficar aqui como meu representante. Vou com muita relutância, porque é bem provável que venha qualquer mensagem durante o dia, embora Wiggins ontem à noite não tivesse muita esperança. Quero que abra todas as cartas ou telegramas e proceda de acordo com o seu critério, se chegar alguma notícia. Posso contar com você?

— Sem a menor dúvida.

— Receio que não lhe seja possível telegrafar-me, pois nem eu sei dizer onde poderei estar. Mas, se tiver sorte, não me demorarei muito. Antes de voltar, seja como for, hei de ter qualquer notícia.

Quando me sentei à mesa para o café, ainda não recebera nenhuma notícia dele. Abrindo o Standard, encontrei porém uma nova referência ao assunto:

"Quanto à tragédia de Upper Norwood", dizia o jornal, "temos razões para acreditar que o assunto promete ser ainda mais complexo e misterioso do que originalmente se supunha. Novas provas demonstraram ser inteiramente impossível que o sr. Thaddeus Sholto possa estar implicado no assunto. Ele e a governanta, a sra. Bernstone, foram soltos ontem à tarde. Acredita-se, porém, que a polícia possua uma pista quanto aos verdadeiros culpados, e que ela esteja sendo examinada pelo sr. Athelney, da Scotland Yard, com a sua conhecida energia e sagacidade. Esperam-se novas prisões a qualquer momento".

Até aqui está muito bem, pensei comigo. De qualquer maneira, o amigo Sholto está em liberdade. E essa nova pista? Será realmente uma pista ou um disfarce que costumam lançar quando a polícia comete algum engano?

Coloquei o jornal na mesa, mas nesse momento despertou-me a atenção um anúncio da coluna dos desaparecimentos. Dizia ele:

"DESAPARECIDOS. Mordecai Smith, barqueiro, e seu filho Jim, tendo deixado o embarcadouro Smith cerca das três horas de terça-feira última, na lancha a vapor Aurora (de casco preto com duas listras vermelhas e chaminé preta com uma risca branca), até agora não regressaram nem foram encontrados. Gratifica-se com a soma de cinco libras qualquer pessoa que possa informar a sra. Smith, no embarcadouro Smith, ou no 221-B da Baker Street, do paradeiro do dito Mordecai e da lancha Aurora".

Aquilo era evidentemente obra de Sherlock Holmes. O endereço da Baker Street bastava para prová-lo. Pareceu-me engenhosamente redigido, pois os fugitivos poderiam lê-lo sem notar mais do que a natural ansiedade de uma esposa em face do desaparecimento do marido.

Foi um dia longo. Todas as vezes que batiam à porta ou se ouviam passos apressados na rua, eu imaginava que fosse Holmes de regresso a casa ou alguém que respondia ao anúncio. Tentei ler, mas os meus pensamentos se desviavam para as nossas estranhas atividades e para a pista perversa e desconexa que perseguíamos. Não haveria, pensava eu, qualquer erro fundamental no raciocínio do meu companheiro? Não estaria sendo

vítima de uma grande ilusão forjada por ele próprio? Não seria possível que o seu espírito ágil e especulativo tivesse construído aquela hipótese com falsas premissas? Nunca o vira enganar-se, mas às vezes até o mais sutil dos raciocinadores comete um engano. Ocorria-me também a possibilidade de que a própria sutileza da sua argumentação pudesse induzi-lo ao erro. . . de que ele, por inclinação natural, tivesse preferido uma explicação estranha e complexa quando outra, mais simples e comum, poderia estar ao seu alcance. Mas, por outro lado, eu próprio tinha visto as provas e ouvido as razões que fundamentavam a sua dedução. Ao recordar a longa série de curiosas circunstâncias, muitas delas triviais, mas todas afluindo para a mesma direção, não me era possível fugir à conclusão de que, se estava errada a explicação de Holmes, a verdadeira hipótese também não deixaria de ser estranha e complexa.

Às três horas da tarde, soou demoradamente a campainha, ouviu-se uma voz autoritária no corredor e, para minha surpresa, o sr. Athelney Jones em pessoa foi introduzido na nossa sala de estar.. Parecia, contudo, muito diferente do áspero e imperioso mestre do bom senso que tão confiada- mente se encarregara do caso em Upper Norwood. Estava deprimido, manso e até humilde.

— Bom dia, cavalheiro — disse ele. — O sr. Sherlock Holmes não está, segundo me disseram, não?

— Não, nem sei bem quando voltará. Mas talvez o senhor queira esperar um pouco. Sente-se e prove um destes charutos.

— Muito obrigado. Acho que vou esperar — disse ele, enxugando o rosto com um lenço vermelho, estampado.

— Aceita um uísque?

— Meia dose, por favor. Faz muito calor para esta época do ano, e tenho andado numa enrascada! O senhor conhece a minha hipótese a respeito do caso de Norwood?

— Lembro-me de tê-la ouvido.

— Pois fui obrigado a reconsiderá-la. Já tinha fechado o cerco sobre o sr. Sholto, mas de repente foi tudo por água abaixo. Ele tinha um álibi de primeira. Desde o momento em que saiu do quarto do irmão até quando o prendemos, esteve sempre na presença de alguém, e provou-o. Dessa maneira, não podia andar pelo telhado e passar por alçapões. É um caso muito obscuro, e o meu nome profissional está em jogo. Gostaria muito de um pequeno auxílio.

— Todos nós precisamos de auxílio em certas ocasiões — afirmei eu.

— O seu amigo Sherlock Holmes é um homem notável — disse ele em voz rouca e confidencial. — Ninguém pode batê-lo. Já o vi trabalhar num bom número de casos, e não sei de um. só que ele não tenha esclarecido. Os seus métodos são irregulares, e é talvez um pouco apressado em formular as suas teorias, mas daria um grande inspetor, e pouco me importa que o saibam. Recebi um telegrama dele esta manhã, e pelo que diz concluo que deve andar seguindo alguma pista do caso Sholto. Aqui está a sua mensagem.

Tirou o telegrama do bolso e deu-o a mim. Fora passado em Polar, ao meio-dia.

“Vá imediatamente à Baker Street”, dizia a mensagem. “Estou no encalço do bando Sholto. Se quiser, poderá vir conosco esta noite para o desenlace.”

— Isso me soa bem. Conseguiu evidentemente reencontrar o rastro — disse eu.

— Ah! Então também ele errou — exclamou Jones com evidente satisfação. As vezes até os melhores de nós nos enganamos. E claro que isso também pode ser um falso alarme, mas, como representante da lei, o meu dever é não deixar escapar nenhuma probabilidade. Alguém está à porta. Talvez seja ele.

Alguém subia penosamente a escada, com passos pesados e a respiração arfante, como se aquilo lhe custasse um grande esforço. Depois de duas ou três pausas, dando a impressão de que repousava para ganhar alento, o homem chegou à nossa porta e entrou. A sua aparência correspondia aos rumores que tínhamos ouvido, pois era um velho alquebrado, vestido como marinheiro, com um surrado jaquetão abotoado até o pescoço. Tinha as costas curvadas, os joelhos trêmulos e a respiração difícil dos asmáticos. Apoiando- se num grosso bastão de carvalho, erguia os ombros no esforço para respirar. Tinha uma manta de cor enrolada até o queixo, de forma que eu pouco lhe via o rosto, exceto uns olhos vivos e escuros, as espessas sobrancelhas brancas e as suíças grisalhas. No todo, dava-me a impressão de um respeitável marinheiro entrado em anos e na pobreza.

— Que deseja, meu velho? perguntei-lhe.

Ele fitou-me à maneira lenta e metódica dos velhos.

— O sr. Sherlock Holmes está em casa? disse ele.

— Não, mas eu o substituo. Pode me dar o recado que tinha para ele.

— Não, isto é mesmo só com ele.

— Mas estou lhe dizendo que pode tratar comigo. E a respeito do barco de Mordecai Smith?

— É, sim. Sei onde ele está. E sei onde estão os homens que ele procura. E também sei onde está o tesouro. Sei de tudo.

— Então diga-me, que eu me comunicarei com ele.

— Não, isso é só com ele — repetiu o visitante, com a insolente teimosia dos homens muito idosos.

— Nesse caso terá de esperar.

— Isso é que não. Não vou perder um dia inteiro só para agradar a alguém. Se o sr. Holmes não está aqui, então ele que se arranje sozinho. Não gosto muito da cara de nenhum dos dois, e não direi coisa alguma.

Encaminhou-se tropegamente para a porta, mas Athelney Jones passou-lhe à frente.

— Espere um pouco, meu amigo disse ele. — O senhor tem informações importantes, e não deve ir embora. Queira ou não queira, ficará aqui até o nosso amigo voltar.

O velho tentou chegar à porta, mas, quando Athelney Jones o impediu com suas amplas espáduas, reconheceu que era inútil resistir.

— Bela maneira de tratar as pessoas! — gritou ele, batendo com o bastão no soalho. — Entrei aqui para falar com um cavalheiro, e vocês dois, que eu nunca vi mais gordos, agarram-me desse modo!

— O senhor não perderá nada com isso! repliquei. — Nós o recompensaremos pelo tempo que perder aqui. Sente-se naquele sofá, que a demora não será muita.

O velho obedeceu bastante zangado, sentou-se e apoiou o queixo nas mãos. Jones e eu voltamos aos nossos charutos e à nossa conversa. Decorridos alguns instantes, porém, a voz de Holmes nos interrompeu.

— Bem que me poderiam oferecer um charuto — disse ele.

Ambos pulamos da cadeira. Lá estava Holmes ao nosso lado, com um ar tranqüilamente divertido.

— Holmes! — exclamei. — Você aqui? Mas onde está o velho?

— Aqui está o velho — respondeu-me ele, mostrando um tufo de cabelos brancos. — Ei-lo aqui: cabelos, sobrancelhas e suíças. O meu disfarce me parecia bastante bom, mas não pensei que fosse capaz de resistir a esta prova.

— Que malandro! — exclamou Jones, deliciado. — Você poderia ter sido ator, e dos bons. A sua tosse vinha diretamente de um asilo, e aquelas pernas trôpegas valiam dez libras por semana. Mas notei qualquer coisa nos seus olhos. Bem vê que não nos escapou assim tão facilmente.

— Estive trabalhando o dia todo com este disfarce. Acontece que no mundo do crime já começam a me conhecer... principalmente depois que este nosso amigo deu de publicar alguns dos meus casos... de forma que só posso fazer as minhas expedições metido em algum disfarce como este. Recebeu o meu telegrama?

— Sim, foi por isso que vim aqui.

— Fez algum progresso no caso?

— Tudo deu em nada. Tive de soltar os meus dois prisioneiros, e não há nenhuma prova contra os outros dois.

— Não se preocupe com isso. Nós lhe daremos outros dois em troca. Mas deve se colocar sob as minhas ordens. Oficialmente só aparecerão os seus esforços, mas tem de proceder dentro das linhas que eu lhe indicar. Está de acordo?

— Inteiramente, se me ajudar a encontrar os homens.

— Muito bem. Em primeiro lugar, desejo que um barco veloz da polícia, uma lancha a vapor, esteja às sete horas junto à escadaria de Westminster.

— Isso é fácil. Há sempre uma lancha nossa atracada neste ponto, mas posso atravessar a rua e telefonar, para termos certeza.

— Em seguida, preciso de dois homens robustos, para o caso de haver resistência.

— Haverá dois ou três na lancha. Que mais?

— Quando apanharmos os homens, apanharemos o tesouro. Creio que será um prazer para este nosso jovem amigo levar a caixa à jovem que tem todo o direito à metade dele. Quero que seja ela a primeira pessoa a abri-la. Que acha, Watson?

— Será um grande prazer para mim.

— E um procedimento bastante irregular — disse jones abanando a cabeça. — Mas, como toda esta história é irregular, suponho que seja melhor fechar os olhos. O tesouro deverá ser entregue às autoridades, logo em seguida, até que se proceda à investigação oficial.

— Sem dúvida. Não haverá dificuldade nisso. Mais um ponto. Eu gostaria muito de ouvir alguns pormenores a respeito deste caso dos próprios lábios de Jonathan Small. Bem sabe que gosto de esgotar todas as circunstâncias dos meus casos. Haverá alguma objeção quanto a eu ter uma pequena entrevista com ele, aqui ou em qualquer outro lugar, desde que ele esteja bem vigiado?

— Você está senhor da situação. Ainda nem sequer tenho provas da existência desse Jonathan Small. Contudo, se você o apanhar, não vejo maneira de lhe recusar uma entrevista com ele.

— Então está combinado?

— Perfeitamente. Há mais alguma coisa?

— Sim: insisto em que jante conosco. Seremos servidos dentro de meia hora. Tenho ostras e dois faisões, com alguns vinhos brancos, não muitos, a escolher. Watson, você ainda não reconheceu os meus méritos como dona-de-casa.

Capítulo décimo: O fim do ilhéu

Jantamos alegremente. Holmes era um excelente conversador quando bem disposto, e nesse dia realmente estava assim. Parecia encontrar-se em estado de exaltação. Nunca o vi tão brilhante. Falou sobre uma série de assuntos — dramas sacros, cerâmica medieval, violinos Stradivarius, o budismo do Ceilão, os navios de guerra do futuro —, tratando de tudo como se tivesse feito um estudo especial de cada tema. O seu bom humor indicava uma reação contra a profunda depressão dos dias anteriores.

Athelney Jones revelou-se um ser sociável nas suas horas de folga, e atirou-se ao jantar com ar de bon vivant. Quanto a mim, sentia-me enlevado com a idéia de que nossa tarefa chegava ao fim. A alegria de Holmes me contagiou um pouco. Nenhum de nós aludiu, durante o jantar, à causa que nos havia reunido.

Quando tiraram a toalha, Holmes olhou para o relógio e encheu três cálices de vinho do Porto.

— Um gole — disse ele — pelo êxito da nossa pequena expedição. E agora é hora de começar. Tem um revólver, Watson?

— Tenho na escrivaninha a minha velha pistola de serviço.

— Convém levá-la. Ë melhor estar prevenido. Vejo que o coche está à porta. Mandei que o trouxessem às seis e meia.

Eram pouco mais de sete horas quando chegamos ao embarcadouro de Westminster e encontramos a lancha à nossa espera. Holmes examinou-a com um olhar crítico.

— Há alguma coisa que a identifique como uma lancha da polícia?

— Há. Este farol verde.

— Então tire-o.

Feita essa pequena alteração, embarcamos e largaram-se as amarras. Jones, Holmes e eu íamos sentados na popa. Havia um homem no leme, outro na máquina, e dois vigorosos inspetores da polícia na proa.

— Qual é o rumo? — perguntou Jones.

— Para os lados da torre. Diga-lhes que parem diante do estaleiro Jacobson.

A nossa embarcação era evidentemente rápida. Passamos pelas filas de chatas carregadas como se elas estivessem ancoradas. Holmes sorriu de satisfação quando alcançamos um vapor fluvial e o deixamos para trás.

— Acho que estamos aptos a alcançar qualquer coisa que flutue — disse ele.

— Nem tanto. Mas não há muitas lanchas que possam nos alcançar — replicou Jones.

— Teremos de alcançar a Aurora, e ela tem fama de veloz. Vou dizer-lhe em que pé estão as coisas, Watson. Lembra-se de como eu estava aborrecido ao me ver batido por uma coisa tão insignificante?

— Sim.

— Pois acalmei o espírito mergulhando numa análise química. Já disse um dos nossos grandes estadistas que o melhor repouso é mudar de trabalho. É uma verdade. Quando consegui dissolver o hidrocarbonato com que estava trabalhando, voltei ao problema dos Sholtos e refleti novamente sobre todo o assunto. Meus garotos tinham andado rio acima e rio abaixo sem o menor resultado. A lancha não se encontrava em nenhum embarcadouro nem armazém, e tampouco havia regressado. Também não podia ter sido afundada para lhes esconder o rastro, não obstante haver sempre essa hipótese, se falhassem todas as demais. Eu sabia que esse tal Small tinha certo grau de astúcia, mas não o achava capaz de qualquer coisa requintada e complexa. Isso geralmente é produto de uma instrução superior. Ocorreu-me então que ele, estando em Londres já há algum tempo (conforme estava provado pela sua contínua vigilância em Pondicherry Lodge), dificilmente poderia partir de um momento para o outro; precisaria de alguns dias para pôr em ordem os seus negócios. De qualquer maneira, era esse o saldo das probabilidades.

— Parece-me um argumento um tanto fraco observei. — É mais provável que ele tenha feito esses preparativos antes de ir a Pondicherry Lodge.

— Não, não penso assim. Seu esconderijo lhe era demasiado valioso para que ele o deixasse antes de estar certo de que não precisava mais dele. Jonathan Small deve ter pensado que o estranho aspecto de seu companheiro, por mais que o cobrisse de roupas, daria sem dúvida o que falar, e era até provável que o ligassem à tragédia de Norwood. Era bastante esperto para ver isso. Eles tinham deixado seu esconderijo sob a proteção da noite, e Small desejaria voltar antes que fosse dia claro. Ora, passava das três, segundo a sra. Smith, quando tomaram a lancha. Já devia estar bastante claro, e em uma hora ou pouco mais haveria gente por toda parte. Conseqüentemente, calculei que não teriam ido muito longe. Devem ter pago ao sr. Smith para que ele fechasse a boca, escondesse a lancha para a fuga definitiva e corresse ao esconderijo com a caixa do tesouro. Em duas noites, depois de terem tido tempo de ver o que os jornais diziam e de saber se havia alguma suspeita, sairiam protegidos pelas trevas e iriam até algum navio em Gravesend, ou em Downs, no qual sem dúvida já teriam obtido passagem para a América ou para as colônias.

— Mas... e a lancha? Não poderiam tê-la levado para o esconderijo?

— Exatamente. Eu insistia em que a lancha não devia andar muito longe, malgrado a sua invisibilidade. Coloquei- me então no lugar de Small e raciocinei como faria um homem com a sua capacidade. Ele provavelmente acharia que mandar a lancha de volta ou guardá-la num embarcadouro facilitaria as buscas da polícia, se esta por acaso estivesse no seu encalço. Como então poderia esconder a lancha e ao mesmo tempo tê-la à mão quando precisasse dela? Imaginei o que eu próprio faria se estivesse no seu lugar. Só poderia pensar uma coisa: entregar a lancha a algum estaleiro ou carpinteiro

para um reparo qualquer. Nesse caso, a embarcação seria içada para uma carreira ou um dique, de forma que ficaria perfeitamente escondida e à minha disposição dentro de poucas horas.

— Isso parece bastante simples.

— Pois são justamente essas coisas simples que freqüentemente nos escapam. Seja como for, resolvi proceder de acordo com essa idéia. Iniciei imediatamente a pesquisa, metido naquela roupa de marinheiro, e andei indagando cru todos os estaleiros. Em quinze deles não encontrei nada, mas no décimo sexto, o Jacobson, soube que a Aurora tinha sido ali deixada, havia dois dias, por um homem de perna de pau, para que fizessem um conserto no leme. "Mas o leme estava em perfeitas condições", disse-me o capataz. "Lá está ela: é aquela de listras vermelhas." Nesse momento, quem havia de surgir senão Mordecai Smith, o patrão desaparecido? Era evidente que tinha bebido demais. É claro que eu não podia reconhecê-lo, mas ele berrou o seu nome e o da lancha. "Quero-a na água hoje à noite, às oito em ponto. Às oito em ponto", repetiu, "porque tenho dois cavalheiros que não podem esperar." Era óbvio que lhe tinham pago muito bem, pois estava cheio de dinheiro e tilintava os xelins para os trabalhadores. Segui-o a certa distância, mas ele entrou numa cervejaria. Voltei ao estaleiro, e, tendo encontrado um dos meus garotos, postei-o como sentinela nas proximidades da lancha. Ele deverá ficar à beira da água e agitar um lenço quando eles partirem. Estaremos ancorados ao largo, e será muito estranho se não apanharmos os homens, o tesouro e tudo.

— Você planejou tudo muito bem, sejam ou não sejam eles os homens que procuramos — disse Jones. — Mas, se o caso estivesse nas minhas mãos, eu teria colocado meia dúzia de polícias no estaleiro Jacobson e os prenderia no momento em que eles aparecessem.

— E o momento não chegaria nunca. Esse Small é um sujeito muito esperto. Não deixaria de mandar um explorador na frente; e, se desconfiasse de alguma coisa, na certa se esconderia por outra semana.

— Mas você podia ter continuado a seguir Mordecai, e dessa maneira descobrir o esconderijo deles — disse eu.

— Nesse caso teria perdido o meu dia. Creio que há uma possibilidade em cem de que Smith saiba onde eles estão. Enquanto tivesse bebida e bom pagamento, para que andaria fazendo perguntas? Eles lhe mandavam dizer o que devia fazer. Não. Refleti em todas as medidas possíveis, e esta é a melhor.

Enquanto assim falávamos, íamos passando a todo o vapor sob a longa série de pontes que atravessam o Tâmisa. Ao defrontarmos a City, os últimos raios de sol douravam a cúpula da Catedral de São Paulo. Caía o crepúsculo quando alcançamos a torre.

— Aquele é o estaleiro Jacobson — disse Holmes, apontando para uma floresta de mastros do lado de Surrey.

— Diminuam a marcha e ancorem aqui, sob a proteção desta fila de batelões.

Tirando do bolso um binóculo noturno, assestou-o para a costa e ficou olhando durante algum tempo.

— Estou vendo minha sentinela no seu posto — disse ele —, mas nenhum sinal de lenço.

— E se seguíssemos um pouco a corrente e ficássemos à espera deles mais à frente? — disse Jones ansiosamente.

Já estávamos todos preparados, até os policiais e marinheiros, que tinham uma idéia muito vaga do que sucedia.

— Não podemos contar com nenhuma certeza — respondeu Holmes. — Há dez probabilidades contra uma de que eles desçam o rio, mas não podemos garantir. Deste ponto, enxergamos a entrada do estaleiro, e eles dificilmente nos verão. A noite será clara e haverá bastante luz. Devemos ficar onde estamos. Vejam toda aquela gente à luz do lampião.

— Estão saindo do trabalho no estaleiro.

— Parecem-me uns tipos vis, mas suponho que em cada um deles se esconda uma pequena centelha imortal. Olhando-os, ninguém pensaria isso. A priori, não há nenhuma probabilidade de que a tenham. Que estranho enigma é o homem!

— Alguém já o definiu como alma escondida num animal — lembrei.

— Winwood Reade trata bem desse assunto — disse Holmes. — Ele diz que, embora o homem individualmente seja um enigma insolúvel, o agregado humano representa uma certeza matemática. Nunca se pode predizer, por exemplo, o que fará um homem, mas é possível prever as atitudes de certo número deles. Os indivíduos variam, mas as percentagens permanecem constantes. Assim falam as estatísticas. Acho que estou vendo um lenço. É uma coisa branca, sem dúvida, movendo-se.

— Sim, é o nosso garoto! — exclamei. Vejo-o nitidamente.

— E lá vai a Aurora — disse Holmes. — Correndo como o diabo! Para a frente a todo o vapor, maquinista! Rume para aquela lancha com uma luz amarela. Juro que nunca me perdoarei se ela nos deixar para trás!

A lancha tinha deslizado pela entrada do estaleiro sem ser vista, passando por trás de duas ou três pequenas embarcações, de forma que já corria antes que a tivéssemos visto. Agora descia rapidamente a corrente, não muito longe da costa, e a sua velocidade era tremenda. Jones olhou-a gravemente e abanou a cabeça.

— É muito veloz — disse ele. — Duvido que possamos alcançá-la.

— Temos que alcançá-la! — exclamou Holmes, falando entre dentes. — Mexa essa pá, foguista! Dêem o máximo de pressão! Precisamos alcançá-los nem que isto vá pelos ares!

Estávamos agora em plena marcha. A fornalha roncava, e a poderosa máquina zumbia e pulsava como um grande coração de metal. A proa alta e aguda cortava a água serena do rio, lançando duas grossas ondas para cada lado. A cada vibração da máquina, a embarcação arrancava e tremia como um ser vivo. Uma grande lanterna amarela na proa despedia um comprido e trêmulo facho de luz, e no mesmo rumo uma mancha escura na água indicava aonde ia a Aurora, ao passo que uma esteira branca de espuma nos permitia avaliar a sua espantosa velocidade. Passávamos como flechas por navios mercantes, barcaças, vapores, ziguezagueando por detrás deste e pela frente daquele. Vozes gritavam para nós da escuridão, mas a Aurora continuava a toda a marcha, e nós no seu encalço.

— Mais carvão, amigos, mais carvão! — gritou Holmes, olhando pela escotilha da sala de máquinas, com o rosto ansioso iluminado pelo vivo clarão que vinha de lá. — Dêem-lhe até a última libra de pressão.

— Creio que estamos um pouco mais perto — disse Jones, que não tirava os olhos da Aurora.

— Não há dúvida — disse eu. — Estaremos ao lado dela dentro de poucos minutos.

Nesse momento, porém, quis a má sorte que um rebocador com três chatas cortasse a nossa proa. Não fosse um golpe violento do leme, teríamos abalroado; e, quando contornamos esse obstáculo, a Aurora tinha ganho uns bons duzentos metros. Continuava, no entanto, bem à vista. O lusco- fusco incerto do crepúsculo ia se transformando numa noite clara e estrelada. As nossas caldeiras sofriam um esforço brutal, e o frágil casco vibrava e estalava à desmesurada energia que nos impulsionava. Tínhamos passado velozmente pelo Pool, pelas West India Docks, entrando pelo braço de Deptford e tornando a subir por trás da ilha dos Cães. A mancha escura à nossa frente pouco a pouco foi-se transformando nas linhas esbeltas da Aurora. Jones iluminou-a com o nosso holofote, de maneira que podíamos ver distintamente as figuras no convés. Um homem ia sentado à popa, com um volume preto entre os joelhos, sobre o qual se inclinava. Ao lado dele jazia uma massa escura, que parecia um cão terra-nova. Um rapaz empunhava o leme, e ao clarão da fornalha eu via o velho Smith, de dorso nu, padejando carvão como um demônio. A princípio eles podiam não ter certeza se nós os estávamos realmente perseguindo, mas agora que os acompanhávamos em todas as curvas e guinadas de sua rota, já não podia haver mais dúvida a esse respeito. Em Greenwich, estávamos cerca de cem braças atrás deles. Em Blackwall, não seriam mais que oitenta. Tenho acossado muitos animais em muitos países, nesta minha múltipla existência, mas nunca o esporte me produziu tão viva emoção como essa doida caçada humana Tâmisa abaixo.

Constantemente, metro a metro, íamos nos aproximando deles. No silêncio da noite, ouvíamos o resfolgar e a trepidação de sua maquinaria. O homem da popa continuava acocorado no convés, movendo os braços como se estivesse ocupado em alguma coisa, e de quando em quando media com os olhos a distância que ainda nos separava. Estávamos mais perto, cada vez mais perto. Jones gritou-lhes que parassem. Eles não iam mais que quatro barcos à nossa frente, e ambas as lanchas corriam a toda a velocidade. Era um trecho desimpedido do rio, entre a margem de Barking Level e a dos melancólicos pântanos de Plumstead. Ao nos ouvir, o homem da popa ergueu-se

bruscamente e nos mostrou os punhos fechados, praguejando a plenos pulmões numa voz aguda e rachada. Era um homem vigoroso, de estatura avantajada, e, como estava virado para nós, de pernas abertas, pude ver-lhe, abaixo da coxa direita, o coto de pau. Ao som dos seus gritos raivosos e estridentes, houve um movimento no vulto enrodilhado no convés. Levantou-se, e era um homúnculo preto — o menor que já vi — com uma cabeçorra deformada e o cabelo em pé. Holmes já tinha pegado o revólver, e eu saquei o meu à vista daquela criatura horrenda e selvagem. Ele estava enrolado numa espécie de gabão ou cobertor que lhe deixava à mostra somente o rosto, mas esse rosto era o suficiente para tirar o sono de um homem. Eu nunca tinha visto feições tão acentuadamente bestiais e cruéis. Os olhinhos lampejavam com um fulgor sinistro, e os lábios grossos se arreganhavam, mostrando os dentes, que rilhavam para nós numa fúria animalesca.

— Atire, se ele levantar a mão — disse Holmes calmamente.

Dessa vez, estávamos a um barco de distância, quase tocando a nossa presa. Ainda agora os vejo de pé sobre o convés: o homem branco com as pernas muito abertas, gritando pragas, e o anão diabólico com a sua cara medonha, rangendo os dentes amarelos à luz crua do nosso holofote.

E foi bom que o víssemos com tamanha nitidez, porque nesse instante ele tirou de baixo dos seus cobertores um pedaço de madeira curto e redondo, do tamanho de uma régua escolar, e levou-o à boca. Nossas pistolas reboaram ao mesmo tempo. Ele rodopiou, atirou os braços para o ar e, com uma espécie de tosse sufocante, tombou de lado na corrente. Vi de relance seus olhos venenosos e ameaçadores entre o redemoinho branco das águas. No mesmo instante o homem da perna de pau atirou-se ao leme e guinou-o todo, de sorte que a lancha aproou bruscamente para a margem sul, e nós lhe passamos rente à popa, quase tocando-a. Em poucos momentos completávamos a curva e íamos novamente em seu encalço, mas a Aurora já estava perto da costa. Era um lugar solitário e inóspito, onde a lua brilhava sobre uma vasta charneca, com poças de água estagnada e brejos lodosos. A lancha, com um baque surdo, encalhou no barranco mole, ficando de proa alta no ar e com a popa inundada. O fugitivo saltou logo, mas a sua perna de pau se enterrou toda no solo pegajoso. Em vão se esforçava e se contorcia. Não podia avançar nem recuar. Gritava de raiva impotente e dava pontapés frenéticos na lama com a perna livre; mas os seus esforços só faziam enterrar mais no barranco pegajoso a sua perna de pau. Quando atracamos nossa lancha de costado, ele estava tão firmemente encravado que só lhe passando uma corda sob os braços conseguimos arrancá-lo e, como um peixe feroz, içá-lo para bordo. Os dois Smith, pai e filho, ficaram sentados na lancha, taciturnos, mas pronta e humildemente vieram para o nosso barco quando ouviram a ordem. A Aurora foi arrastada e amarrada à nossa popa. Uma sólida arca de ferro lavrado à indiana achava-se sobre o convés. Era, sem dúvida alguma, a mesma que guardara o funesto tesouro dos Sholtos. Não tinha chave, mas pesava bastante, de forma que a transferimos cuidadosamente para o nosso pequeno camarote. Ao voltarmos rio acima, lentamente, assestamos o holofote em todas as direções, mas não havia o menor sinal do ilhéu. Em algum lugar, no leito negro do Tâmisa, jazem os ossos daquele estranho visitante das nossas plagas.

— Veja isto — disse Holmes, apontando para a escotilha de madeira. — Não fomos muito rápidos com as nossas pistolas.

Com efeito, exatamente atrás do lugar onde estávamos quando as desfechamos, achava-se cravado um daqueles espinhos assassinos que tão bem conhecíamos. Devia ter zumbido entre nós no momento em que atiramos. Holmes sorriu àquilo e encolheu os ombros à sua maneira despreocupada, mas confesso que ainda sinto náuseas ao pensar na morte horrível que naquela noite passou tão perto de nós.

Capítulo décimo primeiro: O grande segredo de Agra

Nosso prisioneiro ia sentado no camarote, diante da caixa de ferro que tanto fizera e esperara por obter. Era um tipo de olhos inquietos, queimado do sol, com uma rede de linhas e rugas que lhe cortavam as feições morenas em todas as direções, denotando uma vida dura ao ar livre, O queixo singularmente forte indicava um homem que não se afasta com facilidade dos seus propósitos. De idade, andaria pelos cinqüenta anos, pois o cabelo preto e crespo estava bastante entremeado de fios grisalhos. Seu rosto, quando em repouso, não era desagradável, embora as sobrancelhas cerradas e o queixo agressivo lhe dessem, como eu tinha visto, uma expressão terrível nos momentos de cólera. Estava sentado, agora, com as mãos algemadas sobre os joelhos, mirando com seus olhos vivos e pestanej antes a arca que tinha sido a causa dos seus delitos. Parecia-me haver mais tristeza que raiva no seu semblante severo e reservado. Em dado momento, olhou-me com um brilho algo divertido nos olhos.

— Muito bem, Jonathan Small — disse Holmes, acendendo um charuto. Lamento que a coisa tenha acabado assim.

— Também eu, cavalheiro — respondeu ele francamente. — Não acredito que possa me livrar desta, juro-lhe sobre a Bíblia que nunca levantei a mão contra o sr. Sholto. Foi aquele cão do inferno, Tonga, que lhe atirou um dos seus malditos espinhos. Não tive parte nisso, cavalheiro. Fiquei tão aborrecido como se ele fosse meu parente. Açoitei o perverso com a ponta solta da corda, mas o que estava feito não se podia desfazer.

— Tome um charuto disse Holmes. — E aceite um gole do meu frasco, já que está todo molhado. Como podia esperar que um homem tão fraco e pequeno como era o seu negrinho pudesse dominar o sr. Sholto e segurá-lo, enquanto você subia pela corda?

— O senhor parece saber de tudo como se houvesse estado lá. A verdade é que eu não esperava encontrar ninguém na sala. Conhecia bem os hábitos da casa, e era a hora em que o sr. Sholto costumava descer para jantar. Não farei segredo do que aconteceu. A melhor defesa que posso apresentar é dizer a verdade. Agora, se fosse o velho major, teria dado cabo dele com a maior satisfação. Enfiava-lhe a faca como estou fumando este charuto. Mas é muito duro ter de ir para as grades por causa daquele jovem Sholto, com o qual eu não tinha nenhum desentendimento.

— Você está sob os cuidados do sr. Athelney Jones, da Scotland Yard. Ele vai levá-lo à minha casa, e eu lhe pedirei um relato completo sobre o assunto. Se não me esconder nada, é possível que ainda o ajude em qualquer coisa. Creio que posso provar que o veneno age tão rapidamente que o homem já estava morto antes de você ter entrado na sala.

— E estava mesmo, cavalheiro. Nunca levei um susto tão grande na minha vida como quando o vi rindo daquela maneira para mim, com a cabeça caída para o ombro, no momento em que entrei pela janela. Foi uma surpresa dos diabos. Quase matei Tonga por aquilo, se o diabinho não tivesse escapulido. Foi por isso que ele deixou cair o porrete e alguns dos seus espinhos, que devem ter servido para o senhor procurar o nosso rastro, embora eu não consiga entender como foi que o descobriu. Não lhe quero mal por isso. Mas não deixa de ser engraçado — acrescentou ele, com um sorriso amargo — que eu, com todo o direito a meio milhão de libras, tenha passado metade da vida construindo um quebra-mar na Andaman, e agora, muito provavelmente, passe a outra metade cavando esgotos em Dartmoor. Maldito o dia em que pus os olhos no mercador Ahmet e me meti com o tesouro de Agra, que nunca trouxe outra coisa senão desgraça para o homem que o possuísse. Para ele, trouxe a morte. Para o major Sholto, medo e culpa. Para mim, escravidão por toda a vida.

Nesse instante, Athelney Jones enfiou a cabeça e os ombros na escotilha do pequeno camarote.

— Uma festinha em família, bem? — observou ele. Acho que também preciso de um gole dessa garrafa, Rolmes. Bem, creio que todos podemos nos felicitar. Pen que não apanhássemos o outro vivo, mas não havia alternativa. Escute, Holmes, você tem de confessar que teve sorte. A nossa lancha por pouco não ficava para trás.

— Bem está o que bem acaba — disse Holmes. — Mas eu realmente ignorava que a Aurora corresse tanto.

— Smith diz que é uma das mais rápidas do Tâmisa, e que, se ele tivesse outro homem para ajudá-lo na máquina, nunca a teríamos alcançado. Ele jura que não sabia nada desse assunto de Norwood.

— E não sabia mesmo — exclamou o nosso prisioneiro —, nem uma palavra! Escolhi a lancha dele porque ouvi dizer que era ligeira. Não lhe dissemos nada. Ele apenas foi bem pago e ia receber uma bela quantia se alcançássemos o nosso navio, o Esmeralda, em Gravesend, que estava de partida para o Brasil.

— Bem, se ele não fez nada de mal, trataremos de evitar que algum mal lhe aconteça. Apanhamos os nossos homens num relance, mas não temos tanta pressa assim em condená-los.

Era divertido observar como o importante jones já começava a se dar ares, agora que a captura estava feita. Vendo o ligeiro sorriso que brincava nos lábios de Sherlock Holmes, observei que aquela tirada não lhe escapara.

— Chegaremos à Ponte de Vauxhall daqui a pouco — disse Jones —, e lá o desembarcaremos com o tesouro, dr. Watson. Não preciso lhe dizer que estou

assumindo uma grande responsabilidade ao fazer isso. Está completamente fora das normas, mas é evidente que acordo é acordo. Contudo, é minha obrigação mandar um inspetor acompanhá-lo, uma vez que o senhor leva uma carga tão preciosa. Irá de carro, sem dúvida?

— Sim, tomarei um carro.

— E uma pena não termos a chave, a fim de fazermos primeiro um inventário, O senhor terá de arrombá-lo. Onde está a chave, Small?

— No fundo do rio — respondeu o outro secamente.

— Hum! Não havia necessidade de nos dar mais esse trabalho. Você já nos deu muito o que fazer. De qualquer maneira, doutor, não preciso aconselhá-lo a ter cuidado. Leve a caixa com o senhor quando voltar para a Baker Street. Lá nos encontrará, de passagem para a chefatura.

Desembarcaram-me em Vauxhall, com a minha pesada caixa de ferro e um inspetor que era um simpático brutamontes. Quinze minutos depois, estávamos na casa da sra. Cecil Forrester. A criada pareceu surpresa com aquela visita tardia. A sra. Cecil Forrester, explicou ela, tinha saído e só voltaria muito tarde. A srta. Morstan, porém, estava na sala de estar. Entrei pois no aposento, com a caixa na mão, deixando o gentil inspetor no carro.

Ela estava sentada junto da janela aberta, com um vestido branco, diáfano, e uma fita escarlate no pescoço e na cintura. A luz suave de um candeeiro de mesa, no momento em que se inclinava para trás na cadeira de balanço, incidia- lhe sobre o rosto grave e doce, emprestando tons metálicos aos belos caracóis do seu opulento cabelo. A mão branca repousava num braço da cadeira, e toda a sua postura e fisionomia falavam de uma absorvente melancolia. Ao som dos meus passos, porém, ergueu-se rapidamente, e um leve rubor de surpresa e satisfação coloriu-lhe as faces pálidas.

— Ouvi uma carruagem chegar — disse ela. — Julguei que a sra. Forrester tivesse voltado mais cedo, mas nem imaginei que pudesse ser o senhor. Que notícias me traz?

— Touxe-lhe algo melhor que notícias — disse eu, depondo a caixa sobre a mesa e falando jovialmente, embora o coração me pesasse no peito. — Trouxe-lhe uma coisa que vale por todas as notícias do mundo. Trouxe-lhe uma fortuna.

Ela relanceou os olhos para a caixa.

— É o tesouro, então? — perguntou-me com certa frieza.

— Sim, é o grande tesouro de Agra. Metade é seu e metade de Thaddeus Sholto. Cada um ficará com um quarto de milhão. Pense nisso! Uma renda anual de dez mil libras. Haverá poucas garotas mais ricas na Inglaterra. Não é estupendo?

Creio que exagerei minha satisfação, e que ela percebeu certo ar desenxabido nas minhas congratulações, pois ergueu um pouco as sobrancelhas e olhou-me de um modo curioso.

— Isso tudo devo-o ao senhor.

— Não, não — respondi. — Não a mim, mas ao meu amigo Sherlock Holmes. Nem que eu tivesse a maior boa vontade do mundo, jamais poderia ter encontrado uma pista que em certo momento chegou até a desafiar o seu gênio analítico. Mesmo assim, quase a perdemos no último instante.

— Por favor, sente-se e conte-me tudo, dr. Watson.

Narrei resumidamente o que tinha ocorrido desde que eu a vira pela última vez. O novo método de pesquisa aplicado por Holmes, a descoberta da Aurora, o aparecimento de Athelney Jones, a nossa expedição noturna e a movimentada caçada pelo Tâmisa. Ela ouvia o relato das nossas aventuras com os lábios entreabertos e os olhos brilhantes. Quando falei no dardo que por tão pouco não nos atíngira, ficou tão pálida que receei que fosse desmaiar.

— Não é nada — disse ela, quando me apressei em lhe servir um copo de água. — Já estou bem. Levei um susto ao pensar no terrível perigo a que expus os meus amigos.

— Agora tudo está acabado —- disse eu. — Não foi nada. Não lhe contarei outros pormenores sinistros. Tratemos de algo mais alegre. Aqui está o tesouro. Haverá coisa mais alegre do que isso? Consegui autorização para trazê-lo, julgando que teria interesse em ser a primeira pessoa a vê-lo.

— Realmente tenho o maior interesse — disse ela.

Não havia, contudo, nenhuma ansiedade na sua voz.

Ocorrera-lhe, sem dúvida, que poderia parecer indelicadeza da sua parte mostrar-se indiferente àquilo que tanto nos custara encontrar.

— Que linda arca! — disse ela, inclinando-se para a caixa. — É um trabalho indiano, não?

— Sim, é serralheria de Benares.

— E tão pesada! — exclamou ela, tentando soerguê-la.

— Só a caixa já deve ser valiosa. Onde está a chave?

— Small atirou-a ao Tâmisa — respondi. — Preciso usar o atiçador da sra. Forrester.

O cadeado, grande e pesado, tinha a forma de um Buda sentado. Enfiei-lhe a ponta do atiçador e torci-o como uma alavanca. O cadeado abriu-se com um forte estalo. De mãos trêmulas, levantei a tampa. Ambos ficamos olhando, atônitos. A caixa estava vazia!

Não admirava que fosse tão pesada. O trabalho de metal que a cobria tinha mais de um centímetro de espessura. Era uma arca maciça, sólida, construída para conter coisas

de grande valor, mas dentro dela não havia sequer vestígio de ouro ou jóias. Estava absoluta e inteiramente vazia.

— Perdeu-se o tesouro — disse a srta. Morstan calmamente.

Ouvindo estas palavras e compreendendo o que elas significavam, pareceu-me que uma grande sombra deixava enfim a minha alma. Só avaliei bem quanto aquele tesouro de Agra me pesava quando o tiraram dos meus ombros. Era egoísmo, sem dúvida, era injusto e desleal, mas eu não podia pensar em nada que não fosse o desabamento daquela muralha de ouro que se erguera entre nós.

— Graças a Deus! — exclamei do fundo do coração.

Ela voltou-se para mim com um rápido sorriso de interrogação.

— Por que diz isso? — perguntou-me.

— Porque você está novamente ao meu alcance — respondi, tomando-lhe a mão. Ela não a retirou. — Porque a amo, Mary, tanto como jamais um homem amou uma mulher. Porque esse tesouro, essa riqueza, selava os meus lábios. Agora que ele desapareceu, posso lhe dizer o quanto a amo. Foi por isso que disse “Graças a Deus!”

— Então eu também digo “Graças a Deus!” — sussurrou ela quando a puxei para junto de mim.

Se alguém perdera um tesouro, eu naquela noite havia ganho um.

Capítulo décimo segundo: A estranha história de Jonathan Small

O inspetor que me esperava no carro era um homem muito paciente, pois levei muito tempo para voltar para junto dele. Ficou de rosto anuviado quando lhe mostrei a caixa vazia.

— Lá se vai a gratificação! — disse ele melancolicamente. — Onde não há dinheiro não há recompensa. Esta noite de trabalho valia bem uma nota de dez para mim e outra para Sam Brown, se o tesouro estivesse aqui.

— O sr. Thaddeus Sholto é um homem rico disse eu. — Ele o gratificará, com ou sem tesouro.

Mas o inspetor sacudiu tristemente a cabeça.

— Não repetiu ele —, isso não está certo. E o sr. Athelney Jones será da mesma opinião.

A previsão foi correta, porque o detetive pareceu desconsolado quando cheguei à Baker Street e lhe mostrei a caixa vazia. Tinham acabado de chegar, Holmes, ele e o prisioneiro, pois haviam alterado os seus planos e passado em primeiro lugar pela chefatura. Meu companheiro se reclinava na sua poltrona, com a expressão desatenta que lhe era habitual, e tinha sentado diante de si o impassível Small, com a perna de pau cruzada sobre a sã. Quando exibi a caixa vazia, o perneta atirou-se para trás e desatou a rir.

— Isso é coisa sua, Small — disse Athelney Jones, furioso.

— É, sim. Guardei-o onde o senhor nunca lhe porá a mão — exclamou ele, exultante. O tesouro me pertence, e, se não posso ficar com ele, ninguém mais ficará. Afirmo- lhe que ninguém tem direito a ele, exceto três homens que estão no presídio de Andaman e eu. Sei agora que não posso dispor dele, e que eles também não podem. Tudo o que fiz foi tanto por mim como por eles. Sempre agi sob o signo dos quatro. Pois bem, sei que eles esperavam de mim exatamente o que fiz: atirar o tesouro no Tâmisa antes que ele fosse parar nas mãos dos parentes de Sholto ou Morstan. Não foi para enriquecê-los que fizemos o que fizemos a Ahmet. O senhor encontrará o tesouro no mesmo lugar onde está a chave e o pequeno Tonga. Quando vi que a sua lancha ia nos alcançar, guardei a presa em lugar seguro. Não há rupias para o senhor nesta viagem.

— Você tenta nos enganar — disse Athelney Jones gravemente. — Se quisesse lançar o tesouro no Tâmisa, seria mais fácil tê-lo atirado com caixa e tudo.

— Seria mais fácil para mim jogá-lo e mais fácil para os senhores o encontrarem — respondeu ele, com um olhar astuto e enviesado. — O homem que foi bastante esperto para me descobrir também o é para tirar uma caixa de ferro do fundo do rio. Agora que tudo está espalhado por oito ou dez quilômetros, talvez seja um trabalho mais custoso. Mas creiam que me doeu o coração fazer aquilo. Fiquei quase louco ao ver que me alcançavam. De qualquer maneira, lamúrias não adiantam nada. Já passei por muitos altos e baixos nessa vida, e aprendi a não chorar sobre o caldo entornado.
— Isto é um assunto muito sério, Small — disse o detetive da Scotland Yard. Se você auxiliasse a justiça em vez de dificultá-la dessa maneira, teria melhores probabilidades no seu julgamento.

— Justiça! — escarneceu o ex-sentenciado. — Bela justiça! De quem seria o tesouro, senão nosso? Que justiça é essa que me obriga a cedê-lo aos que nunca fizeram nada para ganhá-lo? Quer saber como eu o ganhei? Com vinte longos anos passados num pântano cheio de febres, trabalhando o dia inteiro nos mangues, passando as noites acorrentado numa choça imunda, picado pelos mosquitos, consumido pela maleita, maltratado pelos guardas negros que gostavam de se vingar nos brancos. Foi assim que ganhei o tesouro de Agra, e o senhor me fala em justiça porque não posso deixar que outro vá gozar aquilo que me custou esse alto preço! Prefiro ser enforcado dez vezes, ou fincar na pele um daqueles espinhos de Tonga, a viver na cela de um sentenciado sabendo que outro homem mora num palácio com o dinheiro que devia ser meu.

Small despojara-se da sua máscara de estoicismo, e tudo isto lhe saíra aos borbotões, ao passo que os seus olhos fuzilavam e as algemas retiniam com os seus gestos violentos. Compreendi, ao ver a fúria daquele homem, que não fora infundado nem

estranho o medo que se apoderara do major Sholto ao saber que aquele presidiário ludibriado estava no seu encalço.

— Você se esquece de que não sabemos de nada — exclamou Holmes tranqüilamente. — Ainda não ouvimos a sua história, e por isso não podemos dizer até que ponto a justiça estava inicialmente do seu lado.

— Bem, o senhor tem falado comigo com delicadeza, apesar de eu ver muito bem que não devo agradecer a outro estes braceletes que tenho nos pulsos. Mas não lhe guardo rancor por isso. O que passou, passou. Se quer ouvir a minha história, não tenho necessidade de escondê-la. O que lhe direi é a pura verdade, palavra por palavra. Muito obrigado, pode deixar o copo aqui ao meu lado, que é para eu beber se ficar com a garganta seca.

“Sou de Worcestershire, nascido perto de Pershore. Aposto que encontrará um bando de Smalls se for por lá. Sempre tive vontade de fazer uma visita ao meu condado, mas a verdade é que nunca fui uma honra para a família, e duvido que se alegrassem com a minha presença. Todos eles eram gente séria, pequenos fazendeiros, indo sempre à igreja, conhecidos e respeitados pelas redondezas, ao passo que eu sempre fui meio levado da breca. Mas por fim, quando eu andava pelos dezoito anos, não lhes dei mais trabalho, porque arranjei uma complicação com uma moça e só pude me safar assentando praça no 3.° de Infantaria que estava de partida para a Índia.

“Mas o meu destino não era levar muito tempo a vida de soldado. Acabava de entrar, e mal tinha aprendido a manejar o mosquete quando tive a loucura de ir me banhar no Ganges. Por sorte, o sargento da minha companhia, John Holder, também estava dentro da água e era um dos melhores nadadores do exército. Um crocodilo me atacou quando eu estava no meio do rio, abocanhou a minha perna direita e cortou-a com mais destreza que um cirurgião, logo abaixo do joelho. Com o susto, a dor e a perda de sangue, desmaiei ali mesmo, e teria morrido afogado se Holder não me levasse para a praia. Estive cinco meses no hospital, e, quando pude sair, coxeando, com este pedaço de pau amarrado à perna, estava fora do exército, inválido para o serviço militar e para qualquer ocupação ativa.

“Como podem imaginar, a sorte não me ajudava nessa época, pois ainda não tinha feito vinte anos e já era um aleijado inútil. Mas a minha desventura não era mais que uma bênção disfarçada. Um homem chamado Abel White, que tora para lá como plantador de índigo, queria um feitor para cuidar dos seus homens e fazê-los trabalhar. Aconteceu que era amigo do nosso coronel e que o coronel tinha se interessado por mim desde o acidente. Bem, para não alongar a história, o coronel recomendou-me muito para esse emprego e, como a maior parte do serviço tinha que ser feita a cavalo, a minha perna não era um grande obstáculo, porquanto me sobrara joelho suficiente para me manter firme na sela. Meu serviço era passear a cavalo pela plantação, não perder os homens de vista e apontar os que não trabalhavam. O pagamento era bom, eu tinha um alojamento confortável e estava disposto a passar o resto da minha vida na plantação de índigo. O sr. Abel White era um homem bondoso, e de vez em quando aparecia na minha casinha e fumava uma cachimbada comigo, porque lá os brancos se tratavam melhor do que aqui.

“Mas a sorte nunca me durou muito. De repente, sem mais nem menos, estourou o grande motim. Num mês a Índia parecia tão pacífica e tranqüila como Kent ou Surrey, e no mês seguinte duzentos mil diabos negros estavam à solta, e o país se transformava num inferno. Naturalmente os senhores sabem tudo o que aconteceu. . . e muito melhor do que eu, visto que a leitura não é o meu forte. Só sei o que vi com os meus olhos. A nossa plantação ficava num lugar chamado Mutra, perto da fronteira da província do Noroeste. Todas as noites o céu ficava vermelho com o incêndio dos bangalôs, e todos os dias pequenos grupos de europeus passavam pelas nossas terras com as suas mulheres e filhos, a caminho de Agra, onde estavam as nossas tropas mais próximas. O sr. Abel White era um homem teimoso. Metera na cabeça que as notícias eram exageradas e que a revolta acabaria tão de repente como tinha começado. Ficava sentado na varanda, bebendo uísque e fumando charutos, enquanto ao redor dele todo o país estava em chamas. E claro que não o abandonamos, eu e Dawson, que, juntamente com a mulher, fazia a escrita e geria a plantação. Bem, um belo dia a coisa estourou. Eu tinha ido a uma plantação distante e voltava a trote descansado para casa, quando notei uma coisa toda amontoada no fundo de um barranco a pique. Meti o cavalo devagar para ver o que era, e o sangue gelou em minhas veias quando reconheci a mulher de Dawson, toda cortada no sentido das costelas e meio comida pelos cães nativos e chacais. Um pouco mais adiante, na estrada, estava o próprio Dawson, de bruços, morto, com um revólver vazio na mão e quatro sipaios tombados uns sobre os outros na frente dele. Esporeei o cavalo, sem saber para onde ir, mas nesse momento avistei um grosso rolo de fumaça na direção do bangalô de Abel White, e, em seguida, as chamas, que começavam a lamber o telhado. Compreendi que já não podia ajudar o meu patrão, e que perderia à toa a minha vida se me metesse naquilo. De onde estava podia ver centenas de diabos negros, ainda com a túnica vermelha nas costas, dançando e berrando em volta da casa incendiada. Dois ou três deles apontaram para mim, e um par de balas passou assobiando acima da minha cabeça; larguei a galope pelos arrozais, e altas horas da noite estava seguro dentro dos muros de Agra.

“Como se viu depois, ali também não havia grande segurança. Todo o país estava sendo saqueado. Onde quer que os ingleses pudessem se reunir em pequenos bandos, defendiam o terreno que as suas armas cobriam. Nos outros lugares, eram fugitivos desamparados. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel era aqueles homens contra os quais lutávamos — infantes, cavalheiros e artilheiros, nossas tropas escolhidas, que tínhamos ensinado e treinado — estarem manejando as nossas armas e dando os nossos toques de clarim. Em Agra, tínhamos o 3.° Regimento de Fuzileiros de Bengala, alguns siques, duas companhias de cavalaria e uma bateria de artilharia. Um corpo de voluntários de caixeiros e comerciantes tinha sido organizado, e nele me alistei, com perna de pau e tudo. Saímos para fazer frente aos rebeldes em Shahgunge, em princípios de julho, e os repelimos durante algum tempo, mas nossa pólvora acabou e tivemos de recuar para a cidade.

“De todos os lados só nos chegavam as piores notícias. . . o que não era para admirar, pois, se olharem o mapa, verão que estávamos no centro do país. Lucknow está a uns bons cento e sessenta quilômetros para leste, e Kampur outro tanto para o sul. Em todos os pontos cardeais só havia tortura, assassinato e violência.

“A cidade de Agra é um grande lugar, que fervilha de fanáticos e ferozes adoradores do Diabo de todas as marcas. Nosso punhado de homens via-se perdido nas ruas

estreitas e tortuosas. Nosso comandante atravessou o rio, por conseguinte, e tomou posição no antigo Forte de Agra. Não sei se algum dos senhores já leu ou ouviu alguma coisa a respeito desse velho forte. E um lugar muito esquisito... o mais esquisito em que já estive, e olhem que tenho andado por lugares bem estranhos. Em primeiro lugar, é enorme. Sua área deve ter muitos hectares. Há uma parte moderna, que deu e sobrou para alojar a nossa guarnição, mais as mulheres, crianças, munições, víveres e tudo. Mas essa parte moderna não tem o tamanho da antiga, aonde ninguém vai, e que fica entregue aos escorpiões. É toda cheia de salas imensas e desertas, de passagens tortuosas e compridos corredores que dão voltas e mais voltas, de maneira que é muito fácil a gente perder-se. Por esse motivo é que quase ninguém se aventurava a ir lá, embora de vez em quando um ou outro grupo saísse a explorá-la com archotes.

"O rio passa ao longo do forte, protegendo-o pela frente, mas atrás e dos lados há muitas portas, e elas naturalmente tinham de ser guardadas, tal como as da parte nova, onde estavam as tropas. A nossa gente era escassa, e mal tí nhamos soldados suficientes para guarnecer os ângulos da construção e manobrar os canhões. Por isso, não era possível destacar uma forte guarda para cada uma das inúmeras portas. O que fizemos foi organizar uma casa da guarda central no meio do forte e deixar cada porta sob a vigilância de um branco e dois ou três nativos. A mim coube guardar, durante certas horas da noite, uma pequena porta isolada que dava para a ala sudoeste do edifício. Dois soldados siques foram postos sob o meu comando, e recebi ordens para disparar o mosquete se houvesse qualquer coisa de anormal, de forma que assim podia contar com o auxílio imediato da guarda central. Mas, como ela ficava a uns duzentos passos através de um labirinto de passagens e corredores, eu duvidava que pudessem chegar a tempo de nos ajudar, se houvesse de fato um ataque.

"Pois eu estava muito orgulhoso de ter recebido aquele pequeno comando, uma vez que era um recruta recente e, ainda por cima, aleijado de uma perna. Durante duas noites, montei guarda com os meus homens. Eram dois homens fortes e mal-encarados, chamados Muhammad Sing e Abdullah Khan, ambos guerreiros veteranos, que tinham pegado em armas contra nós em Chilian Wallah. Falavam inglês muito bem, mas eu pouco podia tirar deles, porque preferiam passar a noite conversando na sua algarivia sique. Quanto a mim, costumava ficar do lado de fora da porta, olhando para o rio largo e sinuoso e para as luzes bruxuleantes da grande cidade. O troar dos tambores, o matraquear dos tantãs e os berros e guinchos dos rebeldes, entorpecidos de ópio e haxixe, eram suficientes para nos lembrar, durante toda a noite, os perigos vizinhos da outra margem do rio. De duas em duas horas, o oficial da noite rondava os postos a fim de se certificar de que tudo ia bem.

"A terceira noite da minha guarda estava escura e feia, com uma chuvinha fina e penetrante. Era enfadonho ficar de sentinela do lado de fora da porta, horas a fio, com um tempo daqueles. Tentei várias vezes puxar assunto com os siques, mas não tive o menor resultado. As duas da manhã, passou a ronda, interrompendo um pouco a monotonia da noite. Vendo que meus companheiros não queriam conversa, tirei o meu cachimbo e larguei o mosquete para riscar um fósforo. Num ápice, os dois siques saltaram em cima de mim. Um deles apanhou a minha arma e a apontou para a minha cabeça, enquanto o outro me encostava um facão no pescoço e jurava que o enterraria se eu desse um passo.

“O meu primeiro pensamento foi que aqueles sujeitos estavam de combinação com os rebeldes, e que aquilo era o começo de um assalto. Se a nossa porta caísse nas mãos dos sipaios, o forte não resistiria, e as mulheres e crianças seriam tratadas como o foram em Kampur. Talvez os senhores pensem que procuro impressioná-los a meu favor, mas dou-lhes a minha palavra de honra que, quando pensei nisso, apesar de sentir a ponta da faca no pescoço, abri a boca com a intenção de dar um grito, ainda que fosse o óltimo, para avisar a guarda principal.

“Mas o homem que me subjugava pareceu adivinhar o meu pensamento, pois cochichou antes mesmo de eu tornar alento: ‘Não grite, O forte não corre perigo. Não há nenhum cão rebelde nesta margem do rio’. Havia um ar de verdade no que ele dizia, e se eu erguesse a voz seria um homem morto. Esperei, por isso, em silêncio, para ver o que queriam de mim.

“‘Escute, sahib’, disse o mais alto e de pior aparência, o que chamavam de Abdullah. ‘Você ou fica do nosso lado ou lhe fecharemos a boca para sempre. A coisa é muito grande, e não podemos hesitar. Ou fica de corpo e alma conosco, jurando sobre a cruz dos cristãos, ou esta noite o seu cadáver será lançado ao fosso, e passaremos para os nossos irmãos do exército rebelde. Não há meio caminho. Então. . . vida ou morte? Só podemos dar-lhe três minutos para resolver, porque o tempo corre e tudo tem de ser feito antes de a ronda aparecer outra vez.’

“‘Como posso resolver?’, perguntei. ‘Vocês não me disseram o que querem de mim. Mas se for qualquer coisa contra a segurança do forte, não esperem nada de mim, e é melhor cravar essa faca de uma vez.’

‘Não é nada contra o forte’, disse ele. ‘Só lhe pedimos que faça aquilo que os seus compatriotas vêm fazer na nossa terra. Pedimos-lhe que enriqueça. Se ficar conosco esta noite, juramos pela faca nua e pelo juramento triplo, que até hoje nenhum sique quebrou, que você terá um justo quinhão na presa. Uma quarta parte do tesouro será sua: Melhor não podemos oferecer.’

‘Mas que tesouro é esse?’, perguntei. ‘Tenho tanta vontade de enriquecer como vocês, mas ao menos me digam o que tenho que fazer.’

“‘Jure então’, disse ele, ‘pelos ossos de seu pai, pela honra de sua mãe, pela cruz de sua fé, não levantar a mão nem dizer uma palavra contra nós, agora ou depois.’

“‘Juro’, respondi, ‘uma vez que o forte não fique em perigo.’

“‘Então, o meu camarada e eu juraremos que você terá um quarto do tesouro, que será dividido igualmente entre nós quatro.’

‘Mas somos três’, disse eu.

‘Não. Dost Akbar também deve ter a sua parte. Podemos contar-lhe a história toda enquanto os aguardamos. Fique na porta, Muhammad Singh, e avise quando eles chegarem. A coisa é a seguinte, sahib, e vou dizê-la porque sei que um juramento é sagrado para os europeus e posso confiar em você. Se fosse um hindu mentiroso, embora tivesse jurado por todos os falsos deuses dos seus templos, o sangue dele já

estaria nesta faca e o seu corpo, na água. Mas o sique conhece o inglês e o inglês conhece o sique. Escute, pois, o que tenho a dizer. Há um rajá nas províncias do norte que é muito rico, apesar de serem poucas as suas terras. Ele herdou muito por parte do pai, e juntou mais ainda, porque é de natureza mesquinha e guarda o seu ouro em vez de gastá-lo. Quando estourou a revolta, ele quis ficar bem com o leão e com o tigre. . . com os sipaios e as tropas da rainha. Mas pouco depois pareceu-lhe que o fim dos brancos tinha chegado, porque de toda parte só vinham notícias da morte e derrota deles. Contudo, sendo um homem cauteloso, fez os seus planos para o que desse e viesse, de maneira a salvar ao menos metade da sua fortuna. O que era ouro e prata ele guardou nos subterrâneos do seu palácio, mas as jóias mais preciosas, as pérolas mais raras que tinha, meteu-as numa caixa de ferro e confiou-a a um fiel criado para que este, disfarçado de mercador, a depositasse no Forte de Agra, onde ficaria até que a paz voltasse. Assim, se os rebeldes triunfassem, ele ficaria com o seu dinheiro; mas se as tropas da rainha vencessem, as suas jóias estariam salvas. Depois de assim dividir sua fortuna, passou-se para os sipaios, visto que nas suas fronteiras eles eram mais fortes. E procedendo dessa maneira, note bem, sahib, a sua propriedade passa a pertencer aos que souberam defender a sua bandeira. Esse falso mercador, que viaja sob o nome de Ahmet, está agora na cidade de Agra, e deseja chegar ao forte. Tem como companheiro de viagem o meu irmão de leite, Dost Akbar, que conhece o segredo. Dost Akbar prometeu conduzi-lo esta noite a uma porta lateral do forte, e escolheu precisamente a nossa. Chegará dentro em pouco e aqui encontrará Muhammad Singh e eu à espera dele, O lugar é solitário, e ninguém o verá chegar. O mundo nada mais saberá do mercador Ahmet, mas o grande tesouro do rajá será dividido entre nós. Que diz a isso, sahib?’

“Em Worcestershire a vida de um homem parece uma coisa sagrada e importante, mas tudo é muito diferente quando a gente se encontra num mar de sangue e fogo e se habitua a ver a morte a cada instante. Que Ahmet, o mercador, continuasse vivo ou morto, era coisa que pouco se me dava, mas a história do tesouro foi direta ao meu coração, e pensei no que não faria na minha terra com ele, e como a minha gente não esbugalharia os olhos quando visse o doido voltar com os bolsos cheios de dobrões de ouro. Estava, por conseguinte, inteiramente decidido àquilo. Abdullah Khan, entretanto, pensando que eu hesitasse, insistia no assunto.

“‘Lembre-se sahib’, disse ele, ‘de que se esse homem for apanhado pelo comandante, será enforcado ou fuzilado, e as suas jóias, confiscadas pelo governador, de forma que ninguém verá uma rupia a mais no seu bolso. Ora, uma vez que seremos nós a apanhá-lo, por que não fazer também o resto? As jóias ficarão tão bem conosco como nos cofres do regimento. Haverá o suficiente para que nos tornemos ricos e importantes. Ninguém ficará sabendo nada, porque aqui estamos longe do mundo. Diga então, sahib, se continua do nosso lado ou se devemos considerá-lo um inimigo.’

“‘Estou de corpo e alma com vocês.’

“‘Muito bem’, disse ele, devolvendo-me o mosquete. ‘Veja, confiamos em você, porque, como nós, não faltará à sua palavra. Agora só nos résta esperar um pouco o meu irmão e o mercador.’

‘O seu irmão sabe então o que faremos?’

"'O plano é dele. Foi ele que o traçou. Vamos até a porta para montar guarda com Muhammad Singh.'

"A chuva continuava a cair insistentemente, pois estávamos no começo da estação chuvosa. Nuvens pesadas e escuras encobriam o céu; era difícil enxergar alguém além de alguns metros. Um profundo fosso ficava diante da nossa porta, mas em certos lugares a água tinha secado, permitindo fácil passagem. Era estranho eu estar ali com aqueles dois ferozes pendjabis, à espera de um homem que viria para morrer.

"De repente divisei o débil clarão de um lampião velado do outro lado do fosso. Sumiu atrás de uns montes de terra, e depois reapareceu, avançando lentamente na nossa direção.

"'Aí vêm eles!', exclamei.

"'Brade alerta, sabib, como de praxe', cochichou Abdullah. 'Não os assuste. Mande-os falar conosco, e faremos o resto, enquanto você continua de guarda. Esteja preparado para descobrir o lampião, a fim de termos certeza de que são eles.'

"A luz continuava a aproximar-se, ora detendo-se, ora avançando, até que pude ver dois vultos escuros à beira do fosso. Deixei-os escorregar pelo declive, patinhar pelo lodo e subir até meio caminho da nossa porta, e então gritei em voz abafada:

"'Quem vem lá?'

"'Amigos', foi a resposta.

"Descobri o lampião e iluminei-os em cheio. O primeiro era um enorme sique, com uma barba negra que quase lhe chegava à cintura. A não ser nas feiras, nunca havia visto um homem tão alto. O outro era rechonchudo e baixote, com um grande turbante amarelo, e um volume na mão, envolto num xale. Parecia muito assustado, pois suas mãos tremiam como se ele estivesse doente, e virava a cabeça para a esquerda e para a direita, com dois olhinhos vivos e piscos, como um camundongo que está para sair do seu refúgio. Arrepiei-me ante a idéia de matá-lo, mas pensei no tesouro e senti o coração duro como pedra. Quando ele viu o meu rosto branco, soltou um gritinho de alegria e correu para mim.

'Proteção, sabib', arfou ele, 'a sua proteção para o pobre mercador Ahmet. Atravessei todo o Rajput em busca do abrigo do Forte de Agra. Fui roubado, espancado e insultado porque sou amigo do governo. Abençoada seja esta noite em que me encontro novamente em segurança. . . eu e as minhas pobres coisas.'

"'Que tens aí?', perguntei-lhe.

'Uma caixa de ferro', respondeu ele, 'que contém uma ou duas coisas de família, sem nenhum valor para os outros, mas que eu sentiria muito se perdesse. Não sou contudo nenhum mendigo, sahib, e poderei recompensá-lo, assim como ao seu comandante, se ele me der o abrigo que venho pedir.'

“Estaria perdido se continuasse a falar com o homem. Quanto mais eu olhava para a sua cara gorda e assustada, mais cruel me parecia que fôssemos matá-lo a sangue-frio. O melhor era acabar com aquilo.

‘Levem-no à casa da guarda’, disse eu.

“Os dois siques aproximaram-se dele, um de cada lado, e o gigante tomou a retaguarda. Assim entraram e marcharam em direção ao corredor escuro. Nunca um homem se viu tão cercado pela morte. Fiquei na porta com o lampião.

“Seus passos cadenciados ressoavam nos corredores solitários. De repente cessaram, e ouvi uni rebuliço, vozes e o ruído de pancadas. Um momento depois senti, horrorizado, um rumor de passos precipitados que vinham na minha direção e o resfolegar de um homem correndo. Ergui o lampião para iluminar o corredor, e lá vinha o gorducho, correndo como uma lebre, com uma mancha de sangue no rosto. Rente aos seus calcanhares, saltando como um tigre, vinha o gigantesco sique barbudo, com um punhal reluzindo na mão. Nunca vi um homem correr tanto como aquele mercador baixote. Já levava a dianteira em relação ao sique, e era evidente que, se passasse por mim e alcançasse o descampado, ainda conseguiria salvar a pele. Tive pena dele, mas de novo a idéia do tesouro me tornou duro e cruel. Atirei-lhe o mosquete por entre as pernas quando ele passou, e o homem caiu dando duas voltas, como uma lebre chumbada. Antes que pudesse se erguer, o sique estava em cima dele e dava-lhe duas punhaladas nas costas. O homem não soltou um pio nem moveu um músculo, ficando ali mesmo onde tinha caído. Para mim, ele quebrara o pescoço na queda. Como os senhores vêem, ctou mantendo minha promessa. Estou lhes contando tintim por tintim tudo o que aconteceu, seja ou não a meu favor.”

O estranho narrador deteve-se e estendeu as mãos algemadas para o copo de uísque que Holmes lhe servira. Quanto a mim, confesso que nessa altura já concebera um grande horror pelo homem, não apenas devido àquele crime a sangue-frio do qual havia participado, mas ainda mais pela maneira petulante e desinteressada como o tinha narrado. Fosse qual fosse o castigo que lhe estivesse reservado, eu não podia sentir compaixão por ele. Sherlock Holmes e Jones continuavam sentados, com as mãos nos joelhos, profundamente interessados na história, mas a mesma repulsa estava escrita nos seus rostos. Talvez ele o notasse, pois havia uma nota de desafio na sua voz e na maneira como prosseguiu.

— Aquilo não era nada bom, sem dúvida — disse ele. — Gostaria de saber quantos sujeitos no meu lugar teriam recusado um quinhão do tesouro sabendo que lhe cortariam o pescoço se mostrasse escrúpulos. Além disso, depois que ele entrou no forte, era a minha vida ou a dele. Se ele tivesse escapado, dentro em pouco saberiam de tudo, e eu seria submetido a conselho de guerra e muito provavelmente fuzilado; porque numa época como aquela não havia muita contemplação.

— Continue com a sua história — disse Holmes.

— Pois muito bem. Depois, Abdullah, Akbar e eu o carregamos. Apesar de baixote, ele não era nada leve. Muhammad Singh ficou de guarda na porta. Nós o levamos para um

lugar que os siques já tinham preparado. Ficava a certa distância, através de uma passagem tortuosa, numa grande sala vazia cujas paredes de tijolos estavam caindo aos pedaços. A terra do chão afundara num ponto, formando uma sepultura natural, de modo que ali deixamos o mercador Ahmet, depois de cobri-lo com tijolos soltos. Feito isso, voltamos ao tesouro.

“A caixa estava onde ele a tinha deixado cair quando fora atacado pela primeira vez. Era essa mesma que aí está aberta na sua mesa. Tinha uma chave pendurada por um cordão de seda na alça lavrada. Nós a abrimos, e, à luz do lampião, resplandeceu uma coleção de jóias como as das histórias que eu lia quando garoto em Pershore.

“A gente cegava ao olhar para elas. Depois de deliciarmos os nossos olhos, nós as tiramos todas e fizemos uma lista. Havia cento e quarenta e três diamantes de primeira água, inclusive um que chamavam, se bem me lembro, de ‘Grão-Mongol’, e diziam que era a segunda pedra em tamanho existente no mundo. Havia mais noventa e sete esmeraldas belíssimas e cento e setenta rubis, mas alguns deles eram muito pequenos. Havia quarenta carbónculos, duzentas e dez safiras, sessenta e uma ágatas e uma grande quantidade de berilos, ônix, olhos-de-gato, turquesas e outras pedras cujos nomes eu naquela época nem sabia, mas que agora conheço melhor. Além disso, quase trezentas pérolas finíssimas, doze das quais engastadas numa grinalda de ouro. A propósito, estas últimas foram tiradas da caixa; não estavam lá quando a recuperei.

“Depois de contar toda essa riqueza, tornamos a colocá-la na caixa e a levamos para a porta, a fim de mostrá-la a Muhammad Singh. Então repetimos solenemente o nosso juramento de confiar uns nos outros e guardar o nosso segredo. Combinamos esconder a nossa presa num lugar seguro até que o país estivesse de novo em paz e pudéssemos dividi-la igualmente entre nós. Não era conveniente reparti-la na ocasião, porque, se um de nós fosse encontrado com pedras preciosas, causaria suspeitas, e no forte não havia reserva nem tínhamos outro lugar onde guardá-las. Lewimos então a caixa para a mesma sala onde tínhamos enterrado o corpo, e lá, debaixo de uns tijolos, na parede mais bem conservada, fizemos um buraco e pusemos o nosso tesouro. Tomamos nota do lugar, e no dia seguinte tracei quatro plantas, uma para cada um de nós, e pusemos o nosso signo, o signo dos quatro, abaixo delas, porque tínhamos jurado que sempre haveríamos de proceder em nome e a favor dos quatro, para que nenhum tivesse mais que os outros. Quanto a esse juramento, posso pôr a mão no coração e dizer que nunca faltei a ele.

“Bem, é desnecessário dizer-lhes como terminou o grande motim. Depois que Wilson tomou Delhi e Sir Colin aliviou Lucknow, a espinha da revolta estava quebrada. Tropas novas começaram a chegar, e o próprio Nana Sahib atravessou a fronteira. Uma coluna avançada, sob o comando do coronel Greathed, entrou em Agra e expulsou os sipaios. A paz parecia voltar ao país, e nós quatro já tínhamos esperanças de que estava próximo o momento de sairmos em segurança com a nossa presa. Mas de repente essas esperanças foram frustradas pela nossa inesperada prisão como assassinos de Ahmet.

“Aconteceu assim: quando o rajá pôs as suas jóias nas mãos de Ahmet foi por saber que ele era um homem de confiança. Mas os orientais são muito desconfiados, de forma que esse rajá não hesitou em despachar um segundo criado, ainda mais fiel, para seguir o primeiro. Este segundo homem tinha ordem de não perder Ahmet de vista, e por isso o seguia como a sua sombra. Naquela noite, vinha atrás dele e viu-o entrar pela nossa

porta. Naturalmente, pensou que o outro havia se refugiado no forte, e no dia seguinte, pediu abrigo lá, mas não encontrou nenhum sinal de Ahmet. Isso lhe pareceu tão estranho que falou ao sargento da guarda, e a coisa foi parar nos ouvidos do comandante. Deram imediatamente uma busca rigorosa, e o corpo foi descoberto. Assim, precisamente quando já nos julgávamos seguros, nós quatro fomos presos e julgados por crime de morte: três, porque guardávamos a porta naquela noite, e o quarto, por ter sido visto na companhia da vítima. Nenhuma palavra sobre as jóias surgiu durante o julgamento, pois o rajá tinha sido deposto e exilado, de maneira que ninguém tinha interesse em saber o fim que havia levado. Mas ficou bem claro que o homem fora assassinado, e era evidente que devia ter sido obra nossa. Os três siques pegaram uma sentença de trabalhos forçados por toda a vida, e eu fui condenado à morte, mas depois comutaram a minha pena e tive a mesma sorte dos outros.

“Estávamos portanto numa situação bem estranha. Lá nos víamos os quatro amarrados por uma perna, com pouquíssimas probabilidades de um dia escapar, e cada um de nós possuindo um segredo que nos daria um palácio se pudéssemos fazer alguma coisa com ele. Era de roer as entranhas ter de agüentar os cascudos e pontapés de qualquer guarda idiota, passar a arroz e água, quando aquela esplêndida fortuna estava lá fora à nossa espera. Eu podia ter enlouquecido, mas sempre fui um homem cabeçudo, e ali fiquei, dando tempo ao tempo.

“Por fim, pareceu chegar a minha oportunidade. Fomos transferidos de Agra para Madrasta, e de lá para Blair, que é uma das ilhas Andaman. Havia muito poucos sentenciados brancos nesse estabelecimento, e, como desde o princípio eu sempre me portara bem, logo consegui certos privilégios. Deram-me uma choça em Hope Town, que é um lugarejo do sopé do monte Harriet, e deixavam-me quase entregue a mim mesmo. E um lugar terrível, com malária por toda parte, e, pouco além das nossas pequenas clareiras, infestado de canibais sempre prontos a atirar um espinho envenenado, quando havia oportunidade. Havia muito o que cavar, valas a abrir e inhame a plantar, e uma dúzia de outras coisas a fazer, de maneira que trabalhávamos o dia inteiro. A noite, contudo, sobrava-nos algum tempo. Entre outras coisas, aprendi a aviar remédios para o cirurgião, e também alguma coisa do ofício dele. Andei durante todo o tempo à procura de uma oportunidade para fugir; mas a ilha fica a centenas de quilômetros de qualquer outra terra, e naqueles mares o vento é pouco ou nenhum, de modo que escapar era quase impossível.

“O cirurgião, dr. Somerton, era um rapaz alegre e folgazão, e os outros oficiais jovens reuniam-se à noite no alojamento dele para jogar cartas. A farmácia, onde eu manipulava as minhas drogas, ficava ao lado da sala dele, com uma janelinha entre nós. Muitas vezes, quando me sentia muito só, apagava a luz da farmácia e ficava ouvindo as conversas deles e olhando para o jogo. Não desdenho uma partida de cartas, e ver os outros jogando era quase tão bom como estar com o baralho na mão. Lá iam o major Sholto, o capitão Morstan e o tenente Bromley Brown, que comandavam a guarnição de soldados nativos; e, além do cirurgião, havia dois guardas graduados do presídio, que eram duas raposas com as cartas e jogavam com astúcia e segurança. Formavam uma rodinha discreta e matavam o tempo.

“Ora, desde o começo notei uma coisa curiosa, isto é, que os soldados perdiam sempre e os civis ganhavam. Não que houvesse trapaça, mas era assim. Aqueles camaradas da prisão não tinham feito outra coisa senão jogar cartas desde que estavam

nas ilhas, e um conhecia o jogo do outro de cor e salteado, ao passo que os outros só jogavam por passatempo, e baixavam as cartas a esmo. Cada noite os soldados ficavam mais pobres, e quanto mais perdiam mais queriam jogar. O major Sholto era quem estava com prejuízo maior. A princípio pagava em notas e moedas de ouro, mas em breve começou a assinar letras, e as somas não eram pequenas. Às vezes ganhava alguma coisa, o que só servia para entusiasmá-lo, e depois a sorte virava-se contra ele ainda mais do que antes. Durante todo o dia, andava trançando as pernas, com a cara mais feia do que noite sem lua, e começou a beber mais do que lhe convinha.

"Uma noite perdeu uma quantia bem maior do que costumava. Eu estava sentado à porta da minha choça, quando ele e o capitão Morstan passaram cabisbaixos a caminho dos seus alojamentos. Eram amigos sinceros, aqueles dois, e onde andava um andava o outro. O major ia reclamando das suas perdas.

"'Está tudo acabado, Morstan', dizia ele, ao passarem por mim. 'Tenho de deixar o exército. Estou arruinado.'

"'Tolice, meu velho!', disse o outro, dando-lhe uma palmada no ombro. 'A minha sorte também anda negra, mas eu...' Foi tudo quanto ouvi, mas era o suficiente para me fazer pensar.

"Dois ou três dias mais tarde, o major Sholto andava caminhando pela praia, de maneira que aproveitei a oportunidade para falar com ele.

'Preciso dos seus conselhos, major', comecei.

'Que há, Small?', perguntou ele, tirando o charuto da boca.

'Queria lhe perguntar, major, quem é a pessoa indicada para eu entregar um tesouro escondido. Sei onde está um que vale meio milhão, e, como não posso fazer nada dele, pensei que o melhor seria entregá-lo às autoridades competentes, pois assim talvez diminuíssem a minha pena.

'Meio milhão, Small!', exclamou ele, cravando-me os olhos para ver se eu estava falando sério.

'É verdade, major... em jóias e pérolas. Está à espera de quem vá buscá-lo. E a coisa mais esquisita é que o verdadeiro dono está exilado, de modo que o tesouro pertence a quem chegar primeiro.'

'Pertence ao governo, Small', balbuciou ele, 'ao governo.'

"Mas disse isto com muita hesitação, e tive certeza de que o apanhara.

"'Então o senhor acha que devo informar o governador-geral?', perguntei tranqüilamente.

'Bem, você não deve fazer nada precipitado, que é para depois não se arrepender. Conte-me isso primeiro, Small. Exponha-me os fatos.'

“Contei-lhe toda a história, com pequenas alterações, para que não pudesse identificar os lugares. Quando terminei, ficou mudo e pensativo. Eu via pelos seus lábios torcidos que estava lutando consigo próprio.

“‘É um assunto muito importante, Small’, disse ele por fim. ‘Não diga uma palavra a ninguém, que depois venho falar com você.’

“Dois dias depois, ele e seu amigo, o capitão Morstan, vieram à minha choça na calada da noite com um lampião.

‘Quero que você conte aquela história ao capitão Morstan’, disse-me ele.

“Repeti-a com as mesmas palavras.

‘Parece ser verdade, não?’, acrescentou. ‘Valerá a pena levá-la a sério?’

“O capitão Morstan concordou com um aceno.

‘Escute, Small’, disse o major. ‘Estivemos falando a esse respeito, o meu amigo e eu, e chegamos à conclusão de que o assunto não é da conta do governo, mas do seu interesse particular, de maneira que, sem dúvida alguma, você pode dispor dele como bem entender. Agora a questão é esta: que preço pede por ele? Talvez possamos ir buscá-lo, ou ao menos ver do que se trata, se nos entendermos quanto às condições.’

“Ele procurava falar de um modo desinteressado e indiferente, mas seus olhos brilhavam de alvoroço e cobiça.

“‘Ora, quanto a isso, major’, respondi, querendo mostrar a mesma indiferença, mas sentindo-me tão nervoso como ele, ‘só há um negócio que na minha situação um homem possa fazer. Quero que me ajudem a recuperar a liberdade, e a dos meus três companheiros. Nós lhes daremos sociedade no tesouro, com direito a um quinto, para dividirem entre os dois.’

‘Hum’, fez ele. ‘Um quinto! Isso não é muito tentador.’

“‘Seriam umas cinqüenta mil libras para cada um’, disse eu.

‘Mas como o ajudaríamos a recuperar a liberdade? Você sabe muito bem que está pedindo o impossível.’

“‘Nada disso’, respondi. ‘Já pensei em tudo com todos os pormenores. A única coisa que impede a nossa fuga é não termos um barco apropriado para a viagem, nem provisões para tanto tempo. Há muitas embarcações em Calcutá ou Madrasta, pequenos iates ou chalupas, que nos serviriam muito bem. Tragam uma para cá. Entraremos a bordo de noite, e, se nos deixarem em qualquer ponto da costa indiana, terão cumprido a sua parte no negócio.’

“‘Se ao menos fosse um só’, disse ele.

"'Ou todos ou nenhum', respondi. 'Fizemos um juramento. Nós quatro devemos estar sempre juntos.'

'Você vê, Morstan?', disse ele. 'Small é um homem de palavra. Não quer faltar aos seus amigos. Acho que podemos confiar nele.'

"'Ë um negócio sujo', respondeu o outro. 'Mas, como você diz, o dinheiro salvará os nossos postos.'

"'Muito bem, Small', disse o major. 'Acho que podemos aceitar as suas condições. Mas é claro que primeiro temos de comprovar a veracidade da sua história. Diga-me onde está escondida a caixa, que eu pedirei licença e irei à índia no barco deste mês a fim de ver o assunto.'

'Não pode ser assim tão depressa', disse eu, ficando mais indiferente à medida em que ele se entusiasmava. Preciso do consentimento dos meus três camaradas. Já lhe disse que conosco é quatro ou nenhum.'

'Tolice!', exclamou ele. 'Que é que três indianos têm a ver com o nosso acordo?'

'Pretos ou azuis', disse eu, 'eles estão comigo, e vamos todos juntos.'

"Bem, o assunto terminou com uma segunda entrevista, à qual Muhammad Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar estiveram presentes. Tratamos de tudo novamente e por fim chegamos a um acordo. Ficamos de fornecer aos oficiais dois mapas daquela parte do Forte de Agra e marcar o lugar da parede onde o tesouro estava escondido. O major Sholto iria à índia para comprovar a nossa história. Se encontrasse a caixa, devia deixá-la no mesmo lugar, mandar-nos um pequeno iate abastecido para a viagem, que ficaria ao largo da ilha Rutland, onde o tomaríamos, e depois voltaria para o seu posto. O capitão Morstan pediria então uma licença, para nos encontrar em Agra, e lá faríamos a divisão final do tesouro, dando-lhe também a parte do major. Tudo isso foi selado com os juramentos mais solenes que a mente podia formar e os lábios dizer. Passei toda a noite lidando com papel e tinta, e de manhã tinha dois mapas prontos e marcados com o signo dos quatro, isto é, Abdullah, Akbar, Muhammad e eu.

"Bem, cavalheiros, estou cansando-os com esta história tão comprida, e sei que o meu amigo sr. Jones está ansioso por me ver dançar na ponta da corda. Vou terminar o mais depressa possível. O patife do Sholto embarcou para a índia, mas fez a viagem do corvo. Pouco tempo depois, o capitão Morstan mostrou-me o nome dele numa lista de passageiros de um vapor. Morrera um tio dele, deixando-lhe uma fortuna, e ele pedira demissão do exército; mas mesmo assim teve a baixeza de tratar cinco homens da maneira como os tratou. Morstan foi a Agra pouco depois e verificou, como esperávamos, que o tesouro tinha desaparecido. O canalha tinha-o roubado sem cumprir uma só das condições sob as quais lhe havíamos revelado o segredo. Desde esse dia só vivi para a vingança. Pensava nisso o dia todo e à noite ainda mais. Tornou-se a minha obsessão. Pouco me importava a lei... ou a forca. Fugir, encontrar Sholto, meter-lhe as mãos no pescoço... era esse o meu único pensamento. Até o tesouro de Agra já não tinha tanto valor como a morte dele pelas minhas mãos.

“Bem, como disse, sou teimoso, e nunca resolvi fazer uma coisa para depois voltar atrás. Mas passaram-se muitos e tristes anos antes que chegasse a minha oportunidade. Já lhes disse que tinha aprendido alguma coisa de medicina. Um dia, quando o dr. Somerton estava doente, um pequeno selvagem da ilha foi encontrado no mato por um grupo de sentenciados. Estava à morte, e tinha escolhido um lugar solitário para morrer. Dei-lhe a mão, embora ele fosse tão venenoso como uma serpente, e, depois de uns dois meses, consegui pô-lo de pé. Ele afeiçoou-se a mim e nem quis voltar para o mato. Vivia rondando a minha choça. Aprendi um pouco da língua dele, o que ainda aumentou o apego dele por mim.

“Tonga, assim se chamava, era um excelente barqueiro e possuía uma canoa grande e boa. Quando percebi que me era dedicado e faria qualquer coisa que eu quisesse, vi minha oportunidade de fugir. Combinei a coisa com ele. Tonga devia trazer a sua canoa até um molhe abandonado, onde não havia sentinela, e ir me buscar ali certa noite. Dei-lhe instruções para arranjar várias cabaças com água e uma boa quantidade de cocos, inhame e batatas.

“Ele era fiel e constante, o pequeno Tonga. Ninguém jamais teve um amigo tão devotado. Na noite combinada, encostou a canoa ao molhe. Mas aconteceu que um dos guardas do presídio estava lá. . . um malvado que nunca perdia a oportunidade de me insultar e maltratar. Eu tinha jurado vingança, e agora a sorte me favorecia. Era como se o destino o tivesse posto no meu caminho para que eu cobrasse a minha dívida antes de deixar a ilha. Ele estava na praia com a carabina a tiracolo, de costas para mim. Procurei uma pedra para lhe esmagar a cabeça, mas não pude encontrar nenhuma.

“Então veio-me uma idéia sobre uma arma esquisita que eu podia ter à mão. Sentei-me no escuro e desamarrei a minha perna de pau. Com três pulos, eu estava em cima dele. Ainda levou a arma ao ombro, mas eu o atingi em cheio e afundei-lhe a testa. Podem ver a marca na minha perna de pau, aqui onde falta uma lasca. Caímos os dois juntos porque eu não pude manter o equilíbrio, mas, quando me levantei, ele ficou estendido na areia. Tonga tinha trazido consigo todos os seus bens terrenos, suas armas e seus deuses. Entre outras coisas, tinha uma comprida lança de bambu e algumas esteiras de palha de coqueiro com que fiz uma espécie de tocha. Durante dez dias, andamos vagando a esmo, confiando na sorte, e no décimo primeiro fomos recolhidos por um cargueiro que ia de Cingapura para Jiddah com uma leva dc peregrinos malaios. Era uma gente esquisita, e Tonga e eu nos demos muito bem com eles. Tinham uma boa qualidade, isso tinham: deixavam a gente em paz e não faziam perguntas.

“Mas se eu fosse contar todas as aventuras por que eu e o meu pequeno camarada passamos, seria um nunca acabar, e ficaria aborrecendo-os até amanhã de manhã. Andamos vagueando pelo mundo, aqui e ali, e sempre havia qualquer coisa que nos impedia de vir para Londres. Mas durante todo esse tempo eu não perdia de vista o meu objetivo. Chegava a sonhar com Sholto. Matei-o mais de cem vezes em sonhos. Finalmente, depois de uns três ou quatro anos, chegamos à Inglaterra. Não tive grande dificuldade em descobrir onde Sholto morava, e logo tratei de saber se ele tinha vendido o tesouro ou ainda o conservava. Fiz-me amigo de alguém que podia me ajudar, cujo nome não digo porque não preciso meter ninguém em apuros, e em seguida descobri que ainda tinha as jóias. Então procurei chegar até ele de muitas maneiras, mas o

homem era ladino, e além disso tinha dois guarda-costas, mais os filhos e o seu kbitmutgar para protegê-lo.

“Um dia, contudo, fui informado de que estava moribundo. Corri para lá imediatamente, pulei o muro e cheguei ao jardim, doido de raiva porque ele fugia daquela maneira das minhas garras. Olhando pela janela, vi-o na cama, com um filho de cada lado. Eu teria entrado mesmo assim e arriscado a minha sorte contra os três, se não visse que naquele momento o queixo lhe pendia e ele entregava a alma ao Diabo. Penetrei no quarto dele nessa mesma noite e rebusquei os seus papéis para ver se havia alguma indicação a respeito do lugar onde tinha escondido as jóias. Não encontrei um só indício e saí tão amargurado e furioso quanto um homem pode ficar. Mas antes de sair pensei que, se algum dia encontrasse os meus amigos siques, seria uma satisfação poder dizer-lhes que tinha deixado um sinal do nosso ódio. Assim, garatujei o signo dos quatro num pedaço de papel, como tinha posto nos mapas, e pendurei-o sobre o peito dele. Não era possível que fosse para a cova sem levar o menor sinal dos quatro homens que tinha roubado e enganado.

“Nessa época, nós ganhávamos a vida nas feiras e em outros lugares onde eu exibia o pobre Tonga como um canibal feroz. Ele comia carne crua e dançava a sua dança de guerra, de maneira que tínhamos sempre um punhado de moedas no fim do dia. Eu continuava a saber de tudo o que se passava em Pondicherry Lodge, e durante alguns anos não houve nenhuma notícia, a não ser que estavam à procura do tesouro. Mas finalmente veio o que havia tanto tempo esperávamos. O tesouro fora encontrado. Estava no teto da casa, em cima do laboratório químico do sr. Bartholomew Sholto.

“Fui lá imediatamente e dei uma vista d’olhos pelo lugar, mas vi que nunca poderia subir até aquela janela com a minha perna de pau. Fiquei sabendo, contudo, que havia um alçapão no telhado e qual a hora em que o sr. Sholto descia para o jantar. Pareceu-me então que poderia arranjar a coisa facilmente por intermédio de Tonga. Trouxe-o comigo e enrolei uma comprida corda à sua cintura. Ele subia como um macaco, e logo chegou ao telhado e entrou pelo alçapão; mas quis a nossa má sorte que Bartholomew Sholto, para sua infelicidade, ainda estivesse na sala.

“Tonga pensou que tivesse feito uma bela coisa ao matá-lo, pois, quando subi pela corda, encontrei-o cheio de si, orgulhoso como um pavão. Muito espantado ficou quando comecei a surrá-lo com a corda, praguejando contra seus instintos selvagens. Apanhei a caixa do tesouro e arriei-a pela corda. Depois, escorreguei por ela, deixando o signo dos quatro em cima da mesa, para mostrar que as jóias tinham por fim voltado a quem tinha mais direito a elas. Tonga puxou a corda, fechou a janela e saiu por onde tinha entrado.

“Acho que não tenho mais nada a lhes dizer. Ouvi um marinheiro falar da velocidade da lancha de Smith, a Aurora, e achei que seria uma ótima embarcação para a nossa fuga. Contratei o serviço com o velho Smith e fiquei de lhe dar uma boa quantia se chegássemos sãos e salvos ao navio. Ele sem dúvida desconfiou que havia qualquer coisa, mas não foi informado do nosso segredo. Tudo isso é a pura verdade, e se a estou contando não é para divertir os senhores, porque o que me fizeram não é nada bom, mas por acreditar que a minha melhor defesa é não esconder nada, e para que todos fiquem

sabendo que o major Sholto procedeu mal comigo e que estou inocente da morte do filho dele.”

— Ë um relato notável — disse Sherlock Holmes. — Isso põe fim de maneira apropriada a um caso muitíssimo interessante. Não há nada de novo para mim na última parte da sua narrativa, exceto que trouxe a corda com você. Isso eu não sabia. A propósito, julgava que Tonga tivesse perdido todos os seus dardos, mas ele conseguiu nos atirar um da lancha.

— E tinha-os perdido mesmo, menos um, que estava na sua zarabatana.

— Ah, sim! — disse Holmes. — Não tinha pensado nisso.

— Há mais alguma coisa que o senhor deseje saber? — perguntou afavelmente o sentenciado.

— Não, creio que não. Muito obrigado — respondeu o meu companheiro.

— Bem, Holmes — disse Athelney Jones —, você é um homem a quem temos de fazer a vontade e, todos nós sabemos, um perito em criminologia, mas obrigação é obrigação, e já fui longe demais em fazer o que você e o seu amigo me pediram. Ficarei mais descansado depois de aferrolhar o nosso contador de histórias. O carro ainda está à nossa espera, e há dois inspetores lá embaixo. Estou muito agradecido a ambos pelo auxílio. Naturalmente, serão chamados a depor durante o julgamento. Boa noite para os senhores.

— Boa noite, cavalheiros — disse Jonathan Small.

— Vá na frente, Small — mandou o prudente Jones.

— Tomarei o maior cuidado para que não me esmague a cabeça com a sua perna de pau, como disse ter feito com o homem lá nas ilhas.

— Bem, e aqui termina o nosso pequeno drama — disse eu, depois de ficarmos fumando um pouco em silêncio.

— Receio que esta seja a última investigação em que tive a oportunidade de estudar os seus métodos. A srta. Morstan deu-me a honra de me aceitar como seu futuro marido.

Holmes emitiu um resmungo lúgubre.

— Eu temia isso — disse ele. — Francamente, não posso felicitá-lo.

Fiquei um tanto magoado.

— Tem alguma razão para não concordar com a minha escolha?

— Nenhuma. Acho que ela é uma das jovens mais encantadoras que já encontrei, e que ainda poderia ser muito útil num trabalho como o que acabamos de fazer. Tem faro para

isso, haja vista como guardou o mapa de Agra entre todos os papéis de seu pai. Mas o amor é uma coisa emotiva, e o que quer que seja emotivo é contrário a esse raciocínio frio e correto que ponho acima de tudo. Nunca me casarei, para evitar que isso perturbe o meu raciocínio.

— Confio — disse eu, rindo — em que o meu possa sobreviver a essa prova. Mas você parece muito cansado.

— Sim, é a reação que chega. Ficarei imprestável por uma semana.

— É estranho — observei — como aquilo a que em outro homem eu chamaria preguiça se alterna em você com acessos de esplêndida energia e vigor.

— Sim — respondeu ele —, tenho suficiente propensão para ser um grande preguiçoso e tendência não menor para ser um sujeito dos mais ativos. Freqüentemente me ocorrem estas linhas de Goethe:

"Schade, dass die Natur nur einen Mensch aus dir schuf, Denn zum würdigen Mann war und zum Schelmen der Stoff" [1].

"Mas, ainda a propósito desse assunto de Norwood, viu como ele tinha um aliado dentro da casa? Não pode ser outro senão Lal Rao, o mordomo, de maneira que Jones realmente teve o mérito indiscutível de apanhar um peixe nesta grande rede."

— Esta divisão não me parece justa — observei. Você é que fez todo o trabalho neste caso. Eu arranjei uma esposa, Jones fica com o mérito, e você... que lhe resta?

— Para mim — disse Sherlock Holmes — resta sempre a expectativa de recomeçar, a cada momento, um novo caso.

[1] "Pena que a natureza fizesse de ti um só indivíduo, / porque havia matéria para um homem digno e para um patife." (N. do T.)

Retirado de: <http://mundosherlock.googlepages.com>. Acesso em: 28 de março de 2010.